

unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – RIO CLARO



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**“PARA SEU PRÓPRIO BEM”: EDUCAÇÃO E CASTIGO NA OBRA DE
ALICE MILLER**

ROSELI ZANON BRASIL

**Rio Claro – SP
2020**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**“PARA SEU PRÓPRIO BEM”: EDUCAÇÃO E CASTIGO NA OBRA DE
ALICE MILLER**

ROSELI ZANON BRASIL

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Romualdo Dias.

**Rio Claro – SP
2020**

B823s Brasil, Roseli Zanon
 Para seu próprio bem : educação e castigo na
 obra de Alice Miller / Roseli Zanon Brasil. -- Rio
 Claro, 2020
 134 f.

 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual
 Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro
 Orientador: Romualdo Dias

 1. Educação. 2. Educação e psicanálise. 3.
 Maus-tratos com as crianças. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: "PARA SEU PRÓPRIO BEM": EDUCAÇÃO E CASTIGO NA OBRA DE ALICE MILLER

AUTORA: ROSELI ZANON BRASIL

ORIENTADOR: ROMUALDO DIAS

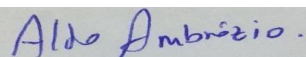
Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:



Prof. Dr. ROMUALDO DIAS (Participação Virtual)
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Profa. Dra. GLAUCINEIA GOMES DE LIMA (Participação Virtual)
Faculdade de Psicologia / Universidade Anhembi Morumbi - São paulo / SP



Prof. Dr. ALDO AMBRÓZIO (Participação Virtual)
Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH / Universidade Estadual de Campinas

Rio Claro, 13 de novembro de 2020

“O sentimento de gratidão é uma das mais claras expressões da capacidade de amar. A gratidão é um fator essencial para estabelecer a relação com o objeto bom e apreciar a bondade dos outros e a sua própria.”

Melanie Klein

AGRADECIMENTOS

AGRADE(SI)MENTOS

AGRADECER - AGRADAR(SER)

AGRADE-SE

(A)GRADAR-CIMENTOS

Sou **GRATA**, pois, talvez mesmo sem saber, vocês me trouxeram até aqui, caminhando comigo e apontando as (im)possibilidades...

Com cada pessoa, vários aprendizados...

Para cada pessoa, vários sentimentos...

Vocês são poesia em mim!! E para mim!!!

DOLLY E TAHIRA - Gratidão por serem a razão do meu existir. Com vocês e por vocês não tenho limites.

“Eu não tenho paredes. Só tenho horizontes.”

Mario Quintana

ELZA E ZANON - Gratidão pela minha vida e por me ensinar o sentido maior dela: lutar e ajudar a construir um mundo justo e humanizado.

“O seu trabalho não é a pena que paga por ser homem, mas um modo de amar e de ajudar o mundo a ser melhor.”

Thiago de Mello

DILDO - Gratidão pelos sonhos, amor e descobertas compartilhadas.

“Sonhar é acordar-se para dentro.”

Mario Quintana

ROMUALDO - Gratidão pela companhia na travessia e na desconfiança.

“O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia”.

“Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa”.

“Quem desconfia fica sábio”.

Guimarães Rosa

À MINHA FAMÍLIA - Gratidão pelas coisas simples e importantes da vida, pelo amor, pelo respeito e pela vida compartilhada.

“Viver é acalentar sonhos e esperanças, fazendo da fé a nossa inspiração maior. É buscar nas pequenas coisas, um grande motivo para ser feliz!”

Mario Quintana

SUELI, HENRIQUE, SANDRA - Gratidão pelo amor e amizade tão antigos e tão verdadeiros. Pela presença amorosa em todas as horas.
“A amizade é um amor que nunca morre.”
Mario Quintana

IARA - Gratidão pela amizade tão recente e tão verdadeira.
“Na convivência, o tempo não importa.
Se for um minuto, uma hora, uma vida.
O que importa é o que ficou deste minuto,
desta hora... desta vida...”
Mario Quintana

D aí por diante, a vida do garoto foi dar capim para os elefantes e carne para os tigres. Os primeiros logo começaram a gostar dele. O maior deles, chamado Mamute, quando o via, levantava a tromba e soltava um berro de se ouvir longe. O menino passava debaixo das pernas daqueles gigantes sem medo nenhum. Mamute o agarrava com a tromba, o levantava e o punha nas costas. E, montado no pescoço de Mamute, Baita **sonhava que ia conquistar o mundo**. A cada dia que passava parecia que ele **aprendia mais** com os elefantes.

Mas logo estava na hora de alimentar os tigres.

Com os tigres, era diferente.

Nenhum tigre queria ser seu amigo.

Quando trazia a carne, eles avançam como se também quisessem come-lo.

Não tinham olhos bons como os elefantes. Tinham olhos de aço verde, um fogo malvado brilhando lá dentro.

Porque tigres não gostam de ninguém. Nem dos próprios tigres. Cada um vivia sozinho em sua jaula. Não eram como os elefantes, que conseguiam ficar juntos, machos e fêmeas, sem brigar, sem disputar comida.

Baita impressionava-se com a velocidade daqueles animais listrados. Com o seu jeito atento. Pareciam dormir com um olho fechado e o outro aberto. Ao primeiro ruído, estavam de pé, rondando com aqueles olhos de gelar o coração de quem não fosse tigre.

Devagarzinho, ele foi entendendo a diferença entre os elefantes e os tigres. Até que um dia ele entendeu. **A diferença é que os tigres tinham medo. Por isso é que eram assim: quem tinha medo, só podia dar medo. O mundo deles era um mundo com medo.**

Os elefantes, não. Eles não tinham medo de nada. Parecia que tudo estava certo, viver era bom.

Baita já tinha tido medo várias vezes na vida. Mas, nunca como um tigre.

Então ele pensou: 'Quando eu tiver muito medo, quero ser como um tigre. Até lá, quero ser como um elefante.'

Paulo Leminski (1993)
(grifos nossos)

A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.

Hannah Arendt (2007)

RESUMO

Nesta pesquisa assumimos o objetivo de estudar a obra da psicanalista Alice Miller para compreender a sua crítica estabelecida sobre a pedagogia, de um modo geral, e sobre a escola, de um modo particular. Recolhemos em sua obra as análises sobre os maus-tratos cometidos contra as crianças, os seus efeitos na produção do ódio e a sua força na sustentação de uma cadeia de violência em toda a sociedade. Nós nos empenhamos em compreender o seu modo de conceber a reparação como uma forma de desfazer o ódio instalado na dinâmica de constituição do sujeito, bem como os seus efeitos sobre os coletivos em seus esforços de estabelecer uma ordem social assentada em fundamentos democráticos. Expomos os seus argumentos sobre a ineficácia de uma proposta de fazer as crianças perdoarem seus pais pelos maus-tratos cometidos. Discutimos a proposta de reparação e sua relação com a presença do “mandamento do perdão” na cultura ocidental. Analisamos o quanto a crítica sobre a escola considera ou não a possibilidade de introduzir a reparação como parte dos processos educacionais. A iniciação nos estudos da obra de Alice Miller nos permite colocar em discussão possíveis contribuições dos saberes elaborados pela Psicanálise para o estabelecimento de um horizonte de colaboração com a Educação em seu empenho para responder aos desafios colocados à escola na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Psicanálise. Educação. Infância. Maus tratos. Alice Miller.

ABSTRACT

This research has as its purpose the study of the work by the psychoanalyst Alice Miller in order to comprehend her established criticism about pedagogy in general and, about schools in a particular way. We recollected from her work the analyses about mistreatment committed against children and its effects as produce of hate and its strength on the sustenance in a chain of violence in all society. We engaged in comprehend her manner to conceive the process of reparation as a way to undo the installed hatred that compose the dynamic of the subject's formation, as so the effects on the collective and its efforts of stablishing a social order supported on democratic foundation. We exposed her arguments about the inefficiency of a proposal that suggest that children forgive the mistreat of their parents. It's also discussed the repair proposal and its relation with "commandment of forgiveness" in the western culture. We analyze how it consists in her critics about school the insert possibilities of repair as part of educational process. Novitiate Alice Miller's work allows us put in discussion possible contributions from elaborated knowledge by Psychoanalyzes to stablish a new collaboration horizon within Education and its effort to answer challenges placed in school by contemporary society.

Key Words: Psychoanalysis. Education. Childhood. Mistreatment. Alice Miller.

RESUMEN

En esta investigación asumimos el objetivo de estudiar el trabajo de la psicoanalista Alice Miller para comprender su crítica establecida sobre la pedagogía, en general, y sobre la escuela, de manera particular. Reunimos en su trabajo los análisis sobre el maltrato a los niños, sus efectos en la producción de odio y su fuerza para sostener una cadena de violencia en toda la sociedad. Nos esforzamos por entender su forma de concebir la reparación como una forma de deshacer el odio instalado en la dinámica constitucional del sujeto, así como sus efectos sobre los colectivos en sus esfuerzos por establecer un orden social basado en fundamentos democráticos. Presentamos sus argumentos sobre la ineficacia de una propuesta para hacer que los niños perdonen a sus padres por el maltrato que han cometido. Discutimos la relación entre la reparación propuesta y su relación con la presencia del "mandamiento del perdón" en la cultura occidental. Analizamos cuánto la crítica a la escuela considera o no la posibilidad de introducir la reparación como parte de los procesos educativos. La iniciación en los estudios de la obra de Alice Miller nos permite discutir las posibles aportaciones de los conocimientos elaborados por el Psicoanálisis al establecimiento de un horizonte de colaboración con la Educación en su esfuerzo por dar respuesta a los retos que plantea la escuela en la sociedad contemporánea.

Palabras clave: Psicoanálisis. Educación. Infancia. Malos tratos. Alice Miller.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 – ALICE MILLER: OS TRAUMAS DA INFÂNCIA E A DOR HUMANA	21
1.1 - O Drama da Criança Bem Dotada – Como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos	25
1.2 - A Verdade Liberta – Superando a cegueira emocional.....	33
1.3 - No Princípio era a Educação.....	39
1.4 - Não Perceberás – Variações sobre o tema do paraíso.....	51
1.5 - A Revolta do Corpo.....	58
2 – A FITA BRANCA: A ARTE, SEU SENTIDO ESTÉTICO E POLÍTICO	66
2.1 - O filme: enredo, cenário e personagens	69
2.2 - Os enlaces: Alice Miller e A Fita Branca	73
2.3 – As Marcas: das “fitas” e da “educação”	83
3 – OS „MANUAIS EDUCACIONAIS” E SEUS (DES)CAMINHOS	88
3.1 Educação à serviço da submissão - J. Sulzer (1748).....	89
3.2 Imposição da autoridade - J.G. Krüger (1752)	93
3.4 A palavra e o desamparo - C.G. Salzmann (1796).....	101
3.5 A repressão das emoções - J. Sulzer (1748) e D.G.M. Schreber (1858) ...	103
3.6 A dor e a religião - K.A. Schmid (1887)	108
3.7 Gratidão e desejo - J.B. Basedow (1773).....	110
3.8 Silêncio e obediência - L. Kellner (1852)	112
3.9 As questões sexuais - J. Oest (1787).....	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
BIBLIOGRAFIA	129

INTRODUÇÃO

Inicialmente de forma intuitiva e, mais adiante, de forma científica descobri que toda ação, e também toda palavra, tem sua origem no desejo. O desejo de realizar algo, de ter ou de escrever algo, desejo de ser, de proferir, de amar, de viver. Desejo esse que, hoje sei, brota da falta e, por inteligente manobra da psique humana, na maioria das vezes, está guardado no inconsciente. Uma falta que traz potência ao desejo.

Assim, a pesquisa que ora apresento nasce exatamente de um desejo. Desejo de me envolver em descobertas, certezas e incertezas sobre os processos de constituição do sujeito e sobre os processos educacionais. Quiçá me envolver com os dois ao mesmo tempo numa sempre presente tentativa de pensar a Educação a partir dos princípios da Psicanálise. E pensar, também, as „diversas psicanálises“ a partir das minhas experiências com e na Educação.

Mas, devo alerta-los (talvez alertar mais a mim do que a vocês) que, conforme aprendi em minha trajetória acadêmica junto às mestras e aos mestres que me apresentaram e me mantiveram nos estudos das concepções psicanalíticas, o desejo desajusta e, mais que isso, que há nele uma impossibilidade de satisfação. Portanto, de antemão, temo ter pouco ou quase nenhum sucesso nesta que é minha primeira empreitada no mundo acadêmico *stricto sensu*. Mas, o desejo me impulsiona e, assim, seguirei fiel a ele. Iniciarei, então, contando como tudo começou e como cheguei à pesquisa que ora apresento os resultados.

Atuando como psicóloga, pedagoga e psicopedagoga felizmente uma inquietação sempre me rondava: os processos de constituição do sujeito e os processos educacionais se encontram? Articulam-se? Se sim, de que forma? Quando? Como? Em que situações? E se não se “afetam”, por quê? Por que os dois percursos não se cruzam se estão lidando com o mesmo sujeito? Diante dessas e tantas outras dúvidas, minha inquietação e questionamento só aumentaram.

Aumentaram tanto que esse passou a ser meu tema predileto na escolha de leituras e de minhas participações em congressos, seminários e colóquios.

Numa das inúmeras vezes em que li o texto “Mal Estar na Civilização”, escrito por Freud em 1929, me encontrei, pela primeira vez, com a seguinte afirmação: “A

educação se comporta como se equipasse pessoas de uma expedição polar com trajes de verão e mapas dos lagos italianos.” (p.137). Diante dela a minha curiosidade em refletir e pesquisar em que laços a Psicanálise e a Educação se enlaçam e como elas dialogam foi crescendo ainda mais. Que Educação é essa que, segundo Freud, ao invés de se comportar de forma a barrar o desejo de morte, encaminha as crianças para um vale frio e gelado sem nenhum recurso para lidar com ele? Uma Educação que deveria avivar a vida, a alegria e as descobertas, mas, ao contrário, encaminha a criança e o jovem para o esgotamento e a destruição? Diz ele em seu texto “Contribuições para uma discussão acerca do suicídio”,

Mas uma escola secundária deve conseguir mais do que não impelir seus alunos ao suicídio. Ela deve lhes dar o desejo de viver e devia oferecer-lhes apoio e amparo numa época da vida em que as condições de seu desenvolvimento os compelem a afrouxar seus vínculos com a casa dos pais e com a família. Parece-me indiscutível que as escolas falham nisso, e a muitos respeitos deixam de cumprir seu dever de proporcionar um substituto para a família e de despertar o interesse pela vida do mundo exterior. Esta não é a ocasião oportuna para uma crítica às escolas secundárias em sua forma presente; mas talvez eu possa acentuar um simples ponto. A escola nunca deve esquecer que ela tem de lidar com indivíduos imaturos a quem não pode ser negado o direito de se demorarem em certos estágios do desenvolvimento e mesmo em alguns um pouco desagradáveis. A escola não pode adjudicar-se o caráter de vida: ela não deve pretender ser mais do que uma maneira de vida. (FREUD, 1996[1910], p.141-142).

Avançando um pouco mais em minhas leituras e estudos certa vez ouvi um renomado psicanalista e professor da USP dizer que a Psicanálise pode contribuir com a Educação assinalando, não „o que se deve fazer” como se fosse uma medida prescritiva, mas, ao contrário, „o que não se deve fazer” na Educação. Ou, dito de outra forma, o que não deve ser feito às crianças.

“Não assinalar”, “não apontar”, “não direcionar”, “não conduzir”... Fiquei pensando se não é exatamente por isso que a Psicanálise, na esteira de Kant, aponta os três impossíveis: governar e educar e mais tarde foi acrescentado o esforço em psicanalisar! São três ações impossíveis, pois utilizam, por excelência, a palavra como ferramenta principal. E, diferente do que alguns possam pensar, como o inconsciente não está nas profundezas, mas sim “na ponta da língua”, o nosso desejo inconsciente é expresso, também, na palavra que proferimos ao outro. Portanto, assinalar, apontar, direcionar, conduzir, ordenar o que deve ser feito, seja

na Educação ou em qualquer outra área, não está nos princípios da Psicanálise, pois se há uma impossibilidade de controlar os efeitos das nossas intervenções, da nossa fala sobre nós mesmos, imagine, sobre os outros. É realmente da ordem do impossível.

E assim, não apenas diante, mas com todas essas indagações e impossibilidades me atiro nesse mar sem fim – e com horizontes distantes – que é o meio acadêmico “oficial”: a ciência. Chego ao mestrado com a impressão de que “nadarei, nadarei e morrerei na praia”, ou que „não conseguirei chegar a muitas conclusões”, mas, ainda assim, desejo nadar. Talvez, mais do que isso, desejo me envolver num processo de descobertas constantes e não desejo aterrissar em certezas. Pois, as certezas pretendem finalizar relacionamentos, coisas e processos. Afeiço-me mais às descobertas constantes e mutáveis, pois, diferentemente das certezas, elas nos impulsionam a ir além sem nos preocuparmos apenas com o final. E são elas, as descobertas sucessivas e inéditas, que nos fazem perguntar: (a)final, o final existe?

Já havia, noutras experiências acadêmicas, pesquisado e refletido sobre o fracasso escolar, sobre a indisciplina, sobre o desejo de aprender e ensinar. Sempre à luz da Psicanálise, como se ela operasse como uma lente de aumento que desfoca o olhar e, paradoxalmente, abre novas possibilidades e modos de ver o já visto.

Porém, agora desejava algo novo a ser investigado! Algum outro fenômeno ou ideia educacional que eu pudesse analisar sob a ótica da Psicanálise. E é exatamente nesse momento, quando busco por algo novo (mas, ao mesmo tempo recorrente), que me encontro com Alice Miller.

O primeiro livro dela que me chega às mãos, olhos, ouvidos e sentidos, por via do agradável encontro com meu orientador, traz em seu título a instigante tradução de: “No princípio era a Educação”. Imediatamente me lembro daquela frase bíblica “No princípio era o verbo...” A Educação, o verbo, a palavra, os efeitos... Sinto-me curiosa e desafiada. Mais desafiada ainda fiquei quando descobri que o título desta obra, no original é: “Para seu próprio bem”. Para o bem de quem? De qual bem se trata? Como entender esse título no confronto com as ideias freudianas de que não existe o bem estar o tempo todo e de que estamos num constante mal estar? O coração dispara, as ideias se espalham na cabeça, o sangue parece correr

com maior rapidez nas veias e artérias, a curiosidade aumenta. Decido: sim, vou rumar ao encontro das ideias desta (ainda) desconhecida autora! Desconhecida a mim e a muitos de meus parceiros e mestres psicanalistas. O que esta mulher, psicanalista, judia e polaca teria a nos dizer sobre a Educação? Quais são suas teses? Teria ela críticas à Educação e à forma como a escola se organiza? Poderíamos pensar a escola brasileira a partir de suas ideias?

Nas leituras iniciais verifico que Miller vai para além das críticas à escola e das análises educacionais. Como psicanalista ela analisa os processos de constituição do sujeito a partir da produção da ferida na dignidade da criança gerada por maus tratos cometidos por adultos. Portanto, aborda a questão dos maus tratos infantis, a produção do ódio e a cadeia da violência envolvida nos processos de subjetivação na escola e na sociedade.

Assim, estabeleço que o objetivo da minha pesquisa será, prioritariamente, entender no conjunto da obra de Alice Miller, de que forma ela aborda essas questões e como pensa que deve ser a contribuição da escola na reparação dessas feridas na dignidade das crianças.

Ou seja, com o auxílio das obras de Alice Miller, busco compreender 1) quais são as relações entre os maus-tratos infantis, a produção do ódio e a cadeia de violência e 2) quais as críticas dirigidas contra a escola e quais são seus alcances e os seus limites para contribuir com o processo de reparação na ferida da dignidade da criança.

Porém, não consigo me desligar (e como pesquisadora penso que não posso nem devo fazê-lo) do momento histórico, político e social em que estamos inseridos e que tem se apresentado a mim (e a muitos outros) de maneira preocupante. Em nosso país a prática da democracia tem sido ameaçada diariamente nos últimos tempos. Tempos sombrios! Portanto, também busco entender os efeitos dessa cadeia de ódio no desenvolvimento dos sujeitos e na prática da democracia na sociedade contemporânea.

Munida dos objetivos, que nem sempre permanecem tão claros e translúcidos no decorrer das leituras e encontros com Alice Miller, mas, acima de tudo, conduzida pela curiosidade e pelo desejo, inicio meu caminho nas trilhas de seu vasto arcabouço teórico, das concepções psicanalíticas, dos conceitos educacionais, dos estudos sobre os maus tratos infantis e do desenvolvimento das práticas

democráticas. Assim, nessas andanças, construo novos caminhos e novas possibilidades.

Comecei por conhecer quem foi Alice Miller, minha companheira nesses dois últimos anos. Descubro que ela nasceu em 1923 na Polônia em uma família de ascendência judia. Em sua juventude viveu em Varsóvia tendo sido uma das sobreviventes da Segunda Guerra Mundial. Em 1953 se doutorou em filosofia, psicologia e sociologia na Universidade de Basel na Suíça e completou sua formação psicanalítica em Zurique. Estudou e praticou a psicanálise por mais de 20 anos.

Em 1979 Miller parou de atender como psicanalista e tornou-se crítica de Freud. Foi recomendada a se desligar da Associação Psicanalítica Internacional de Berlim por não seguir os dogmas implantados pela doutrina freudiana. Neste mesmo ano estreou como escritora lançando, na Alemanha, o livro, „O Drama da Criança Bem Dotada“. Em 1986, recebeu o prêmio Janusz Korczak de literatura. Miller faleceu em 14 de abril de 2010, em sua casa em Saint-Rémy de Provence, na França, aos 88 anos de idade.

Dedicou sua vida e seus estudos à tentativa de compreender a dor humana a partir do princípio do trauma da infância. Defendia a tese de que as vítimas de toda ordem de maus tratos na infância poderiam se libertar das consequências dos mesmos a partir do momento em que conseguissem enfrentar a verdade da infância por meio da lembrança e do relato de cenas relacionadas aos maus-tratos, violência, abuso sexual e outras tantas situações que desencadeiam sentimento de humilhação e culpa, compreendidas sempre como sendo as experiências que ferem a dignidade da criança. Para ela, maus-tratos dizem respeito a abusos tão violentos que estão para além das agressões físicas. Diz ela,

Mas o que descrevo neste livro e ao qual dou o nome de maus-tratos, são ainda mais lesões da integridade psíquica da criança que, no início, permanecem INVISÍVEIS. Suas sequelas geralmente só se manifestam décadas depois, e mesmo assim o vínculo com ferimentos sofridos na infância raramente é estabelecido e levado a sério. As pessoas envolvidas, assim como a sociedade (médicos, advogados, professores e, infelizmente, também muitos terapeutas), não querem saber nada sobre as origens desses "problemas" posteriormente ou sobre alguns "comportamentos bizarros" que exigem voltar para a infância. (MILLER, 2005, s/p).

Apesar de afirmar que a reparação dos maus tratos na infância pode se dar a partir das lembranças e dos relatos delas, reconhece também que é preciso muita verdade e força psíquica para alcançar lembranças „proibidas de serem lembradas“. Segundo ela, enquanto, no presente, não nos depararmos e confrontarmos com nossas angústias de infância, o passado insistirá em se fazer presente. E enquanto não buscarmos a dor original, o corpo sabiamente faz essa dor se tornar notada através de sintomas e/ou doenças como demonstra em seu livro „A Revolta do Corpo“ (2011). Sobre o corpo ela afirma,

Ele (*corpo*) sabe o que lhe falta, não consegue esquecer as privações. O buraco existe e espera ser tapado. Contudo, quanto mais se envelhece, mais difícil se torna receber de outras pessoas o amor que um dia faltou. Mas as expectativas não são abandonadas com o envelhecer, muito pelo contrário. Elas são apenas transferidas para outras pessoas, principalmente para os próprios filhos e netos. A não ser que tomemos consciência desses mecanismos e reconhecendo a realidade de nossa infância da forma mais exata possível... Podemos, agora, oferecer a nós mesmos a consideração, o respeito, a compreensão de nossas emoções, a proteção necessária e o amor incondicional que nossos pais nos negaram. (MILLER, 2011, p. 15-16).

A sua teoria assevera, inclusive, que o adulto abusado na infância, impulsionado pelo trauma é tomado pela compulsão à repetição a que ela dá o nome de “lógica do absurdo”.

Com Miller reafirmo a concepção de que todas as crianças, mesmo as mais maltratadas, sentem a necessidade, ou a ilusão, de serem amadas. Para que uma criança se desenvolva naturalmente, ela precisa de respeito e compreensão sobre suas necessidades e sentimentos. Esse respeito e compreensão devem vir de todos que com ela convivem: seus pais, cuidadores, professores e familiares. Através do conhecimento da nossa história e nossos sentimentos, pode-se conhecer a pessoa que somos, como sentimos, o que sentimos, porque sentimos e como nos relacionamos.

Com ela também entendo que é possível que um adulto que tenha sofrido maus tratos (físicos e/ou emocionais) na infância, por seus pais, familiares, cuidadores e professores, por via dos princípios (ou dos resquícios) de uma pedagogia cruel e violenta, deles se liberte e não reproduza os mesmos métodos e

sentimentos em relação a seus filhos e netos. Mas, para que isso aconteça ela adverte,

Não podemos resolver os problemas de abuso com terapias que evitam os fatos e estão limitados a fantasias. Mas podemos nos libertar desses traumas, se estivermos dispostos a confrontar emocionalmente a verdade de nossa infância, abandonar a negação de nosso sofrimento, desenvolver empatia pela criança que éramos e entender as razões para isso: nossos medos. É assim que podemos nos libertar do peso das ansiedades e sentimentos de culpa que carregamos em nossos ombros desde a juventude. Através da descoberta de nossa história e de nossos sentimentos, conhecemos a pessoa que somos e aprendemos a dar o que eles absolutamente precisam, mas nunca receberam dos pais: amor e respeito. (MILLER, 2006, s/p).

Por meio de Alice Miller também me encontro com Katharina Rutschky, autora da obra “Pedagogia Negra” (1977)¹. Em seu livro “No princípio era a educação” (ou “Para seu próprio bem”, título no original), Miller faz uso intenso da obra de Rutschky para sustentar toda uma batalha contra os maus-tratos infantis. Aqui pedagogia “negra” diz respeito aos procedimentos educativos (por isso pedagogia) que, segundo ela, buscam transformar a criança em pessoa dócil e obediente a qualquer custo mesmo que, para isso, tenham que usar de punições, chantagens ou ameaças emocionais e das diversas formas de abusos físicos. Para ela, trata-se, na verdade, de uma tentativa de dominar a vontade da criança. E disso conclui que a violência da pedagogia “negra” não faz mais que semear a submissão e mais violência.

Outro caminho que me fez chegar às ideias de Katharina Rutschky foi o filme “A fita branca” que tem Michael Haneke como roteirista e diretor. Nele fica claro o quanto as orientações dos manuais educacionais e a relação perversa entre pais e filhos promovem o ódio, a violência e a submissão. Elementos fundamentais para

¹ Quero aqui compartilhar minha reação ao título do livro de Katharina Rutschky: Pedagogia Negra. Obviamente que, sendo brasileira e, por isso, fazendo parte de uma cultura caracterizada pela miscigenação e, além disso, sendo participante de encontros e grupos que discutem as questões raciais, o colonialismo, o preconceito e a segregação de pessoas e grupos, excluídos por serem categorizados como raças, não pude deixar de me espantar com a associação do conceito Pedagogia “Negra” aos desvirtuamentos da escola e da educação em geral, especialmente ao uso de castigos de toda ordem. E, pensando, com Freud, que criar uma raça é recalcar outras raças, que criar raça faz parte do extermínio do outro e, tendo em conta que, em nossa sociedade, ser negro é ser um ‘não-outro’, ou dito de outra forma, um ‘outro descaracterizado’, não foi possível, para mim, deixar de sentir intenso mal estar e, nas palavras do poeta, um desassossego. Portanto, esclareço que farei uso do termo “negro (a)” sempre entre aspas, pois entendo que o mesmo foi utilizado por Katharina Rutschky de forma negativa e com a qual não compartilho. Entendo que, sendo Rutschky alemã e escrevendo na década de 70 do século XX, teve razões históricas e culturais para a utilização do termo “negro” nesta acepção. Contudo, entender não significa concordar. Principalmente diante dos atuais acontecimentos no Brasil e nos Estados Unidos em que se desclassifica, oprime e mata, de maneira explícita, negros e negras.

que, no período retratado no filme, a ascensão nazista fosse bem sucedida e para que a cadeia de violência fosse perpetuada. O roteirista deixa claro que as crianças do filme muito provavelmente foram os adultos que apoiaram Hitler e todos os assassinatos por ele produzidos. Crianças que, por terem tido uma educação baseada na violência física e psíquica, no ódio, no silêncio, na submissão e que, não encontraram testemunhas auxiliaadoras pelo seu caminho, não tiveram outra opção senão semear mais violência mantendo a cadeia de ódio.

Assim, os estudos e investigações sobre a obra e as ideias de Alice Miller que apresento visam colocar-nos nessa discussão ao tratar sobre o papel do ambiente escolar como possível colaborador na manutenção da cadeia da violência fazendo um confronto entre a sua concepção de psicanálise e a sua crítica sobre a escola. Para isso, os livros “No princípio era a educação” (“Para seu próprio bem”), de Alice Miller e “A pedagogia negra”, de Katharina Rutschky são os núcleos estruturantes dos estudos juntamente com o filme “A fita branca” dirigido por Michael Haneke. Uma ampla bibliografia também é utilizada para complementar o esforço de compreensão e crítica sobre os efeitos dos maus-tratos cometidos na infância, tanto sobre o indivíduo quanto sobre alguma possibilidade de organização social com base na democracia.

Para a condução dessa pesquisa bibliográfica o princípio geral do conhecimento afasta-se do paradigma epistemológico e busca maior aproximação com os princípios do paradigma gnosiológico. Paradigma este que atenta para a relação entre matéria e forma, para o fluxo e o desejo como pulsação da vida e, por isso considera que estes estão presentes no desenvolvimento dessa e de toda e qualquer pesquisa. Ou seja, considero que a ciência não é neutra, mas, ao contrário é política e, portanto, deve ter explícito compromisso com a vida e com as pessoas. Pois, acredito que fazer ciência é uma das formas de enfrentamento ao sofrimento humano. É se aventurar, via curiosidade, rumo ao desconhecido. É assumir riscos. Assim, penso que, em certa medida, minha forma de pesquisar se aproxima do método cartográfico, pois sei que este deve ser traçado no e a partir do plano da experiência.

A cartografia consiste, inicialmente, em acompanhar os processos e devires que compõe um campo social, que é a realidade, em contínuo arranjo e desarrajo. “A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em

processos, em obra”, afirma Virgínia Kastrup (2009, p.73). Os cartógrafos podem analisar a malha dos agenciamentos que emergem entre sujeito e objeto de pesquisa. Ou dito de outra forma, o que se passa „entre” o sujeito e o objeto. O cartógrafo percebe – no sentido específico da sensibilidade – mundos, configurações territoriais da existência, efemeridades, transitoriedades. Virgínia Kastrup, ao tratar das especificidades do método cartográfico, fala em atenção sensível (2009, p.49). E, ainda mais, descreve como característico da prática cartográfica uma espécie de “acionamento no nível das sensações” (2009, p.42).

É nesta mútua implicação entre sujeito e objeto da pesquisa que me dispus, com e na pesquisa que ora apresento, a manter uma atenção de suspeita também sobre a minha própria infância e sobre a infância de meus pais, sobre meu ser-educador e sobre meu olhar em relação aos educadores.

Sobre os possíveis resultados da pesquisa posso dizer que foram analisados em coerência com alguns dos princípios do paradigma gnosiológico e também da cartografia, por meio de um modo de composição de paisagens de sentidos indicando marcas de determinação sobre o sujeito. Desta forma, estive atenta e sensível à forma como o método se faz simultaneamente ao percurso de construção do objeto de estudo. Portanto, ao me deixar capturar pela presente pesquisa busquei capturar também os possíveis enlaces da psicanálise, educação e prática da democracia.

1 – ALICE MILLER: OS TRAUMAS DA INFÂNCIA E A DOR HUMANA

Conhecer Alice Miller por meio de suas obras, ideias e teses representa a abertura de mais uma janela, uma nova janela. Ou seja, representa uma nova possibilidade para pensar sobre nossas constantes inquietações e buscas a respeito das possíveis relações e enlaces da psicanálise com a educação. Para além dos enlaces significa também olhar para a psicanálise não apenas com olhos apaixonados de uma adolescente para seu primeiro namorado, mas, agora, com os olhos amorosos de uma mulher adulta que observa atentamente para o *não-dito* da teoria psicanalítica. Um olhar para a falta.

Neste capítulo apresentaremos alguns elementos de sua vida e de suas principais ideias a partir de suas obras, teses e reflexões, com o objetivo de contribuir com uma discussão, já iniciada por vários autores, sobre a possibilidade (ou não) dos saberes psicanalíticos nos ajudarem a responder alguns desafios da sociedade contemporânea para a educação e para a escola.

Começemos por saber que, pelo fato de Alice Miller ter nascido em 1923, na Polônia, numa família de ascendência judia, certamente as características da época em que nasceu e cresceu assim como a ascendência de sua família, da mesma forma que o é para cada um de nós, influenciaram e determinaram sua forma de ver e compreender o mundo e as pessoas. Assim como influenciaram suas relações com seus filhos e com a sua própria teoria.

Segundo ela mesma nos conta em um de seus livros, as lembranças de sua infância foram-lhe acessadas, inicialmente, por meio de relatos de sua mãe, pois estas não lhe vinham à mente. Apenas mais tarde, com o auxílio de terapia, pôde entrar em contatos com lembranças profundas desse período da sua vida. Sua mãe lhe dizia que ela tinha sido uma criança comportada e que, portanto, não causava problemas à família. Bom comportamento adquirido, soube ela mais tarde, à custa de alguns castigos e proibições visando à obediência quando ainda era um bebê. Certamente essa “perda de lembranças” sobre sua infância está relacionada a esta “sólida educação” recebida de seus pais, especialmente de sua mãe. Após ter passado por um acompanhamento, segundo ela, sensível e dedicado, pôde cicatrizar antigas feridas e seguir tentando entender e livrar-se de seus medos.

Esses medos diziam respeito, primeiramente, a minha necessidade de comunicação, que não só nunca fora respondida por minha mãe, como fora castigada como mau hábito dentro de seu rigoroso sistema de educação. A busca por contato e troca mostrou-se, primeiro, no choro, em seguida, no fazer perguntas e na exposição dos próprios sentimentos e pensamentos. Mas, quando eu chorava, ganhava tapas; quando perguntava, recebia respostas crivadas de mentiras, e fui proibida de expressar meus sentimentos e pensamentos. Existia o risco constante de que minha mãe se retirasse por dias e dias em seu silêncio. Como ela nunca quis minha existência real, eu tinha, literalmente, que esconder dela meus sentimentos autênticos. (MILLER, 2011, p. 25).

Assim, sua infância se constituiu, segundo ela, como um regime totalitário no qual apenas seus pais tinham razão e todo tipo de censura, castigos e punições lhe eram impingidos.

Passou a sua juventude em Varsóvia, contudo escolheu estudar filosofia, psicologia e sociologia na Suíça. Desejava pensar mais e melhor no ser humano e nas sociedades. Seus estudos em psicologia ampliaram-se para a área psicanalítica, à qual se debruçou em estudos e, também, em práticas clínicas.

Seus estudos aprofundados sobre a teoria psicanalítica assim como a sua atuação clínica encaminharam-na no sentido de tornar-se crítica de Sigmund Freud (1856-1939) e de seu discípulo e talvez seu principal interlocutor, Carl Gustav Jung (1875-1961), sem, contudo, impedir-lhe de continuar admirando seu mestre primeiro. Porém, na sociedade da época, marcada pela égide masculina, patriarcal e autoritária, essas críticas tiveram forte impacto e renderam-lhe uma recomendação para que se desligasse da Associação Psicanalítica Internacional de Berlim, com a alegação de que Miller não seguia alguns aspectos da teoria freudiana na clínica.

Em 1979, apesar de, segundo ela mesma, custar a ter coragem e aceitar suas próprias críticas à psicanálise (certamente em função de ter sido criada sem poder dar voz aos seus sentimentos e pensamentos), se dedica a propagar suas ideias como escritora e lança, na Alemanha, o livro, „O Drama da Criança Bem Dotada“. Depois disso, seguiu expondo sua teoria com a publicação de 13 livros. Suas ideias ganharam notoriedade, influência e expansão e, assim, seus textos foram traduzidos em 30 idiomas. Alguns deles traduzidos e publicados no Brasil.

Aos 82 anos de idade, demonstrando-se atenta aos novos tempos e à forma de comunicação das pessoas e especialmente atenta às necessidades delas

falarem e vivenciarem suas angústias e dores, cria um *site*, aberto na rede virtual até os dias atuais, no qual, no período de 2005 a 2010, dialogou com intelectuais das áreas da psicologia e da educação, com pais, mães, professores e com diversas pessoas interessadas em seus principais temas de estudo que são os maus tratos infantis, violência e, conseqüente geração de uma cadeia do ódio.

Neste *site* Miller responde a várias cartas de leitores e seguidores que apresentam as mais diversas dúvidas e questionamentos que perpassam a experiências pessoais de maus tratos até pesquisas científicas sobre o assunto. No mesmo *site* ela também publicou dezenas de artigos e entrevistas em três idiomas diferentes.

Em 2010, aos 88 anos de idade, Miller encerra uma vida de descobertas, questionamentos e, por que não dizer, de violações, falecendo em sua própria casa, na França. É curioso pensar que, em pleno século XX e num dos mais desenvolvidos países, a sua morte tenha se dado numa casa, palco principal de suas pesquisas e de seus encontros e desencontros com a alma humana.

Sua vida intelectual fora marcada por transgressões de toda ordem. A começar por seus questionamentos acerca de uma teoria considerada inquestionável, especialmente, em seus aspectos fundantes: a psicanálise. Contudo, havia muitas dúvidas que a assolavam desde a infância, quando ainda nem imaginava conhecer Freud e sua doutrina. Era outra doutrina que a inquietava em sua infância: a doutrina cristã ocidental. Portanto, desde pequena ela levantava intensos questionamentos sobre os dogmas (e também sobre as explicações sobre a vida e as pessoas) do cristianismo ocidental. Ela não entendia, por exemplo, porque era proibido aos primeiros habitantes do mundo, Adão e Eva, o acesso ao conhecimento, à verdade e à liberdade. E mais que isso, por que essa proibição vinha daquele Ser que, segundo lhe ensinaram, era um Ser de infinita bondade e compaixão com seus filhos e que era carinhosamente chamado de Pai.

Já em minha infância eu achava que a história da criação concentrava-se na maçã proibida. Eu não conseguia entender por que era proibido a Adão e Eva apoderarem-se do conhecimento. Para mim, o conhecimento e a consciência sempre representavam algo positivo. Portanto, não me parecia lógico que Deus quisesse impedir Adão e Eva de reconhecer a diferença essencial entre o bem e o mal. [...] Intuitivamente recusava-me a considerar a obediência como virtude, a curiosidade como pecado e o desconhecimento do bem e do mal como condição ideal. (MILLER, 2004, p. XIII).

Como um dos núcleos de seus estudos é a influência da pedagogia “negra” nas atitudes dos pais e educadores, Miller consegue explicações para suas dúvidas em relação à postura adotada por esse Deus amoroso com Adão e Eva lembrando-se que a Bíblia fora escrita por homens. Homens que são frutos de suas histórias de vida e que certamente foram educados sob a égide dessa mesma pedagogia “negra” que educa para a submissão, para a obediência cega, para o não-questionamento, para o não-pensar e alicerçada, sobretudo, nas práticas de castigos e punições.

Portanto, fiquei sozinha com as minhas reflexões, e procurei em vão uma resposta nos livros, até entender que a imagem tradicional de Deus fora criada por aquele ser humano educado segundo os princípios da pedagogia negra (da qual a Bíblia está cheia), e para quem o sadismo, a tentação, o castigo e o abuso de poder eram parte integrante do cotidiano de sua infância. A Bíblia foi escrita por homens. Devemos admitir que esses homens não tiveram boas experiências com seus pais. Provavelmente nenhum deles conheceu um pai que sentisse alegria com a ânsia de descoberta dos seus filhos, que não esperasse coisas impossíveis deles, e não os castigasse. Por isso, sem notar, eles criaram uma imagem de Deus com traços sádicos. (MILLER, 2004, p. XVII).

Para que nos aproximemos um pouco mais das ideias e questionamentos de Alice Miller apresentaremos, nas próximas páginas, algumas de suas obras e, assim, com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre seus principais temas e conceitos, possamos dar mais alguns passos em nossas investigações sobre os possíveis laços que unem a psicanálise e educação. As obras que elegemos são aquelas publicadas no Brasil. São elas:

1. O Drama da Criança Bem Dotada – Como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos, Summus Editora, 1997, 2ª edição revista e atualizada.
2. A Verdade Liberta – Superando a cegueira emocional, Editora Martins Fontes, 2004.
3. No Principio era a Educação, Editora Martins Fontes, 2006.
4. Não Perceberás – Variações sobre o tema do paraíso, Editora Martins Fontes, 2006.
5. A Revolta do Corpo, Editora Martins Fontes, 2011.

1.1 - O Drama da Criança Bem Dotada – Como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos²

Esta é a primeira obra lançada por Miller. Sua publicação foi feita na Alemanha, em 1979. Por meio dos conceitos nela apresentados podemos observar quais são suas primeiras preocupações e anseios no que diz respeito aos cuidados e atenções que se deve ter na infância a fim de que se construam adultos saudáveis e com capacidade de dar e receber amor e afeto.

A primeira impressão que possivelmente podemos ter ao ler o título do livro é de que se trata de reflexões e conceituações sobre aquelas crianças consideradas super (ou bem) dotadas nos aspectos intelectuais, lugar comum quando se fala de super dotação. Contudo, Alice Miller, nesta obra e em todas as outras, trata de todas as crianças, pois para ela o termo bem dotado diz respeito à capacidade que todos nós temos, ao nascer, de lidar satisfatoriamente com nossa sensibilidade e emoções e, assim, construir uma vida emocional equilibrada. Mas, somos desviados desse caminho, dessa verdadeira natureza humana por conta de um sistema educativo alienante, caduco e punitivo que nos impõe falsas verdades.

Ela começa por nos dizer que a única forma de combatermos as doenças mentais será por meio do conhecimento e da aceitação da verdadeira história da nossa infância. Conhece-la é essencial para que nos tornemos livres das amarras invisíveis que uma infância sem amor e recheada de situações que foram reprimidas e, portanto, com diversos traumas, nos aprisiona. Se as lembranças de uma infância traumática permanecem na escuridão, nela também ficarão todas as possibilidades do entendimento e busca de uma vida adulta livre e feliz.

Nesse sentido Miller nos apresenta a infância como um período da nossa vida em que estamos totalmente à mercê, à disposição de nossos pais. Em nós eles depositam todos seus anseios, desejos e, também, suas insatisfações e frustrações. Para ela “Podemos educar um filho para que ele se torne o que gostaríamos que fosse. Podemos usar o filho para ganharmos respeito, para confiarmos a ele nossos próprios sentimentos, para nos espelharmos em seu amor e deslumbramento, para

² Originalmente publicado como *Das drama des begabten Kindes: und die suche nach dem wahren selbst.* Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1994.

nos sentirmos fortes a seu lado (...)” (p.22). Ao perceber isso, a criança abdica de expressar todas as suas angústias e passa a bloquear os sentimentos de abandono e solidão. Essa acomodação às necessidades dos pais leva, em geral, embora não seja uma regra, ao desenvolvimento do chamado falso self. Ou seja, ela passa a ter uma postura na qual demonstra não aquilo que ela realmente é, mas, em contrapartida, assume uma condição de ser como esperam que ela seja, fundindo-se a essa imagem. Ocorre que, desenvolvendo-se dessa forma, o vazio, a falta de sentido na vida e o desenraizamento serão inevitáveis. Assim, a integridade, vivacidade e espontaneidade da criança ficam abaladas e certamente terão consequências em sua vida futura.

Quando a criança desconhece a verdade da sua infância e aceita, para não perder o amor de seus pais, deixar de viver e expressar sua raiva e ódio, ela “mata” a si mesma. Essa impossibilidade de vivenciar seus próprios sentimentos de raiva e ódio frente a maus tratos ou castigos de toda ordem dificultam o desenrolar natural do processo de individuação, ou seja, não há a dissolução do vínculo entre pais e filhos. Destaca-se que o processo de individuação é extremamente importante e decisivo para a conquista de uma vida psíquica saudável, tanto das crianças quanto dos pais. A ausência dele leva as pessoas a manterem-se na dependência dos pais ou ainda daqueles que representam, em certa medida, esses pais frágeis e, portanto, autoritários.

Os próprios pais encontraram no falso self do filho a confirmação que buscavam, um substituto para sua própria estrutura inexistente; a criança, incapaz de construir sua própria estrutura, é dependente dos pais, primeiro de maneira consciente, depois inconsciente. Não pode confiar nos seus próprios sentimentos, não chegou a experimentá-los, não conhece suas reais necessidades, é um completo estranho para si mesmo. Nessas circunstâncias, não pode se separar dos pais, e mesmo como adulto estará sempre dependente da aceitação de pessoas que representam seus pais: parceiros, grupos e, principalmente, os próprios filhos. (MILLER, 1997, p.24).

Na sequência da solidão dentro do lar vem a solidão e o isolamento dentro de si mesmo. Os adultos se veem diante de sentimentos que os deixam na condição de isolamento, porém, com ajuda terapêutica, poderão vencê-los tendo de volta a vivacidade perdida da e na infância. Poderão entender que não eram amados pelo

que realmente eram, mas pelo que demonstravam ser para não perder o suposto amor de seus pais.

Mais adiante Miller nos traz reflexões sobre o papel e a situação dos psicoterapeutas diante de todos esses fenômenos. Diz que a escolha e condução dessa profissão são reveladoras dos traumas e alegrias da infância desse profissional e, mais que isso, revelam também como ele conseguiu (ou não) elaborá-los. Para ela quanto mais e melhor o psicoterapeuta conseguir entender e vivenciar satisfatoriamente seus sentimentos infantis tanto mais ficará reduzido seu desejo inconsciente de manipular seus pacientes. Com sua infância *passada a limpo*³, ou seja, com o encontro com a verdade de sua infância, não precisará buscar nos pacientes seus disponíveis, compreensivos e empáticos pais. Da mesma forma os pacientes, à medida que reconhecem e vivenciam suas histórias de infância e de vida, mais fortalecidos se sentirão para reconhecer e apontar as possíveis manipulações de seus psicoterapeutas e, assim, poderem decidir se as apontam a eles ou se apenas decidam por interromper as sessões de atendimento. A questão que se coloca é que não há infalibilidade dos psicoterapeutas nos atendimentos ainda que se estes se disponham a serem, também, analisados. O que se deve ter é a consciência dela e a possibilidade de mudança de direção, sempre que necessário, no processo psicoterápico.

No segundo capítulo Miller apresenta a depressão e a grandiosidade como formas de negação e auto-enganação. Inicia discorrendo sobre os benefícios para a criança de ter sua mãe integralmente para si nos primeiros meses de vida por meio do contato visual e de pele de uma para com a outra. Com o auxílio de Winnicott reafirma a necessidade de a mãe olhar para seu filho/a como ele/a realmente é, e não como uma criança que ela deseja. Ou seja, a mãe deve olhar para o filho/a abrindo mão de suas expectativas, medos e planos para ele/a, colocando-se disponível para “ser usada”, do contrário, essa criança não se reconhecerá em sua mãe e não desenvolverá um sentimento saudável de si mesma resultando numa busca por encontrar-se por toda a sua vida.

Para ela (e para todos os demais psicanalistas) o sentimento saudável de si mesma é o reconhecimento de que os seus sentimentos e os desejos são seu verdadeiro self. Reconhecimento indispensável para que essa criança, quando

³ Grifos nossos.

adulta, tenha equilíbrio emocional e auto estima. Assim, poderá expressar livremente seus sentimentos sejam eles de alegria, tristeza, medo ou desespero. Poderá “expressar-se, independentemente de ser amada ou odiada por isso.” (p. 41). Os diagnósticos de depressão, falta de sentido da vida, solidão se revelam frequentemente como uma perda ou estranhamento de si mesmo. Perda essa cujo início se dá numa infância na qual a criança não é vista por seus pais como ela realmente é, mas sim como eles desejam que ela seja.

A grandiosidade é vista por Miller como distinta da autoestima. Na grandiosidade a pessoa necessita ser admirada por todos e em todos os lugares. Ela é admirada (e também se admira) por sua beleza, inteligência, aptidões e realizações. Porém, quando falharem essas qualidades o risco da instalação de uma depressão severa é grande. Isto porque a autoestima, uma das condições essenciais para uma vida psíquica saudável, “é baseada na autenticidade dos próprios sentimentos e não na posse de certas qualidades.” (p.44). Portanto, não é incomum encontrarmos pessoas com diversos dons, mas com tendência ou posturas depressivas. Assim como há pessoas que, mesmo tendo perdido um ente querido ou a beleza por conta da idade ou de doenças, não se tornam depressivas, pois sua autoestima sempre esteve calcada naquilo que ela é e não no que esperavam que ela fosse. Para as pessoas “grandiosas” admiração significa amor. E essa busca incessante por um amor verdadeiro acaba por torna-las dependentes das pessoas que supostamente possam ama-la. Contudo, essa dependência está atrelada àquilo que ela realiza e às suas qualidades. Não ao que realmente ela é.

Nesse sentido a depressão pode surgir como o oposto da grandiosidade. Ou seja, “às vezes, a depressão surgia quando a grandiosidade se esfacelava [...]” (p.46). Na verdade, Miller utiliza-se de uma analogia colocando a grandiosidade e a depressão como duas faces de uma mesma medalha que pode significar “honra ao mérito” conseguidas a partir de um falso self. E, sendo assim, possuem diferenças e similaridades. A questão é que, para ela, a depressão ou a tendência depressiva tem sua origem na infância, quiçá nos primeiros meses de vida, quando o bebê não pôde vivenciar reações emocionais, sensações e sentimentos próprios como raiva, dor, prazer, descontentamento em relação ao seu próprio corpo (como a fome, por exemplo), pois havia um temor de perda da atenção e do amor da mãe ou dos pais.

“Às vezes, ouvimos mães contarem, orgulhosas, que seus recém-nascidos haviam aprendido a enganar a fome e, amorosos e tranquilos, esperavam calmamente pelo alimento”. (p. 49). Assim empreendemos que as doenças psíquicas nem sempre derivam de maus tratos como surras, espancamentos ou abuso sexual. A ausência de amor, atenção e escuta pelos reais desejos das crianças configuram-se também como maus tratos e podem ser causas plausíveis do desencadeamento de uma série de problemas psíquicos como a depressão, por exemplo. O amor incondicional é uma necessidade da infância. Se ele não ocorrer nessa fase não poderemos recorrer a ele na vida adulta. Será uma busca sem fim. É uma busca que quer tapar uma falha que não poderá ser tamponada.

A libertação de um estado depressivo ou de uma depressão propriamente dita não significa dizer que se possa readquirir o sentimento de alegria de forma contínua nem tampouco a ausência de sofrimento. Mas, ao contrário, ter a liberdade de viver seus sentimentos de forma franca sejam eles alegria ou tristeza, raiva, dor, ciúme, indignação, inveja ou prazer. Conquistamos a possibilidade de sermos nós mesmos no momento “em que não precisamos mais temer o universo de sentimentos de nossa infância.” (p.63). Conhecer quem ou o que oprimiu (e confundiu) toda uma infância liberta o sujeito de suas dores e do aprisionamento de sentimentos que não podiam ser vivenciados e expressos.

Por fim, Miller nos apresenta as similaridades das pessoas que trazem a grandiosidade ou a depressão como resquícios de uma infância não vivida em sua completude e espontaneidade.

Tanto o grandioso quanto o depressivo negam integralmente a realidade de sua infância, na medida em que vivem como se ainda fosse possível resgatar a disponibilidade dos pais: o grandioso, na ilusão de conseguir sua atenção, e o depressivo no medo constante de, a qualquer momento, por culpa sua, perde-la. Ambos, porém, não permitem o surgimento da verdade de que não existia amor no passado e que nenhum esforço desse mundo vai poder mudar isso. (MILLER, 1997, p. 67).

Mais adiante, no terceiro capítulo Miller nos alerta para a questão dos desdobramentos na vida de um adulto que, quando criança, percebeu seus sentimentos serem constantemente humilhados e desprezados por seus pais. Quando os pais, por exemplo, ao invés de entender e respeitar os sentimentos de

medo ou tristeza do filho, inoportunamente, orientam-no para que não sinta medo e nem tristeza alegando que estarão sempre ali juntos a ele. O que é uma inverdade, pois, os pais nem sempre estarão por perto quando os filhos sentirem-se amedrontados ou tristes. Além disso, sem perceber, desprezam os sentimentos do filho que, naquele momento, apareceram por algum motivo bastante particular e específico. Convém salientar que, em muitos casos, os pais não se dão conta de que estão humilhando ou desprezando sentimentos tão genuínos de seus filhos ou filhas e o fazem, na maioria das vezes, na tentativa de protegê-los/as. Para Miller, porém, essa atitude travestida de proteção esconde, na verdade, sentimentos inconscientes da própria infância dos pais. É como se fosse um círculo vicioso. A esse círculo vicioso coaduna-se seu conceito de compulsão à repetição de atos e sentimentos vividos na infância: aquela criança que teve seus sentimentos diminuídos, desprezados ou humilhados pelos pais (que naquele momento representavam autoridade e eram sinônimos da única fonte de amor e proteção), em outro momento, numa condição de defender-se e ocultar seu antigo sentimento de impotência diante dos pais, repetirá as atitudes de desprezo e humilhação com um irmão ou amiguinho menor que, para ele, representa maior fraqueza e vulnerabilidade. Ou então, quando já estiver adulto, repetirá as mesmas ações de seus pais para com seus filhos. Esse círculo se romperá apenas “Quando o desamparo e a raiva do passado se tornarem uma experiência consciente [...]” (p.76).

As feridas na dignidade da criança causadas pela falta de reconhecimento e respeito de seus sentimentos genuínos, ou seja, dela não se sentir amada pelo que realmente era, levarão à grandiosidade ou depressão como forma de encobri-las e reprimi-las ou à neurose obsessiva ou perversão pela via da repetição compulsiva. Essas feridas, segundo Miller, só serão curadas quando essa criança, quando adulta, passar pelo processo de luto entrando em contato com os sentimentos reprimidos na infância e, assim, se libertar deles.

Miller traz ainda a questão da descoberta do “mal” para as crianças. Esse conceito aparece para elas de forma bastante concreta e se dá a partir da imposição das proibições, tabus e medos dos seus pais. Apenas quando for adulta poderá perceber que o mal não é algo ruim, depravado, inconcebível, “[...] mas uma reação

latente e compreensível ante sofrimentos que precisou reprimir quando criança.” (p.94).

Mais adiante Miller apresenta o que, para ela, são as causas dos nossos adoecimentos psíquicos e físicos. Num primeiro momento ela nos diz que não se cura uma pessoa adoecida ou viciada informando-lhe que seu vício ou doença tem aspectos sociais e culturais. Ou então que o vício é uma reação a uma sociedade doente. Para ela, as coisas que podemos discernir ou entender não causam as doenças. A causa das doenças são aquelas coisas e sentimentos que não podemos discernir, apenas sentir. São as restrições sociais apresentadas pelos olhares de nossos pais, são as lembranças inconscientes das compulsões e das obsessões de nossos pais que se manifestaram por meio de broncas, olhares repressores, surras ou desrespeito a nossos sentimentos. O que nos adoece é a dificuldade de percebermos o quanto de raiva e dor tivemos que reprimir em nossas infâncias quando sentimos nossos sentimentos humilhados e desprezados por aquelas pessoas que amávamos e que tínhamos o desejo que continuassem nos amando: os nossos pais.

A grandiosidade, como dito anteriormente, vem associada a um desprezo por aquelas pessoas que são consideradas mais frágeis e menores pelo indivíduo. Esse desprezo certamente tem relação com a história de vida da pessoa „grandiosa” ou intelectualmente super dotada e tem a “função de defesa contra sentimentos indesejados” (p.100). Na verdade, o desprezo que sente pelos outros esconde que, na verdade, o indivíduo é o próprio desprezado. E esse desprezo em que ele se encontra deixa-o sozinho encontrando na solidão, o seu refúgio. A grandiosidade garante que o indivíduo permaneça na ilusão de que foi amado pelo que era genuinamente. Para Miller, o nacionalismo, xenofobia, fascismo são a maximização e a perpetuação desse desprezo. Desprezo esse que, nesses casos, é perigoso e destrutivo a grandes grupos de seres humanos pela prática de atitudes tiranas e cruéis.

A libertação desse tipo de conduta que despreza e manipula as pessoas só poderá acontecer quando o sujeito puder vivenciar conscientemente, por diversas vezes, as manipulações e lesões que sofreu quando criança e, assim, entrar em contato com os muitos desejos de vingança que foram despertados a partir daí. E esse trabalho emocional feito com a história de sua infância trará, como

consequência, o retorno de sua vitalidade e a liberdade de fazer suas próprias escolhas. “Ele poderá participar de grupos sem se sentir desamparado nem dependente, uma vez que vivenciou o desamparo e a dependência de sua infância” (p.105). Não será trapaceado com palavras sedutoras e incompreensíveis. Por ter se tornado capaz de levar à sério seus próprios sentimentos, conseguirá reconhecer e respeitar o sofrimento de outras pessoas mesmo que elas tentem escondê-los. Ou seja, conseguirá, finalmente, dissolver o círculo vicioso do desprezo.

Para além das relações pessoais e familiares Alice Miller destaca a importância do rompimento dessa cadeia do desprezo para a política no que diz respeito ao crescimento e fortalecimento da democracia nas sociedades. Para ela quando as pessoas, lideranças de qualquer ordem ou natureza política, conseguirem descobrir seu passado e aprenderem a esclarecer e a lidar satisfatoriamente com seus sentimentos não necessitarão oprimir os mais fracos e aqueles economicamente dependentes. Elas terão o discernimento de reconhecer quem devem amar ou odiar, de forma racional e equilibrada “sem cair na cegueira da criança maltratada que precisa poupar os pais e, por isso, procura bodes expiatórios”. (p.106). Para ela o ódio e o desejo destrutivo que os nacionalistas e déspotas tem em comum tem sua gênese nas histórias de maus tratos e torturas físicas e psíquicas recebidas na infância. O que Miller nos alerta, porém, é que enquanto essas pessoas negarem conhecer a origem desses sentimentos a democracia política continuará na vertigem esporádica ou na escuridão total.

O ódio à vida e o encantamento por destruir é o ponto em comum entre os nacionalistas de todo o mundo como se todos usassem um mesmo uniforme internacional. Essa destrutividade provém da mesma fonte comum, ou seja, da história de torturas recebidas na infância, que não nos lembramos nem queremos saber [...] Pessoas que estão dispostas a escavar sua história da escuridão do esquecimento irão encorajar outras a fazerem o mesmo, possibilitando, dessa forma, que suas consciências tragam mais luz e clareza à escuridão da “política” de nossos dias. (MILLER, 1997, p. 107).

1.2 - A Verdade Liberta – Superando a cegueira emocional⁴

No início deste texto Alice Miller retoma, de forma sintética, os conceitos Pedagogia “Negra”, Testemunha Auxiliadora e Testemunha Conhecedora, pois, além deles serem citados constantemente no decorrer dessa obra, aparecem, também, em outras. Miller acredita que conhece-los é fundamental para que o leitor possa entender os novos conceitos e reflexões que ela apresentará nas páginas seguintes.

É interessante notar como Miller faz diversas analogias e ressignifica as experiências e dúvidas da sua infância trazendo, por exemplo, as figuras de Adão e Eva juntamente com a ideia do Jardim do Éden e do “fruto proibido” para elucidar que, na história da humanidade e das religiões, sempre se instalaram obstáculos para impedir o contato dos homens com o saber sobre si e sobre a vida. Para ela, quando ainda criança, era inadmissível e extremamente questionável que um Deus, tido como bondoso e generoso, poderia negar a seus dois filhos (Adão e Eva) o acesso ao conhecimento e restringi-los à obediência e dependência. Soava contraditório. Portanto, ecoavam em sua cabeça diversas perguntas, entre elas: obediência é virtude? Curiosidade é pecado? Por que Deus queria manter Adão e Eva na ignorância? Que Paraíso era aquele onde reinavam a ignorância e a obediência e onde a curiosidade era impedida e castigada?

Diante dessas e de tantas outras perguntas sem respostas, que brotaram em sua infância e perduraram até sua vida adulta, mais tarde, a partir de seus estudos e de sua experiência clínica, Alice Miller passa a entender que, a “história da criação” da humanidade contada na Bíblia fora escrita por homens que certamente foram educados pelos princípios da pedagogia “negra” e da violência e, portanto, não poderiam ter tido boas experiências com seus pais. Assim, criaram a imagem de um Deus com traços sádicos e vingativos. Um Deus cruel que castigava os filhos quando estes não obedeciam aos seus desejos e imposições. Um Deus que não era amor nem tampouco generosidade.

Ao refletir sobre a história da criação ela nos alerta que necessariamente precisamos conhecer, entender e diferenciar o bem do mal, o amor do ódio, a generosidade do sadismo. E, assim, nos libertarmos da culpa, do “pecado” da

⁴ Originalmente publicado como *Evas Erwachen*. Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 2001.

desobediência assumindo a responsabilidade sobre nossas vidas e as vidas de nossos filhos e filhas.

Mas, como uma criança indefesa e com infinita necessidade de ser amada, pode entender a diferença entre amor e ódio quando é castigada por seus pais que afirmam fazê-lo em nome do amor? Daí a afirmação de Miller, junto a outros teóricos como Rousseau, por exemplo, de que a criança não nasce má. Uma infância sem afeto e associada a maus tratos e menosprezo de toda ordem terá como consequência a perda da capacidade de empatia e a criação de um latente potencial destrutivo. O que, para ela, é diferente do instinto de morte apresentado por Freud.

Certamente a principal temática trazida por Miller nesta obra versa sobre a infância enquanto uma fonte, um manancial de informações que possibilita entender e explicar em que tipo de adulto aquela criança se transformou. Contudo, ela lamenta o quanto essa infância é pouco percebida e entendida por alguns profissionais da saúde seja ela saúde física ou mental. A maioria dos médicos, por exemplo, estudam e se especializam apenas nas doenças e não buscam conhecer e entender as pessoas em sua essência. Além disso, não compreendem a linguagem dos sintomas de seus pacientes, revelando, assim, que esses profissionais, na verdade, além de não conhecerem verdadeiramente o ser humano também não conseguem lidar satisfatoriamente com a sua própria infância e história impossibilitando de enxergarem a infância de seus pacientes. E, assim, sua atuação limita-se a prescrição de medicamentos que, via de regra, são fortes aliados para a manutenção dos sintomas especialmente porque o paciente passa a ter a falsa sensação de melhora e até mesmo de cura.

Considero problemática a tendência atual de acompanhar as psicoterapias com remédios, porque a maioria dos sedativos enfraquece o interesse que o paciente possa ter por sua infância traumática, ou seja, obscurece ainda mais a realidade da sua infância e com isso coloca em risco constante o possível êxito do tratamento psicoterápico. (MILLER, 2004, p.26).

Dessa forma, desconhecendo e negando a importância de se tratar os traumas da infância, diversas linhas teóricas de psicoterapias tem tido um papel importante na manutenção dos sintomas na medida em que não aprofundam os traumas de infância de seus pacientes chegando, inclusive, a entender “o trabalho com a infância prejudicial, porque o paciente se sente uma vítima, em vez da pessoa adulta e responsável que é no presente.” (p. 25).

A questão é que, conforme Miller, se não olharmos para as infâncias, dificilmente poderemos entender a origem do mal e da reprodução da violência. Para ela o mal é “recriado a cada geração” (p. 35) e não pertence à natureza humana. Ela reforça a ideia de que o recém-nascido nasce inocente necessitando apenas ser amado, protegido e bem tratado. Quando isso não acontece, ou seja, quando a criança é mal tratada, agredida, criada sem amor e proteção, irá reproduzir, em sua vida adulta, a violência e o mal que recebeu na infância.

Para confirmar essa teoria de reprodução da cadeia de violência, Miller passou a estudar várias personalidades, entre elas, Adolf Hitler e Dostoievski. Ambos tiveram pais severos, brutos e violentos. Por que um tornou-se um tirano e assassino de massas e o outro um conceituado escritor se ambos tiveram uma infância permeada por maus tratos e violência? Segundo ela, porque Dostoievski, para além da tirania de seu pai, teve a presença de uma pessoa afetuosa e atenciosa que cumpriu a função de testemunha auxiliadora e que o ajudou a compreender que ele não merecia ser mal tratado nem castigado. Essa pessoa foi sua mãe.

Portanto, a cadeia da violência e do mal só se quebrará quando, ao trabalharmos as infâncias, estaremos evitando a projeção de sentimentos reprimidos dos pais sobre seus filhos e, assim, conseguiremos cindir esse „círculo vicioso“. E isso nós podemos fazer! Porém, com Miller, também podemos afirmar que estamos distantes de promover essa cisão quando não entendermos que a infância é uma fonte de sentimentos a serem considerados e escutados. Especialmente porque muitos pais e professores não conseguem imaginar que a promoção de um ambiente disciplinado e organizado seja possível senão por meio de castigos de toda ordem. Esses castigos e maus tratos ficarão nas mentes e nos corpos das crianças como mensagens que definirão suas visões de mundo e, mais tarde, definirão também a forma como deverão ser suas relações com o outro e consigo mesmas. Ou seja, não entenderão outra forma de se relacionar que não seja por meio do uso da força e da violência, reprimindo, assim, o sentimento de impotência vivenciado na infância quando não conseguiam se defender de seus malfeitores.

A repressão e confinamento de sentimentos vivenciados na infância possibilitam a construção de um falso ego e, mais que isso, criam um “vazio interior” que podem gerar personalidades narcísicas ou perversas. Personalidades essas

comuns em homicidas e pedófilos entre outros tantos criminosos. Nesse ponto, Alice Miller nos chama a atenção para as questões dos presidiários e das penitenciárias. Nestas últimas deveriam, segundo ela, realizar-se um trabalho terapêutico com os detentos no sentido de que eles pudessem confrontar os sentimentos reprimidos da sua infância e, assim, descobrirem seus verdadeiros egos. Desta forma, segundo ela, haveria uma diminuição significativa de reincidência dos crimes afetando, inclusive, as questões socioeconômicas do Estado e da sociedade, gerando diminuição de gastos com presídios e presidiários. Ao tratarem-se as questões psicológicas estaremos tratando também as questões sociais e econômicas de um país.

Outra temática trazida nesta obra é a questão das muitas escolas religiosas originárias das mais diversas denominações, das cristãs às islâmicas que, em nome de um Deus opressor e sádico, justificam a crueldade exercida e cultivada nas ações de professores e diretores sobre os alunos. Crueldade esta que se apresentam sob a forma de maus tratos físicos e verbais, chicotadas, prática de castigos, palmatória, manter o aluno numa mesma posição desconfortável por horas, todas elas enfatizando a necessidade do cumprimento rigoroso de uma obediência cega travestida de ordem, disciplina e respeito. São práticas escolares que além da gravidade de serem atozes e desumanas ainda contam com o silêncio e aprovação das igrejas promovendo a reprodução por séculos e séculos de atitudes de violência e desamor dentro das escolas sob o manto sagrado da devoção e da religiosidade.

Este silêncio das igrejas frente aos maus tratos e violências ocorridos dentro de si próprias e nas escolas religiosas revelam o medo de seus representantes e da Instituição como um todo em relação a perda do poder. As igrejas se recusam a olhar para dentro de si mesmas. Olhar para dentro de si mesmas supõe se deparar com ações que reduziriam seu poder sobre as pessoas especialmente os fiéis e devotos que são mantidos pela via da submissão à autoridade dos líderes religiosos e dos dogmas autoritários das religiões. Olhar para dentro de si mesmas levaria ao desmascaramento das ações de humilhação de toda ordem impostas a seus seguidores. Olhar para dentro de si mesmas e denunciar suas ações auxiliariam a tornar os fiéis mais conscientes de seus direitos. O que certamente provocaria o desmoronamento das igrejas e de seus fundamentos calcados na obediência, no dogmatismo e na submissão.

Ainda no tocante a religiões e seitas há a recorrente orientação das mesmas acerca do ato de perdoar. O cristianismo, por exemplo, coloca o perdão como uma virtude de valor inestimável afirmando, inclusive, que apenas a prática do perdão torna as pessoas melhores e livres do mal presente nas sociedades. Miller refuta essa concepção de que o perdão resolve tudo e torna todos melhores acrescentando que esta prática só será verdadeiramente sincera e reparadora quando a pessoa reconhecer o que sofreu no passado por seus pais ou malfeitores.

[...] precisamos fatalmente reconhecer o que nos fizemos no passado para efetivamente conseguir perdoar. Contudo, para mim, o ponto principal não se concentra no ato do perdão, mas na possibilidade de levar a sério a realidade da primeira infância, e não nega-la. (MILLER, 2004, p.102).

A questão que se coloca é que, quando não se dá à criança a oportunidade de saber sobre si, sobre o que lhe agrada e desagradar, sobre seus medos e seus desejos, a ela apenas restará a crença de que sempre será o outro que saberá tudo a seu respeito, sobre o que é bom e o que é ruim para que ela se desenvolva. Essa criança, quando adulta, certamente será presa fácil para ideologias absurdas de diversas seitas religiosas, religiões fundamentalistas, grupos neonazistas entre outros tantos grupos que pregam a submissão e a obediência e que, acima de tudo, afirmam saber tudo sobre todos.

A cegueira emocional, subtítulo dessa obra, diz respeito a um estado que é imposto às pessoas quando elas são impedidas de acessar as informações e vivências do seu período de infância. Este conceito está intrinsecamente ligado aos conceitos de bloqueios de pensamento, negação e dissociação de antigas emoções. A repressão das dores vivenciadas na infância produz a negação da própria história que, por sua vez, cria dificuldades importantes na capacidade de pensar.

[...] não se trata só do comportamento antissocial e dos assim chamados distúrbios narcisistas, mas também da percepção de que a negação e a repressão dos traumas da primeira infância e a dissociação dos sentimentos limitam nossa capacidade de pensar e provocam nossos bloqueios de pensamento. (MILLER, 2004, p.79).

Estou convencida de que a falta de um bom relacionamento com a mãe ou com uma pessoa substituta no início da vida, somada aos maus tratos, nos quais incluo as surras com fins educativos, ajudam a produzir essa insensibilidade e também os bloqueios de pensamento. (MILLER, 2004, p.77).

Portanto, uma das temáticas trazida pela autora nesta obra diz respeito às explicações neurobiológicas para a compulsão à repetição da violência. Miller declara que a neurobiologia, por meio dos seus conceitos de cegueira emocional e bloqueios de pensamentos, ajudou-a a tornar mais claro e justificável a sua descrição do funcionamento desse “círculo vicioso” que havia identificado, segundo ela própria, intuitivamente e com base em sua experiência clínica.

A neurobiologia, inclusive, já reconhece que crianças mal tratadas e criadas sem afeto apresentam lesões evidentes em regiões do cérebro por conta de descargas sucessivas do hormônio do estresse que destroem neurônios e suas sinapses. Para Miller, as terapias que incluem o trabalho com as vivências e experiências traumáticas da infância podem enfraquecer esses bloqueios de pensamento ativando campos do cérebro ainda não utilizados e, de certa forma, estimulando as sinapses neuronais. Ou seja, não se pode permitir a negação dos sentimentos originários dos traumas da infância.

Os fundamentos biológicos do fenômeno da negação foram revelados pelas pesquisas sobre o cérebro, mas suas consequências, sua influência sobre a nossa mentalidade, ainda não foram estudadas. Parece que ninguém quer pensar sobre o fato de que a insensibilidade pelo sofrimento da criança, que podemos constatar com tanta frequência e no mundo inteiro, está associada à paralisia do pensamento surgida na infância. (MILLER, 2004, p.79-80).

A cegueira emocional e os bloqueios de pensamentos contribuem, inclusive, para a decisão de ingressar e permanecer em seitas religiosas ou em grupos fundamentalistas, pois impedem que seus fiéis e adeptos questionem os dogmas que passam a ser tidos como verdades incondicionais e inquestionáveis.

Miller nos diz que os bloqueios de pensamentos podem, de certa maneira, contribuir para nos proteger da dor vivenciada no passado. Contudo, como já dito, se a pessoa é impedida de recordar e vivenciar os seus traumas de infância, a cegueira emocional se instalará causando prejuízos à si própria e às pessoas que estão ao seu redor.

A verdade, nos aponta Miller, é a única possibilidade de libertação. A verdade sobre nós mesmos, sobre nossa infância, sobre nossos pais e sobre nossa história nos liberta das armadilhas pregadas por nossos próprios corpos, pelos dogmas das

diversas seitas e igrejas, nos liberta dos nossos medos e angústias, da obrigatoriedade da obediência cega, da submissão e da compulsão à reprodução da violência e do ódio.

As crianças de ontem e de hoje precisam de respeito e de amor. Um amor que não sufoca. Que pode não permitir tudo, mas que é um amor que não se utiliza da mentira e do poder para subjugar e violentar.

Está mais do que na hora de abandonar os princípios destrutivos e principalmente desconfiar do axioma “obediente”. Não precisamos de crianças submissas, que mais tarde vão matar sob as ordens de terroristas e ideólogos insensatos. As crianças que são respeitadas desde pequenas vão passar pelo mundo com olhos e ouvidos abertos, e vão protestar contra a injustiça, a burrice e a ignorância com palavras e ações construtivas. (MILLER, 2004, p.135).

1.3 - No Princípio era a Educação⁵

A fim de disseminar o conhecimento obtido, principalmente, pela via da sua prática psicanalítica, Alice Miller decide escrever e publicar suas observações e teses. Decide, portanto, por utilizar-se de uma escrita simples e acessível na qual, as pessoas consideradas leigas em assuntos relacionados à psicanálise e ao desenvolvimento das crianças, pudessem entender os meandros da mente humana e, principalmente, entender que o que se faz às crianças em seus primeiros anos de vida retornará à sociedade de forma integral, “...as consequências devastadoras da traumatização da infância fatalmente voltam para a sociedade.” (p.7). Ela nos alerta que esse retorno poderá vir em forma de psicoses, dependência de drogas ou criminalidade caso as crianças sejam maltratadas e feridas em sua dignidade. É o que ela chama de “expressão codificada das primeiras experiências” (p.2).

Nesta obra em especial, Miller busca aprofundar os temas tratados em seu primeiro livro “O drama da criança bem dotada” em função das dúvidas apresentadas por seus leitores em inúmeras cartas endereçadas a ela. É como se fosse uma continuação dele. Para tanto busca dialogar e sensibilizar o público para a atenção e o olhar diferenciado que se deve ter diante do sofrimento da primeira

⁵ Originalmente publicado como *Am anfang war erziehung*. Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1990.

infância. Deste modo, num primeiro momento dirige-se à criança que existe no leitor adulto de hoje relatando como foram os métodos de educação pelos quais seus pais e avós foram educados, ou seja, apresenta a pedagogia “negra” e, assim, busca entender por que as crianças foram privadas de amor, cuidado e atenção. Para ela os pais precisam se encontrar com a criança que há neles e com seu próprio sofrimento de infância. Do contrário não poderão entender seus próprios filhos. Numa segunda parte do livro, Alice Miller descreve a infância repleta de graves humilhações e abusos de uma pessoa dependente de drogas, de um dirigente político e de um assassino de crianças⁶. Por meio dessas descrições e análises ela comprova o quanto a educação (conduzida pelos pais, pela escola ou por ambos), quando preenchida de maus tratos, olhares de proibição e desprezo, pode devastar toda uma infância e, assim, trazer graves prejuízos à vivacidade dos filhos⁷ e, conseqüentemente, torna-los uma ameaça e um perigo para toda uma sociedade, pois são nesses casos que surgem as perversões, distúrbios e neuroses obsessivas. Conhecer, portanto, as conseqüências dos maus tratos infantis podem conduzir, segundo ela, “... à mudança radical da nossa sociedade e, sobretudo, à libertação da cega escalada da violência” (p.5).

Ao começar a nos apresentar a pedagogia “negra”, Alice Miller ressalta que o fato de conhecermos intelectualmente todas as leis do desenvolvimento infantil não resguarda, pais e professores, de sentir raiva quando um determinado comportamento da criança não corresponde às nossas expectativas ou então quando esses mesmos comportamentos ameaçam os nossos mecanismos de defesa. Estamos expostos a esse tipo de sentimento. E, mais que isso, precisamos reconhecê-lo.

Porém, com a criança acontece diferente, pois ela tem pouca trajetória de vida e poucas (quase nenhuma) experiências vividas nesse sentido. Quando bebê ela (re)conhece apenas seus pais e, para com eles, sua tolerância é ilimitada. Ou seja, à espera de amor e proteção, aceitam tudo como verdades. As crueldades físicas e psíquicas dos pais ficam protegidas no amor incondicional da criança por eles e fortemente escondida sob a palavra “educação”. Ou seja, os traumas de

⁶ A saber: Christiane F., Adolf Hitler e Jürgen Bartsch.

⁷ Ressaltamos que quando Alice Miller utiliza os termos “pais” e “filhos” não se refere a pessoas específicas, mas, antes disso, “a circunstâncias e situações comuns ou jurídicas que dizem respeito a todos nós, porque todos os pais já foram crianças um dia, e as crianças de hoje, em sua maioria, um dia serão pais.” (p. 4).

infância, muitas vezes, ficam escondidos na idealização que a criança faz dos pais e dos professores nos primeiros anos de vida.

Por meio do livro de Katharina Rutschky⁸ (1977) intitulado *Pedagogia Negra* (*Schwarze Pädagogik*, em alemão), Alice Miller entra em contato com uma série de textos sobre Educação nos quais fica claro como se davam, aos pais e professores, orientações de utilização de técnicas de condicionamentos no sentido de privar as crianças de perceberem os maus tratos cometidos sobre elas. Essa compilação de textos educacionais escritos e publicados nos séculos XVII e XVIII apresentados por Rutschky confirmam, segundo Miller, suas teses sobre as consequências nefastas da violência e maus tratos infantis no desenvolvimento psíquico das pessoas observadas e analisadas, até então, em sua clínica psicanalítica.

Ao apresentar longos trechos do livro de Rutschky, Miller ousou lançar perguntas e, ao mesmo tempo, conduzir seus leitores a buscarem respostas para questões emblemáticas que, para ela, de certa forma, explicaria (sem, contudo, anular suas consequências e males) as atitudes violentas dos pais e professores sobre as crianças em seus primeiros anos de vida. Trata-se de responder as seguintes perguntas:

[...] como nossos pais foram educados? O que eles precisavam e podiam fazer conosco? Como poderíamos, quando crianças pequenas, perceber isso? Como poderíamos fazer diferente com nossos filhos? É possível interromper esse círculo vicioso? E finalmente: será que a culpa é menor quando fechamos os olhos? (MILLER, 2006, p.17/18).

Para ela, esses textos orientadores objetivavam apresentar técnicas para “adestrar” não apenas as crianças, mas também, os adultos (pais e professores), no sentido da não-percepção de seus sentimentos diante das ações e intenções dos outros em relação a eles. Como toda técnica de adestramento e condicionamento visava o não-sentir, o não-perceber e, mais que isso, o consequente não-questionar, ou seja, a aceitação irrestrita dos atos cometidos contra os considerados pequenos

⁸ Katharina Rutschky (25 de janeiro de 1941 - 14 de janeiro de 2010) foi uma educadora e autora alemã. Ela cunhou o termo *Schwarze Pädagogik* (literalmente *Pedagogia Negra*) em seu livro homônimo de 1977, descrevendo a violência física e psíquica como parte da educação (uma noção elaborada alguns anos depois por Alice Miller).

e indefesos. Assim, Miller, observa também os consequentes vestígios da pedagogia “negra” nas teorias psicanalíticas, na política e nas compulsões do cotidiano.

Alguns desses excertos do livro “Pedagogia Negra”, publicados por Miller e transcritos em nosso terceiro capítulo, deixam evidente o que os adultos da época entendiam sobre: ordem, teimosia, impetuosidade, maldade das crianças, vingança, mentiras, roubos, adestramento, obediência absoluta aos pais e superiores, submissão perante as leis, sujeição da criança a não agir de acordo com sua vontade. Para isso, estabelecem princípios que consideram fundamentais:

- a) Educar é sinônimo de ensinar a obedecer;
- b) Os adultos serão bem sucedidos na educação das crianças se, nos dois primeiros anos de vida, fizerem “a coisa certa”, ou seja, usarem a força e a opressão para educar seus filhos e alunos;
- c) É necessário dissuadir as crianças de seus desejos e sonhos;
- d) As crianças esquecem tudo o que se passou em seus primeiros dois anos de vida;
- e) Há três premissas para se instalar a obediência irrestrita: 1) a criança deve fazer de bom grado aquilo que lhe foi ordenado; 2) deixar de fazer de bom grado aquilo que lhe foi proibido e 3) ficar por sua vez satisfeita com as ordens que lhe são dadas. (J. SULZER apud MILLER, 2006, p.19-22).

Para Krüger, (apud MILLER, 2006, p.23-24) que escreve no século XVIII, a “obstinação” da criança por praticar atos maldosos deve ser severamente punida com castigos e surras inclusive, segundo ele, para deixar claro que os únicos autorizados a terem poder são os adultos. Neste ponto, Miller alerta para as questões relacionadas ao uso (e abuso) do poder e da autoridade. Para ela, os pais que lutam, com seus filhos pelo estabelecimento do poder, na verdade, estão lutando pelo poder que eles perderam diante de seus próprios pais. Assim, sentem os filhos como ameaças. Ameaças que foram sentidas em seus primeiros anos e que os acompanham durante toda a vida.

Para além das crueldades físicas e escancaradas dos pais e professores sobre as crianças há também aquelas que são dissimuladas, manipuladoras e que possuem uma gama de refinadas medidas de repreensão e opressão sempre, claro, escondidas sob a marca da “boa educação” e “para o bem da criança”. Medidas estas que, obviamente, trazem consequências devastadoras para a vida posterior

das crianças. Essas manobras dissimuladoras fazem emergir na criança sentimentos de vergonha, medo, insegurança e desamparo. Sentimentos esses que serão esquecidos assim que a criança encontre a sua própria vítima. No filme „A Fita Branca” pudemos observar vários exemplos dessa tese. (VILLAUME apud MILLER, 2006, p.26-30).

Miller nos alerta também para o fato de que a prática dos princípios da Pedagogia “Negra”, ou seja, a prática de atitudes de humilhação e exposição das crianças diante de toda a turma, por exemplo, revela que há supostos ganhos aos educadores. Ganhos esses que tem relação direta com a imposição e o reconhecimento da autoridade do mais forte sobre o mais fraco. Além disso, trata-se também do domínio de sentimentos e comportamentos da criança que, na maioria das vezes, o próprio professor, ao identificar-se com aquela criança, não se permite sentir ou agir. Obviamente que esse educador, agindo dessa maneira, auxilia a edificar uma criança insegura, inibida e sem autoconsciência. Porém, caso o professor tenha dificuldades para se impor de forma direta por meio da humilhação sobre as crianças, os manuais indicam que ele poderá utilizar-se da técnica da „máscara da amizade” apontando-a como uma eficiente saída e estratégia para tornar ainda mais cruel ou, na visão dos autores, mais assertivas suas ações sobre seus alunos. (SALZMANN apud MILLER, 2006, p.32-33).

Os manuais da Pedagogia “Negra” também orientam os professores no tocante à repressão dos sentimentos e choro dos alunos oferecendo diversas técnicas para tal. O controle das emoções é, para esses autores, fundamental para o desenvolvimento do self (entendido aqui como „si próprio”) da criança. Portanto, o choro, por exemplo, deve ser controlado e evitado ainda quando essa criança for um bebê. Para eles, as crianças precisam também „aprender a esperar”, ser atendidas somente quando estiverem „calmas”. Devem aprender a „arte de se privar”, pois somente assim se criará nelas os hábitos e a subordinação aos adultos. (SULZER e SCHREBER apud MILLER, 2006, p.34-38).

Certamente que, pelo teor, características e propósitos dos textos da Pedagogia “Negra”, não poderiam ficar de fora as ideias e concepções sobre Deus e sobre o papel das mães na educação dos filhos. Neles, Deus é apresentado como um Ser poderoso que tudo vê, tudo ouve e que é cruel quando suas ordens e desejos não são atendidos. Castiga, tira vidas quando quiser e, principalmente,

quando não for agradado. Portanto, as crianças devem exterminar de si tudo o que não agrada a esse Deus e que, logicamente, não agrada também a seus pais. (SCHMID apud MILLER, 2006, p.39).

Refrear a vivacidade da criança e seus desejos de saber é também uma das orientações aos pedagogos e pais dos manuais educacionais da pedagogia “negra”. A ideia é que a criança habitue-se a esperar para satisfazer parte daquilo que deseja. Além disso, deve tornar-se grata quando lhe fora concedido outro benefício, diferente do seu real pedido e desejo. O objetivo principal, no entanto, é que a criança obedeça incondicionalmente ao que os pais e educadores lhe impõem. (BASEDOW apud MILLER, 2006, p.45-47).

Mais do que orientar educadores e pais a lidarem com as vontades, impetuosidades e dúvidas das crianças, esses textos se ocuparam também de delimitar quais deveriam ser os papéis das mães e dos pais na educação dos filhos. A mãe, na maioria dos textos, aparece como a única responsável caso a criança não obedeça aos adultos. Se a criança é vivaz e questionadora foi porque a mãe não se dedicou suficientemente à sua educação e, pior que isso, se apresentou frágil e bondosa diante dos filhos. Essa fragilidade a deixa exposta à tirania das crianças, que abusam de sua bondade e filantropia. Mas, ao pai, visto como centro da família e dotado de força e entendimento, é exigido obediência total e incondicional por parte dos filhos. Assim como é exigido delas (crianças) submissão aos fortes: Deus e seu pai. (KELLNER apud MILLER, 2006, p.51-52).

Para Miller, se todas essas orientações forem seguidas à risca e na mais tenra idade da criança, haverá muitas e fortes possibilidades de que essa obediência total se manifeste na vida adulta dessas pessoas chegando, inclusive, a fazer com que elas aceitem, sem questionamentos, as ditaduras e sistemas totalitários. Diz ela,

Se esse tratamento for realizado de forma consistente e suficientemente cedo, então estarão criados todos os pressupostos para que um cidadão possa viver numa ditadura sem sofrer e, até mesmo, identificando-se com ela de maneira eufórica, como nos tempos de Hitler. (MILLER, 2006, p.54).

As questões sexuais também aparecem nos referidos textos e, obviamente, também são tratadas sob o viés da repressão e da imposição de estratégias voltadas ao estabelecimento do pudor desenfreado e da vergonha do próprio corpo e do medo. O medo é instituído quando, para combater instintos sexuais, os

professores utilizam cadáveres para apresentar o corpo humano às crianças. Para Miller, contudo, nesse tipo de ação pode estar o início do desenvolvimento das perversões uma vez que “A repugnância cultivada sistematicamente pelo próprio corpo também cumpre essa função.” (OEST apud MILLER, 2006, p.58-59).

A transcrição de diversos textos educacionais dos séculos XVII e XVIII quer reforçar a análise do quanto a Pedagogia “Negra” prima pela repressão da vivacidade e da alegria das crianças. Esse “método” orienta firmemente os professores e pais que não tolerem questionamentos, críticas ou expressões verdadeiras de sentimentos das crianças e, para isso, indica que eles utilizem vários meios para fazer com que a criança entenda o seu lugar na família e na escola, a saber: mentiras, armadilhas, manipulação, instituição do medo, privação de amor e atenção, humilhações, violência física, isolamento, desprezo e vergonha. Além disso, parte de princípios, são comprovadamente falsos. Entre eles estão as ideias de que a) o corpo é algo sujo e repugnante; b) o sentimento de dever gera amor; c) a obediência fortalece; d) os pais e Deus não sobrevivem a uma ofensa; e) os pais sempre tem razão; f) a intensidade dos sentimentos é prejudicial.

Diante disso tudo uma das questões que surge é: o que acontece com essas pessoas que foram educadas sob a égide dos princípios da Pedagogia “Negra”? Para Miller, a falta de amor, o desamparo e, principalmente, o ódio pelos malfeitores (proibidos de serem percebidos e, portanto, proibidos de se expressarem na infância) não se extingue “[...] mas se transforma com o tempo num ódio mais ou menos consciente contra si próprio ou contra outras pessoas substitutivas [...]”. (p.74). Como estudiosa dos maus tratos e suas consequências para as pessoas e sociedades, Miller se debruçou, também, no estudo de biografias de alguns dirigentes e líderes de sistemas fascistas e totalitários. Ela relata que não encontrou entre eles uma única liderança que não tivesse sido educada de forma rigorosa e dura. “Será que isso não deveria nos fazer pensar um pouco?” (p.78), nos propõe.

No capítulo “Os valores sagrados da educação” a autora avigora a ideia de que, em nome da educação, pais e professores aceitam que sejam utilizados todos os meios para que as crianças sejam obedientes, bondosas, honestas, humildes, gratas, compreensivas e que, também, não sejam egoístas, teimosas e obstinadas. Por “todos os meios” podemos entender que vale impor, mentir, dissimular, humilhar, assim como, fazer uso da violência física. Atos legitimados pela família, pela escola

e pela tradição judaico-cristã. Ou seja, pais e professores ficam autorizados a cumprir, de qualquer maneira, a sua função de educar e tornar as crianças futuros “adultos do bem”. Vale acentuar que, caso a criança não se sinta confortável sendo humilhada e agredida, ela não terá permissão, em hipótese alguma, de sentir raiva ou ódio por seus professores ou pais, pois essa mesma tradição judaico-cristã não consente que ela desonre seus pais, forçando-os a ama-los e obedece-los incondicionalmente. Mas, não se estabelece amor por decreto. As crianças humilhadas e expostas a maus-tratos sentem raiva pela situação a que são submetidas e pelas pessoas que a realizam, sejam elas seus próprios pais ou professores. Contudo, a raiva não pode ser expressa, vivenciada. Assim, teremos adultos que reproduzirão violência e ódio. “Essa é a ordem desumana e trágica da compulsão inconsciente à repetição.” (p.79).

Quando, porém, às crianças é autorizado vivenciar e demonstrar seus sentimentos, seja de amor quando se sentir amada ou de ódio diante das dores, ofensas e humilhações que recebe de seus pais ou professores, elas se tornarão adultos que irão manter essa capacidade de reagir adequadamente quando alguém lhe fizer mal ou bem. Compreenderão, por exemplo, que a raiva é um entre tantos sentimentos e que, portanto, é passível de ser sentido e expressado em relação a qualquer pessoa, mesmo àquelas que supostamente nos amam. Ela não se tornará um adulto violento. Ao contrário, saberá lidar satisfatoriamente com a raiva entendendo porque a sente e como reagir a ela.

Relembremos aqui a força que os pais têm sobre os filhos no sentido que a estes últimos, cuja necessidade de ser amado e amparado é imensa, especialmente nos primeiros anos de vida, tudo o que seus pais determinarem ou a forma como determinarem é sentida como verdadeira, correta e única. Para as crianças, os pais são fontes inesgotáveis de sabedoria, bondade e amor. Cabe aos pais usar adequadamente esse suposto poder que os filhos lhes atribuem. Se a utilização for para dominar, domar, reprimir e controlar a criança e seus sentimentos, ela, por toda a sua vida, estará submetida a todos aqueles que assim agirem sobre e com ela. Será submissa, obediente, dócil e dependente. Sujeita a todo tipo de dominação seja ela, pessoal, ideológica ou religiosa. Nesse sentido, Miller não se furta a apresentar exemplos de situações do holocausto para entendermos como se dão as consequências da Pedagogia “Negra”.

A educação desses indivíduos foi direcionada desde o início para o objetivo de exterminar em si tudo o que era infantil, lúdico e vivo. Tiveram de reproduzir da mesma maneira a crueldade que lhes foi infligida, ou seja, o assassinato psíquico da criança que um dia eles foram: no fundo, matavam sempre de novo o “ser criança” deles próprios nas crianças judias enviadas para a câmara de gás.” (MILLER, 2006, p.101).

Assim vemos, com Miller, que os mecanismos psíquicos da Pedagogia “Negra” são os fenômenos de segregação e projeção. Fenômenos esses que, de alguma forma, libertam as crianças (quando adultas) das dores e consequências de uma educação alicerçada no medo, na obediência e na repressão.

*A convicção pedagógica de que devemos “conduzir” a criança desde o início numa direção origina-se na necessidade de segregar as partes inquietantes de nosso próprio interior e de projetá-las num objeto disponível. A grande capacidade de adaptação, a flexibilidade, a impossibilidade de defender-se e a disponibilidade da criança a tornam o objeto ideal de tal projeção. O inimigo interno pode finalmente ser perseguido externamente.*⁹ (MILLER, 2006, p.105).

Mas, há saída para aquelas crianças que reconhecem, de alguma forma, os perigos do jogo de poderes da educação e das doutrinações familiares? Segundo psicanalistas de ontem e hoje, entre elas, Miller e Manonni, uma das saídas pode estar nas Artes. Por meio da Arte todo sentimento de impotência, medo, desespero, desamparo, compaixão, assim como as lágrimas e a raiva poderão ser expressas e reconstituídas e a construção do self será possível.

Todos os questionamentos sobre os princípios da Pedagogia “Negra” levam Alice Miller a declarar sua postura como antipedagógica. Ela não se declara contra um tipo específico de educação, mas contra a educação no geral “[...] mesmo contra a educação antiautoritária.” (p.112) e justifica sua posição embasada nos pressupostos que apresentamos a seguir.

Para ela toda educação é a imposição das necessidades do adulto sobre a criança. A satisfação dessas necessidades não apenas inibe a vivacidade da criança como, especialmente o impede. Quais necessidades seriam essas? Miller elenca sete principais necessidades que fazem com que o adulto muitas vezes se iluda e

⁹ Grifos da autora.

acredite que está agindo em prol ao desenvolvimento da criança, mas, ao contrário, está roubando dela toda a possibilidade de crescer de forma saudável física e psicologicamente. Para que não incorramos em equívocos e parcialidades, transcreveremos o que nos diz Alice Miller a esse respeito,

A essas necessidades pertencem: em primeiro lugar, a necessidade inconsciente de transmitir aos outros as humilhações sofridas; em segundo, encontrar uma válvula de escape para as emoções repelidas; em terceiro, possuir um objeto vivo, disponível e manipulável; em quarto, preservar a autodefesa, isto é, a idealização da própria infância e dos próprios pais, na medida em que, ao afirmarem a retidão dos princípios da educação recebida, também afirmam a retidão dos pais; em quinto, o medo da liberdade; em sexto, o medo do retorno das coisas reprimidas, com as quais a pessoa deparou várias vezes na infância e que sempre precisou combater, até que tivessem sido exterminadas, e – finalmente – em sétimo, a vingança pelos sofrimentos vividos. (MILLER, 2006, p.113).

Miller afirma que ao menos uma dessas necessidades movimenta o ato de educar. Assim sendo, a educação cumpre o papel de tornar o aluno *um bom educador*. Ensina-se a criança a repetir as ações de seus professores, ou seja, lhe é ensinado a praticar a humilhação, a zombaria e a promover a morte psíquica nas pessoas. Ela vê na educação um processo de “legítima defesa do adulto, a manipulação oriunda da própria falta de liberdade e da insegurança.” (p.115). Ainda que se possa compreender os motivos que levam os pais e professores a agirem dessa forma, é preciso ter ciência de que há riscos nesta inescapável forma de educar. O risco maior diz respeito a manter a criança na submissão, obediência e servidão. Porém, deixar a criança entregue à própria sorte também não é o caminho, visto que ela precisa de um acompanhamento físico e psíquico de um adulto. Todavia esse acompanhamento só obterá bons resultados se a atenção à criança caminhar no sentido de haver respeito aos seus direitos, tolerância para com seus sentimentos e disposição para aprender com seus comportamentos.

Educar é um processo que exige o reconhecimento da criança, uma abertura para ouvir o que ela nos comunica. “O aprendizado é resultado de prestar atenção; prestar atenção, por sua vez, nos leva a aprimorarmos a nossa atenção e penetrar o outro.” (p.117). Para educar o educador precisa estar aberto a aprender com a criança. E esse aprendizado se dará se houver empatia para com a criança e a recusa da implantação de protótipos e moldes. A empatia, assim, contribui

significativamente para o aprendizado do adulto e da criança. Trata-se de um movimento dialético e dialógico.

Quando os adultos não conseguem criar nem permanecer nessa relação dialógica fica vedada à criança a sua vivacidade e energia, na qual, entre outros elementos, não é permitido a ela a vivência de seus sentimentos de ira e de reconhecimento do seu sofrimento frente às ações manipuladoras e agressivas dos seus pais e educadores. Tudo fica armazenado em seu inconsciente e, não raro, mais tarde, pode conduzir esse agora adolescente ao suicídio ou à dependência de drogas. O uso de drogas, em última instância, é a busca pelo verdadeiro self, mas é, ao mesmo tempo, o encontro com o vazio existencial no qual reconhece que não havia a possibilidade de expressão dos sentimentos. Assim, a repetição do uso de drogas e o contato com o que poderia ter sido sua vida tornam-se constantes. O uso das drogas é a possibilidade que esse adolescente inconscientemente busca para “[...] encontrar com esse *self* de vez em quando, sem que ninguém o saiba.” (p.126).

A fim de tornar mais elucidativas as suas descobertas e estudos advindos por meio de anos de experiência clínica, mas, preservando os casos de seus clientes, Miller se debruça e apresenta a análise das histórias de Christiane F., Hitler e Jürgen Bartsch. Seu objetivo foi apresentar três experiências distintas, mas cujas infâncias trazem em comum a violência, a crueldade, a humilhação, o desamparo e a impossibilidade de vivenciar os sentimentos de ira contra seus opressores. Para além dos indivíduos que foram, essas três personalidades representam grupos: dependentes de drogas, suicidas, delinquentes, terroristas e também o de um determinado tipo de políticos. Christine F. reagiu à crueldade vivida em sua infância por meio da sua autodestruição. Hitler e Jürgen, procurando e fazendo vítimas para si. São casos que manifestam extrema destrutividade: ou de si mesmo ou de inimigos reais ou supostos. Para Miller, essa destrutividade é “[...] o ato de descarregar o ódio infantil precocemente represado e transferi-lo a outro objeto ou self.” (p.270), pois os três foram “pessoas que vivenciaram o carinho apenas como objetos de si mesmas, como propriedades de seus pais, mas nunca como as pessoas que eram”. (p.271).

Por meio desses exemplos reais podemos ver que a compulsão à repetição dos maus-tratos vividos na infância se manifesta contra si mesmo ou contra pessoas (ou grupos de pessoas) que são entendidos pelo opressor como frágeis e

manipuláveis. “O caráter trágico reside apenas no fato de que o efeito dos maus-tratos será passado a uma nova e inocente vítima, ainda que o conhecimento desses maus-tratos não seja mantido em sua consciência.” (p.277). Mas, a pergunta que nos vem à mente é sempre a mesma: como interromper esse círculo vicioso? É possível interrompe-lo? Para Miller, enquanto a criança não se der conta de que é maltratada e continuar ouvindo de seus pais, professores e da igreja que tudo o que fazem é *para seu próprio bem*, ou seja, que são medidas educativas para que ela se torne “*um adulto de bem*”, não será possível interromper essa cadeia. Ou seja, não é o trauma que fará com que a criança adoça ou, quando se tornar adulta, irá fazer com que repita os maus-tratos que um dia recebera. Mas, adoecerá e será impelida compulsivamente a repetir quando não puder expressar tudo o que sofreu nem tampouco demonstrar os sentimentos de raiva, desespero, impotência, desamparo e tristeza que sentiu na ocasião e por anos a fio.

Sofrer por causa de uma frustração vivida não é nenhuma vergonha ou malignidade. Isso constitui uma reação natural e humana. Se, porém, tal reação é proibida de modo declarado ou implícito ou se até mesmo é rechaçada com violência e com surras como na “pedagogia negra”, então o desenvolvimento natural será impedido e serão criados os pressupostos para um desenvolvimento doentio.” (MILLER, 2006, p.289-290).

Assim, com Miller, podemos afirmar que o ódio é um sentimento como todos os outros e que, portanto, deve se manifestar como uma reação natural diante de maus-tratos, violência e tortura, especialmente se os motivos de tais agressões forem obscuros e indefinidos. Contudo, vale se perguntar se há motivos que, mesmo explícitos, justificam ações de violência e tortura sobre adultos e crianças. “Não é o ódio vivenciado, mas sim aquele represado e rechaçado com a ajuda das ideologias que leva a atos de violência e destruição [...]” (p.292). E é exatamente essa ira não vivenciada e essa sustentação do silêncio por parte dos pais que faz com que a pessoa permaneça presa ao passado. Apenas quando o adulto conseguir viver com o passado e não contra ele, ou seja, quando tornar conscientes suas vivências de infância poderá se libertar e quebrar a cadeia da compulsão à repetição da violência.

1.4 - Não Perceberás – Variações sobre o tema do paraíso¹⁰

Miller inicia a obra afirmando que o seu título principal “Não perceberás” poderia configurar-se como mais um dos mandamentos morais da educação cristã ocidental visto que esta orienta aos seus discípulos e seguidores que amem incondicionalmente seus pais independente deles terem sido cruéis e agressivos a seus filhos. Esta mesma moral cristã orienta, também, que os filhos devam esquecer ou, dito de outra forma, devam deixar de lado e não perceber quaisquer maus tratos da infância que possam ter sofrido, pois, segundo ela, as ameaças, maus tratos e “possíveis agressões” só existem para corrigir e tornar as ingênuas crianças em futuras „pessoas de bem”.

Nesse início do texto Miller afirma também que reconhece a relevância da descoberta freudiana sobre a importância da primeira infância da criança para toda a sua vida subsequente. Contudo, ela também deixa claro que a presente obra pretende tornar evidente o distanciamento que ela estabelece entre a sua teoria e a teoria das pulsões e de recalque de Freud. Sobre o recalque ela mantém e concorda com o conceito original apresentado por Freud, porém discute por quais meios ele é empregado e qual é o preço que se paga, nos dias atuais, por adota-lo. Entretanto, quanto à teoria das pulsões Miller concorda com alguns aspectos e discorda essencialmente de um deles. Ela reconhece as lutas internas do id e ego, ou seja, do eu e do superego na condução da resolução do conflito gerado pelo Complexo de Édipo, assim como reconhece a origem das neuroses na forma elegida para essa condução. O que ela discorda é quando a teoria pulsional freudiana afirma que tudo o que vem do mundo externo não é patogênico. Ou seja, Miller discorda da teoria pulsional freudiana quando esta assegura que os relatos dos adultos sobre sua infância são fantasias e desejos projetados para o mundo exterior em função dos conflitos existentes na fase do complexo de Édipo.

Assim, seguindo a teoria das pulsões, na verdade a criança não é maltratada em função das necessidades dos adultos, mas supostamente fantasia esses maus-tratos, na medida em que reprime os próprios desejos agressivos e sexuais (desejos pulsionais) e vivencia-os projetivamente, como vindos de fora.

¹⁰ Originalmente publicado como *Du sollst nicht merken*. Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1981.

Foi esse aspecto da teoria das pulsões que me incentivou a escrever esse livro. (MILLER, 2006, p.4).

Para Miller é inegável a importância das descobertas freudianas, porém as questiona quando não possibilitam (e limitam) adequações em relação às culturas, às transformações sociais, aos aspectos temporais e individuais. Afirma, em vários momentos, que muitos psicanalistas adotam a teoria freudiana como um dogma e que, entendida como doutrina, não permite que se atualize às novas configurações sociais atuais chegando a inibir a própria teoria e também a sua prática.

De outra forma, contudo, em certo ponto de seu texto, Miller promove uma análise que caminha no sentido de promover um tipo de defesa da teoria do inconsciente de Freud. Ela afirma que, na época em que Freud realizou suas descobertas e na sociedade em que estava inserido, era improvável que ele pudesse assumir publicamente (e diante de toda uma comunidade científica ortodoxa e tradicional) que os pacientes histéricos, inicialmente por via da hipnose e posteriormente pela associação livre, demonstrassem ser a causa de seus sofrimentos, os abusos sexuais vividos na infância e praticados por seus pais, educadores ou outros parentes. Diz ela,

Para que essas mensagens dos pacientes fossem de fato levadas à sério, apesar da resistência do público, seria preciso partir do pressuposto de que Freud não estava preso a uma imagem familiar patriarcal, não se via sob a pressão do quarto mandamento e se encontrava livre da introjeção dos pais, que provocavam sentimentos de culpa em seus pacientes. Como naquele tempo esse tipo de liberdade era totalmente impensável, Freud teve de se decidir a considerar o relato dos seus pacientes como fantasias e a construir uma teoria que lhe permitisse poupar os adultos e relacionar os sintomas dos doentes ao recalque dos seus desejos sexuais infantis. (MILLER, 2006, p.130-131).

Diante disso, e também por ser psicanalista, Miller afirma que atualmente há duas posturas distintas que podem ser adotadas no encaminhamento da análise quando o paciente traz as recordações de sua infância. Uma delas se dá quando o analista volta seus interesses e atenções na tentativa única de descobrir os desejos pulsionais que o paciente reprimiu desde a sua infância reforçando “a trilogia poupar os pais – interpretar as pulsões – abafar o trauma” (p.28). Essa postura, ao se basear na teoria das pulsões, “desvia o olhar do analista do trauma do paciente”

(p.48). Ou seja, é uma postura que busca interpretar os conflitos pulsionais das crianças. Outra postura, que foi a adotada por Alice Miller em seus atendimentos, é a de observar, perceber e analisar o comportamento de seus pacientes como uma “encenação” ativa ou representação de um sofrimento vivido passivamente em suas infâncias, ou seja, uma consideração acolhedora dos traumas da primeira infância. Mas, para adotar essa segunda postura que, segundo Miller, é aquela que poderá, de fato, auxiliar os pacientes a se libertar da compulsão à repetição, o psicanalista precisa ter, ele mesmo, aprendido a lidar satisfatoriamente com seus próprios traumas de infância reconhecendo seus sentimentos reprimidos em relação a seus próprios pais. Do contrário, ele tenderá a adotar a primeira postura e buscará esclarecer para o paciente o quanto seu discurso sobre sua infância e sobre seus pais demonstram os conflitos pulsionais mascarando ainda mais traumas e circunstâncias de agressões e maus tratos. Nas palavras de Miller “Encobrir o comportamento traumatizante dos pais interpretando as pulsões (isto é, basicamente, atribuindo a culpa à criança)...” (p.28).

As diferenças entre as posturas adotadas pelos psicanalistas tem relação também, segundo Miller, com a forma pela qual esses profissionais foram educados por seus pais e pela educação formal, ou seja, a escola. Caso tenham recebido uma educação pautada nos princípios da pedagogia “negra” que prega a submissão cega às autoridades e aos pais, independente de qual seja o tratamento por eles recebido, certamente haverá uma tendência a adotar a primeira postura anunciada acima. E, assim, de certa forma, responsabilizará a criança pela criação de fantasias de maus tratos em função de seus desejos pulsionais e como forma de represália a si mesma. Uma pedagogia e uma análise que ensinam a criança e o adulto a “não perceber” a verdadeira origem de sua forma de se comportar, das causas de suas doenças, de sua forma de lidar com seus filhos, maridos, esposas, patrões, professores e demais pessoas que representam autoridade ou submissão. Para ela, o analista deve respeitar e não julgar seus pacientes em tudo o que fazem ou dizem. Ou seja, deve permanecer ao lado deles, incondicionalmente.

Agindo dessa forma o analista possibilitará ao seu paciente viver uma experiência jamais vivida na qual terá a seu lado uma pessoa que, de fato, o acompanha e o entende sem lhe recriminar ou julgar. Esse analista não assumirá a posição de juiz e permitirá a livre expressão da criança que habita naquele adulto

adoecido. Não coagirá o paciente a se reconciliar nem tampouco atribuirá exclusivamente a ele a responsabilidade de se encontrar naquela situação psíquica. Será uma pessoa em quem o paciente poderá confiar. Com uma atuação analítica deste tipo o paciente também conseguirá perceber as situações passadas com contornos mais nítidos acessando os traumas reprimidos. E, assim, essa atual condição permitirá que ele viva uma espécie de luto em relação a sua infância traumática livrando-se do quadro depressivo e de possíveis pensamentos suicidas. Ou seja, para Miller, o sucesso ou fracasso do tratamento psicoterápico é determinado, principalmente, pela posição que o analista adota diante da primeira infância de seu paciente.

Ao tratar as suas divergências com a teoria psicanalítica de Freud, Miller acrescenta que a submissão cega ou a dificuldade de romper com certos pontos de vista de um grupo, ideologia, religião, partido político ou a uma escola que represente uma teoria está relacionado com o medo de não ser aceito por esse grupo. Medo esse que tem sua origem na primeira infância quando o bebê temia a perda do afeto de sua mãe por não corresponder ao que ela esperava dele.

A ideia de ter opiniões que divergem totalmente das opiniões predominantes no grupo pode provocar temores existenciais tão fortes, que essas opiniões já nem são formadas. Na maioria das vezes, esses temores não tem fundamento real, mas provêm de uma época na qual efetivamente teria sido muito perigoso para a vida do bebê correr o risco de perder a mãe, isto é, perder o amor da mãe por causa de seu comportamento inadequado. [...] Esse grupo não precisa ser visível fisicamente, também pode ser uma ideologia, um partido ou alguma escola que represente determinadas teorias. (MILLER, 2006, p.98-99).

Miller relata que ela mesma encontrou dificuldades para acreditar em suas dúvidas sobre a teoria das pulsões e se libertar “da obrigação de encará-la como nuclear na psicanálise” (p.137). Mas que, ao seguir seus próprios princípios e por meio da análise minuciosa e detalhada que realizou com base nos estudos sobre seus pacientes ela chega a algumas conclusões no que diz respeito ao conceito de sexualidade infantil.

1. Concorda que encontrou na infância de seus pacientes “temores sexuais, confusões e inseguranças” (p.137). Conclui que essas dificuldades sexuais não são estabelecidas pelo indivíduo como defesa

aos seus próprios desejos sexuais infantis. Mas, que são defesas empregadas como “reações aos desejos sexuais dos adultos, cujo objeto é a criança.” (p.137). Defesas utilizadas, inconscientemente, diante do temor da perda do amor, dedicação, atenção, carinho e do afeto dos pais.

2. Os pais necessitam dos filhos e nessa necessidade está inclusa a sexualidade. O filho, para não perder a atenção e o amor dos pais, “produzirá em si sensações pseudo-sexuais, a fim de se tornar um parceiro digno do genitor que requisita seus favores...” (p.138).
3. A criança pequena não é sujeito, mas objeto de desejos sexuais dos adultos. Ou seja, não é ela quem sente desejos pelos adultos, mas são desejadas por eles. O período da latência, para além da explicação do recalque do complexo de Édipo, pode ser analisado também pela via do distanciamento dos adultos, pois é mais fácil confiar na descrição da criança pequena do que da criança maior. Além do mais se acredita ainda hoje que o que acontece à criança pequena não chegará ao conhecimento de outras pessoas.
4. O adulto com uma vida sexual insatisfatória com a parceira da mesma idade e, assim, exposto a todo tipo de carência e, por vezes, humilhação, poderá não renunciar à satisfação dos desejos que sente pela criança “bonitinha, insinuante e meiga” (p.139). Há ainda a possibilidade desse adulto também ter sido vítima de seduções e violências em sua infância. Por isso, as reproduz.
5. Há conteúdos narcísicos nas perversões sexuais. Pode haver, nos casos mais graves de pedofilia, fundamentos que giram em torno de problemas com o poder e com a impotência.
6. É possível avançar mais e melhor no processo terapêutico quando se tentar entender as confusões sexuais dos pacientes como “expressão do abuso sexual que sofreram por parte dos adultos” (p.140).

Mais uma vez destacamos que Miller reconhece a importância das teorias freudianas. Aliás, ela reafirma, aqui nesta obra, que as descobertas foram importantes para alavancar os estudos sobre o surgimento das neuroses especialmente numa época em que as discussões acerca do tema eram parcas e

pouco aprofundadas. Ou seja, ela reconhece que Freud sempre foi um intelectual à frente do seu tempo e, portanto, suas descobertas sempre tiveram um caráter revolucionário. Mas, o que Miller se perguntou frequentemente foi sobre os motivos da teoria das pulsões e do Complexo de Édipo ter sobrevivido por tanto tempo como núcleo central de sua teoria e, mais que isso, sem questionamentos. Por qual razão os analistas de ontem e de hoje aderem cegamente à sua teoria sem sequer perguntar-se se “algo mudou”? E, diante ao menos da dúvida, perguntar-se por que mudou e em função do que mudou. Uma das hipóteses que ela entende como possível é o fato de estarmos constantemente sob influência do “mandamento da pedagogia negra” (p.170). Pedagogia essa que, desde o século XVII, responsabiliza e culpa a criança por toda e qualquer ação supostamente malévola e que, portanto, prega a obediência e a submissão da criança aos seus genitores e educadores, pois, segundo esse princípio, apenas dessa forma, ela poderá se transformar num adulto de bem. Ou seja, poucos ousam, mesmo atualmente, questionar as teorias do „pai” da psicanálise. Um pai que se idealiza e que se supõe (ou se deseja) previdente, perfeito e não restritivo.

Por mais que a ideia de uma criança com desejos sexuais chocasse as pessoas na época, ainda assim ela era mais aceitável nas estruturas de poder encobertas e protegidas pela pedagogia vigente do que a verdade total sobre o que os adultos faziam com as crianças, mesmo no campo sexual. A criança com desejos sexuais continuou sendo o alvo dos esforços educacionais (ou terapêuticos) dos adultos. (MILLER, 2006, p.170).

O “não perceber”, também apregoado pela pedagogia “negra”, favorece imensamente o encobrimento dos maus tratos e abusos contra a criança. Encobre e permite toda e qualquer postura autoritária do adulto sobre a criança. Encobre, inclusive, o desejo narcísico dos educadores sobre seus alunos. “Enquanto a culpa da criança ou o conflito de Édipo é o centro das atenções, ninguém pensa em perguntar por que afinal o pai de Édipo, o Rei Laio, mandou furar os pés do filho e o abandonou imediatamente depois do seu nascimento” (p.170).

Portanto, o terapeuta ou educador, podem assumir duas posturas distintas. O que se observa é que, com maior frequência, adotam a postura de “defensores da sociedade” (p.179) e exercem todo tipo de violência contra as crianças especialmente quando, regidos pelos princípios da pedagogia “negra” e da teoria

das pulsões, fazem as crianças acreditar que o conhecimento (sobre seu corpo, sobre a origem da vida) vem carregado de culpa e vergonha. Assim, essa criança, ora exposta aos desejos narcísicos dos pais, corre o sério risco de também estar exposta às violências dos educadores ou terapeutas comprometendo seriamente o desenvolvimento de seu self e a formação de sua autonomia.

Para Miller, apesar da existência de mais de 80 anos da teoria das pulsões e dos vários séculos da pedagogia “negra”, assim como também apesar dos diversos estudos científicos sobre a infância, os psicanalistas e educadores ainda não se posicionam a favor das crianças quando deixam de reconhecer que elas são utilizadas como válvula de escape e que são transformadas em vítimas em função de jogos de poder, de maus tratos e de abusos de toda ordem, inclusive os sexuais. Para ela, enquanto os psicanalistas continuarem encarando e diagnosticando que os relatos dos adultos sobre sua infância são fantasias provenientes de seus conflitos pulsionais e não vivências reais, a insensibilidade sobre o sofrimento infantil perdurará.

Não é a dissolução dos conflitos pulsionais ou o domínio e o melhor controle dos desejos pulsionais, mas a total aceitação dos sentimentos e o acesso emocional aos traumas de infância que possibilitam a cicatrização das antigas feridas”. (MILLER, 2006, p. 357).

Em um artigo intitulado “As filhas já não se calam”, publicado em 1982 e apresentado de forma resumida na presente obra, Miller traz dados, extraídos de uma pesquisa formulada por Florence Rush¹¹, de que 70% das prostitutas e 80% de mulheres viciadas em drogas foram vítimas de abusos sexuais na infância. E que 85% de todos os delitos cometidos contra crianças tinham cunho sexual. Convém lembrar, no entanto, que, apesar da importância dos dados dessa pesquisa, os estudos de Miller dizem respeito a todo tipo de espancamentos, maus tratos, humilhação e rebaixamento recebido na infância, e não apenas o sexual. Para ela, há mais frequência de abusos e maus tratos infantis do que se pode imaginar. Essa

¹¹ Florence Rush (1918-2008) era uma assistente social americana formada pela Universidade da Pensilvânia, teórica e organizadora feminista mais conhecida por apresentar o texto “O abuso sexual das crianças: Um ponto de vista feminista” sobre abuso e incesto sexual na infância na Conferência de Estupro de Feministas Radicais de Nova York (NYRF) em abril de 1971. O artigo de Rush na época foi o primeiro desafio às teorias freudianas de crianças como sedutoras de adultos, em vez de vítimas de exploração sexual/de poder de adultos. É também autora do livro “O segredo mais bem guardado”.

invisibilidade se dá, de acordo com Miller, pois as sociedades estão, ainda nos dias atuais, sob a influência dos ditames do 1) cristianismo ocidental que utiliza como pilar central o quarto mandamento (apesar deste pertencer aos textos fundacionais do judaísmo) no qual obriga a honrar pai e mãe acima de tudo, pois para o cristianismo, tudo o que é feito às crianças, inclusive as punições e castigos, são para o próprio bem dela e 2) da pedagogia “negra” que dissemina aos educadores que as práticas pedagógicas precisam ser calcadas no estímulo à submissão, obediência e passividade das crianças.

1.5 - A Revolta do Corpo¹²

Nessa obra, assim como nas demais, Alice Miller retoma a temática da recusa em reconhecer o sofrimento da infância. Contudo, a novidade nesse texto é que ela acrescenta o quanto essa recusa tem sérias consequências para nossos corpos. Ou seja, quando a pessoa se recusa a admitir, seja por questões morais ou religiosas, o que está sentindo ou o que sentiu em sua infância em relação a seus pais, seu corpo entra em colapso. Adoece. As funções biológicas como respiração, circulação e digestão não reconhecem as regras morais. Elas funcionam a partir das reações às emoções vivenciadas. Há possibilidade do adoecimento não se instalar? Segundo Miller uma das possibilidades do não-adoecimento se dará, infelizmente, quando a pessoa projetar em seus filhos essas “emoções inconfessadas” (p.11) por meio da repetição. Ela não irá recordar, repetir e elaborar, como indica Freud. Para Miller, se ela não recordar e vivenciar as emoções, sentimentos e sofrimentos de sua infância, apenas as repetirá. Porém, com o auxílio da psicoterapia ela terá a oportunidade de recordar, vivenciar e, assim, elaborar os traumas sofridos na infância. “Assim, nesse livro, trata-se principalmente do conflito entre aquilo que sentimos e sabemos, porque nosso corpo registrou, e aquilo que gostaríamos de sentir para satisfazer às normas morais que, muito cedo, interiorizamos.” (p.13). Uma das normas morais à qual ela faz referência é o quarto mandamento do cristianismo que impõe a todos o amor e a honra incondicionais aos pais mesmo que estes tenham sido tiranos e cruéis com seus filhos.

¹² Originalmente publicado como *Die Revolte des Körpers*. Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 2004.

Toda vez que uma pessoa se priva de deixar vir à tona seus sentimentos porque se vê obrigada a obedecer a uma regra moral, por exemplo, o quarto mandamento, imaginando que assim será compensada pelo amor e admiração de seus pais, fará com que seu próprio corpo ou mesmo seus filhos paguem a conta por isso.

Esse autoengano, fruto do desejo ardente de ser amado (pois o que uma criança precisa ao nascer é amor, dedicação, proteção, consideração, amizade, cuidado e disposição para a comunicação por parte dos pais), pode acontecer a qualquer pessoa. Logo na primeira parte do texto, Alice Miller relata a história de vários artistas plásticos e escritores famosos que viveram esse drama e tiveram, em seus corpos, a destruição de si mesmos.

Sobre a psicoterapia ou psicanálise ela nos alerta, talvez diferentemente do que pensávamos até agora, que o psicanalista deve ser um “acompanhante parcial” (p.16). Alguém que possa acompanhar o paciente e partilhar com ele o pavor e a indignação quando as emoções de sua infância vierem à tona e revelarem o quanto essa criança foi desamparada e maltratada por seus pais. A esse acompanhante, Alice Miller denomina “testemunha esclarecida”. Um psicanalista que possa entender a linguagem corporal de seu paciente, ser-lhe solidário e compreensivo e que possa adotar uma postura de não neutralidade. Que não ignore as dores e as emoções da infância de seus pacientes, como seus pais outrora o fizeram dando origem a grandes feridas em sua dignidade. Para isso, também eles precisam se libertar da prisão do quarto mandamento e dos dogmas impostos pela ciência.

Mas, o corpo não conhece (e por isso não respeita) essa moral e o quarto mandamento. Pois, a moral pode ditar o que devemos fazer ou não fazer, mas não pode ditar o que sentimos. Portanto, olhar para o corpo, entender sua linguagem e confiar em suas demandas nos encaminham para o desvelamento da verdade de nossas infâncias. Uma verdade normalmente difícil de ser enfrentada, mas que, se não for encarada, fará com que permaneçamos na escuridão, no cansaço, na depressão e na falta de vitalidade e da alegria de viver. Para enfrentar e ter de volta a vivacidade e alegria não é preciso se vingar dos pais, mas é preciso olhar para eles como eles realmente foram, olhar para a forma como lidaram com seus filhos e filhas na infância.

A “Pedagogia Negra”, termo cunhado pela já citada estudiosa alemã, refere-se a uma forma violenta e castradora de educar onde não se consideram os sentimentos das crianças destruindo a possibilidade de se viver uma infância saudável na qual os sentimentos são valorizados e respeitados. Como consequência, gera pessoas adaptadas a uma máscara e suscetíveis a todo tipo de submissão, pois para essa criança, agora adulta, o temor de ser castigada e de não ser amada e compreendida estará sempre presente. Paradoxalmente essa máscara impede e, ao mesmo tempo, possibilita a vida. Na infância ela é necessária para que a criança maltratada consiga sobreviver em meio às agressões físicas ou psíquicas. Caso não tenha uma testemunha a seu lado ela precisa recalcar, mascarar seus sentimentos para conseguir seguir adiante. Quando adulta, com o auxílio de uma testemunha esclarecida, poderá decidir tirar a máscara, conhecer a verdade e deixar de se apiedar de seus pais malfeitores. Assim, conseguirá seguir em sua vida evitando ou controlando o surgimento de doenças físicas ou psíquicas.

O surgimento dos sistemas totalitários, para Miller, está ligado diretamente com as relações de seus líderes com seus pais e com a educação que receberam em casa e na escola. Para exemplificar cita os casos de Hitler, Stálin, Mao, Napoleão e Saddam Hussein. Quando a educação nega à criança o direito à dignidade, o direito de ser ouvida e compreendida e, mais que isso, a coloca diante de situações degradantes e vexatórias, subjugando-a, ela reproduzirá esse tipo de relação, mais tarde, com seus filhos ou com seus liderados. “É assim que surgem ditadores e infratores dos direitos humanos, os quais, quando crianças, nunca foram respeitados e, mais tarde, tentam obter o respeito com a ajuda de um poder gigantesco.” (p.21). O grave desse tipo de situação na política é que a gana por poder nunca se acaba. A repetição se torna compulsiva e o medo de enfrentar a verdade de suas infâncias os leva a dizimar povos inteiros. O poder ajuda a obscurecer e evitar o difícil contato com a verdade. “Todo ditador recusa o sofrimento de sua infância e tenta esquece-lo por meio de sua megalomania.” (p.76). Ocorre que o ditador ou o líder autoritário, na verdade, traz consigo a incompetência e a fragilidade pela qual sua infância foi marcada. E nem toda sua tirania consegue tornar sem efeito as humilhações que sofreu na infância, uma vez que ele se recusa a enfrenta-la.

Outro aspecto importante na atuação dos tiranos e ditadores é que eles podem mobilizar os medos recalçados das infâncias sofridas e recalçadas de seus seguidores, pois todo tirano simboliza um pai.

A tirania, o autoritarismo, a crueldade, a destruição e a promoção de mortes em massa não é o destino inalterável das crianças mal tratadas na infância. Segundo estudos e pesquisas de Alice Miller os maus tratos infantis podem encontrar nas artes plásticas e na literatura uma saída para a elaboração dos sentimentos devastadores de desamparo, solidão e medo. Por meio de pesquisas e estudos de diversas biografias, entre elas a de Virginia Woolf e de Marcel Proust, Miller consegue exemplificar e reiterar suas concepções de que nas artes é possível clivar as emoções para o universo consciente e aceitável. A escrita e as artes plásticas podem resgatar e libertar aquela criança encarcerada e encurralada que os maus tratos determinaram sem, no entanto, livrarem seus corpos de algum tipo de adoecimento nem de “[...] devolver-lhes a vivacidade, a sensibilidade e a segurança um dia perdidas, uma vez que a Testemunha Esclarecida é indispensável para essa libertação.” (p.37).

A Testemunha Esclarecida, na qual Miller aposta todas as suas fichas, pode ser um psicoterapeuta. Ou então podemos dizer, de outra forma, que todo psicoterapeuta deveria ser uma Testemunha Esclarecida. Para isso, ele deve sempre fazer frente, ou seja, deve combater as ditaduras da moral tradicional enfrentando o mandamento religioso que afirma que o amor incondicional aos pais, mesmo os mais desumanos e opressores, garantirá à criança que ela será amada e respeitada em seus sentimentos. E, mais que isso, os psicoterapeutas, as igrejas e a sociedade de modo geral precisam urgentemente deixar de aceitar os maus tratos como medidas educativas. Há uma enorme distância entre maus tratos e práticas educativas. Assim como devem também deixar de caracterizar as atitudes agressivas dos pais sobre as crianças como falhas involuntárias acarretadas apenas por questões de ordem social, pessoal ou de trabalho como desemprego, tensões no casamento ou excesso de trabalho. A naturalização de práticas abusivas contra as crianças permite a perpetuação do ódio, pois “somente odiamos quando nos sentimos impotentes.” (p.82). Impotência gerada por sentimentos contraditórios, pois a criança ama seus pais e, por conta disso, quer satisfazer os desejos deles. Satisfazer os desejos dos pais significa, para ela, naquele momento, a garantia de

que será amada e amparada. Mas, não é isso que acontece. Ao invés de amor ela recebe maus tratos e imposições de toda ordem sem ser considerada em sua dignidade. Portanto, ela já não sabe mais se ama ou odeia seus pais. A impotência de não conseguir se livrar dos maus tratos causa-lhe ódio, tristeza e desamparo. Mas, a cultura, a família, a igreja nos impõe que não podemos odiar nossos próprios pais. Sejam eles quem forem e independente de como se relacionam com seus filhos. O carrossel de sentimentos contraditórios fica, assim, instalado. Os sentimentos não autorizados pela moral, pela igreja e pela educação ficam recalçados. E assim se instalam, ao mesmo tempo, no corpo, os sintomas dessas contradições. O corpo padece e, através de seus sintomas, diz o que aquele adulto, que fora uma criança maltratada, precisa para continuar sua vida de forma saudável e equilibrada sem descontar em seus filhos e companheiros sua cólera e sua necessidade de se sentir competente e amado.

O adoecimento do corpo é o resultado da ilusão do amor. Os vínculos entre pais e filhos não poderiam estabelecer-se pela compaixão, pela gratidão, pela recusa da verdade, pela culpa, pelo temor do castigo ou pela dissimulação. Nenhum desses sentimentos é amor verdadeiro. O corpo visto sob essa perspectiva é nosso guardião. Ele luta e resiste contra todas as ilusões e mentiras que nos impomos na tentativa de sermos amados. Ele é incorruptível.

A moral cristã não admite (e por isso, não autoriza) que uma criança possa sentir ódio por seus pais, mesmo que seus pais tenham sido agressores e abusivos. Nesses casos, indica aos filhos a prática do perdão aos pais. Porém, essa mesma moral cristã não entende (ou não quer entender) que não há possibilidade alguma de impedir a existência de um sentimento seja ele qual for, inclusive, o ódio. E que o perdão não liberta a criança ou o adulto do ódio. Ele apenas ajuda a encobrir um ódio que lentamente vai se alojando no inconsciente do sujeito. E é esse ódio recalçado que irá adoecê-lo. O ódio, por si só, não adocece as pessoas. Ele é um sentimento e, como tal, deve ser reconhecido e sentido. Caso seja recalçado se transformará em doença e mal estar.

A forma como cada um irá lidar com a descoberta e manifestação desse sentimento de ódio pelos pais agressores é muito singular e, obviamente, podem variar de infinitas maneiras. Cada um sabe, ou deve buscar saber, o que consegue suportar ao se deparar com sentimentos até então desconhecidos e como lidar com

seus pais a partir dessas descobertas emocionais. Porém, para Miller, há alguns aspectos nestas relações que são inabaláveis. São eles,

1. As feridas antigas somente podem cicatrizar quando aquele que um dia foi vítima decide mudar, quer dar-se ao respeito e, assim, renunciar, em grande medida, às expectativas da criança.
2. Os pais não mudam automaticamente com a compreensão e com o perdão da criança adulta. Somente eles podem mudar a si mesmos, quando querem.
3. Enquanto as dores oriundas das feridas forem negadas, a pessoa pagará o preço com a saúde – aquele que foi vítima um dia ou seus filhos. (MILLER, 2011, p.108).

Ou seja, para os adultos que foram maltratados na infância é saudável que renuncie a esperança de ser amado por seus pais agressores uma vez que são expectativas daquela criança que eles foram um dia. Segundo Miller, seus pais não mudarão de postura apenas porque seu filho se tornou adulto ou porque supostamente os perdoaram. Como esperar amor de pessoas que, quando podiam e deviam amar uma criança indefesa, nunca o fizeram? A renúncia ao autoengano, à ilusão e às fantasias de amor, segundo ela, podem salvar a saúde e a vida psíquica das pessoas.

Contudo, segundo ela, pode haver casos em que os pais e filhos iniciem a construção de uma nova e sincera relação a partir do momento em que esses filhos, agora adultos e maduros sentem-se em condições de confessar aos seus próprios pais o ódio que sentiram pelos maus tratos e agressões recebidas. Não se trata, nesse caso, da prática do perdão. O perdão é hipócrita e pode ser perigoso na medida em que não apenas camufla os sentimentos e mascara a compulsão à repetição, como a autoriza. Apenas a verdade integral da infância pode impedir a repetição dos maus tratos pelo adulto maltratado na infância.

O quarto mandamento reforça a necessidade do perdão por meio do amor incondicional aos pais. Além disso, convida a pessoa agredida a transformar os *maus* sentimentos, ou seja, a raiva e o ódio, em *bons* sentimentos, como amor, perdão, solidariedade, empatia em relação aos seus agressores que, via de regra, são os pais ou figuras que representam alguma autoridade para a criança. A questão é que, segundo Miller, além dos sentimentos „maus” transformados em „bons” terem escassa duração, ou seja, logo volta-se aos sentimentos originais, eles deixam-nos na infância. Naquela infância em que erámos dependentes e, por isso,

carentes de amor, atenção e cuidados. Mantém a pessoa presa na ilusão de ser amada. O quarto mandamento, uma das expressões da moral cristã, e a pedagogia “negra”, uma das expressões da moral educacional, não contribuem na cura das feridas e dos traumas provenientes dos maus tratos. Pelo contrário, assim como o perdão, autorizam-nas.

Em síntese, Miller esclarece que:

- A criança maltratada não sente amor por seus pais. O que sente é um vínculo carregado de ilusões e expectativas de ser amada por eles algum dia.
- A própria criança maltratada paga o preço por este vínculo não amoroso, pois cresce acreditando na mentira de que tudo o que foi feito era única e exclusivamente para o bem da criança e demonstravam o amor dos pais para com ela. Não raro nesses casos, essa mentira tem como consequência problemas de saúde de várias ordens e naturezas.
- As psicoterapias podem auxiliar o adulto que cresceu sob o escudo da mentira desde que o terapeuta não tenham se submetido à armadilha da moral tradicional que promovem o perdão e o amor incondicionais aos pais.
- Para conseguir compreender o medo que sente dos pais (ou figuras paternas) e, assim, se livrar dos vínculos destrutivos a pessoa precisa ter perto de si uma Testemunha Esclarecida que lhe ouvirá sem cobranças e sem conselhos moralistas contribuindo com o fim da compulsão à repetição.

As críticas de Miller às questões morais não indicam que ela desconsidera todo e qualquer valor moral. Escreve ela,

No entanto, com minha crítica a essas ideias errôneas não pretendo afirmar que não reconheço nenhum valor moral em absoluto ou que rejeito a moral como um todo [...]. Muito pelo contrário, é justamente porque determinados valores, como integridade, consciência, responsabilidade ou fidelidade consigo mesmo, são tão importantes para mim que tenho dificuldades com a recusa de realidades que me parecem evidentes e são empiricamente demonstráveis.” (MILLER, 2011, p.182).

A profundidade que Miller dedica aos diversos temas nas cinco obras apresentadas acima evidencia que a sua maior preocupação e esforços acadêmicos é com a questão dos maus tratos infantis e a conseqüente geração da cadeia de ódio e violência que corroem a humanidade e, portanto, a maioria das sociedades e culturas. Todos esses temas estão enlaçados e servem ao objetivo de buscar entender as relações de amor e ódio, proteção e abandono, amparo e desamparo presentes na convivência entre pais e filhos, inicialmente, e, mais adiante, naquelas estabelecidas entre professores e alunos. Relações essas que, conforme vimos acima, irão marcar e definir toda uma vida no que diz respeito a convivência com as pessoas de modo geral e com algumas em particular.

A abrangência do tema é de tamanha relevância que o vemos retratado em vários momentos da história e por variados canais de comunicação. Ao observar que a descrição e análise dessas relações são abordadas também em filmes, livros, poemas, peças teatrais entre outras formas de expressão da arte elegemos um filme, *A fita Branca*, que foi baseado na obra de Katharina Rutschky, para constituir parte de nossos estudos. Assisti-lo, analisa-lo e, mais que isso, deixa-lo atuar em nossas entranhas, reafirmou o quanto Alice Miller nos auxilia a entender como os medos, as inseguranças, o sentimento de ódio, as angústias do ser humano estão presentes em épocas e sociedades diferentes e como e porque são gestadas. É disto que trataremos a seguir.

2 – A FITA BRANCA: A ARTE, SEU SENTIDO ESTÉTICO E POLÍTICO

Olhar, sentir e pensar a arte nas suas mais variadas formas: plástica, cinematográfica, musical, poética, teatral e dançante, e, a partir daí, tê-las como pretexto ou campo empírico nas pesquisas científicas e reflexões acadêmicas não tem sido incomum, especialmente, nas ciências humanas. Considera-se que a arte, pelo fato de conseguir promover vários encontros, traz em si elementos significativos que revelam, de forma intuitiva ou direta, o ser humano, as suas relações e a forma de organização das sociedades. Assim vemos, com Deleuze e Guattari, que a arte, ciência e pensamento filosófico são as três grandes formas ou vias de pensar e sentir. Pensar e sentir o mundo, as relações e os encontros. Pensar e sentir enquanto possibilidades e condições para enfrentar o caos. Pensar e sentir para tentar atravessar a caótica que os encontros provocam. Deste modo, segundo Orlandi (2014), cada uma dessas vias de pensar e sentir constrói formas e planos distintos para se manifestar. “Enquanto a arte pensa “por sensações”, traçando um “plano de composição”, enquanto a ciência pensa “por funções”, traçando um “plano de coordenadas”, a filosofia, ao enfrentar as variabilidades da caótica dos encontros, traça um “plano de imanência” erigido à medida que ela “pensa por conceitos” (DELEUZE e GUATTARI, apud ORLANDI, 2014, s/p).

Optamos por trilhar o caminho daqueles que acreditam que a arte não existe para tornar algo compreensível. Mas, que, ao contrário, nos leva a sentir e a compor cenários e encontros. Pelo caminho daqueles que sentem que não se faz arte por escolha, mas que se faz arte exatamente por não se ter escolha. Assim, entendemos que a arte, para além de seu sentido estético, é carregada, também, de sentido político.

A possibilidade do encontro de Michael Haneke, por meio de seu filme “A fita branca”, e de Alice Miller, por meio de suas principais obras, fez com que fossem eleitos como elementos empíricos da pesquisa.

Consideramos que o material cinematográfico, embora apresente as relações humanas e sociais, na maioria das vezes, de maneira aparentemente superficial, funcionam como um cenário, como um “pano de fundo” que nos ajuda a pensa-las e, muitas vezes, funcionam como disparadores de reflexões mais aprofundadas para a

construção de saberes e das ciências, desdobrando-se em discussões e pesquisas sobre questões cruciais para o desenvolvimento delas.

Os filmes quase sempre nos apresentam questões importantes sobre a essência dos seres humanos e de suas relações com o outro (e com vários outros), com as sociedades, com o mundo externo e, em alguns casos, com o transcendente. Ao longo do tempo (desde a Grécia Antiga) encontramos artistas e teóricos das mais diversas áreas da ciência que, ao pensar sobre o estético, o ético e o político, abordam e tornam evidentes fenômenos humanos, sociais, culturais e ambientais.

Assim como a ciência, a arte também nos auxilia a sentir, a ver, a pesquisar e a estabelecer construtos fundamentais com base nos elementos da natureza e das relações humanas que não estamos habituados a ver ou, mais que isso, que não nos ensinaram a considerar como importantes fundamentos das relações humanas.

E, assim, com o olhar nas obras de Alice Miller que nos traz reflexões e questionamentos importantes sobre a pedagogia “negra”, e os sentidos na arte, nos lançamos nas malhas do filme *A fita Branca* como um dos disparadores para nos ajudar a pensar, a compor territórios e a passear por paisagens. Buscaremos enlaçar o enredo, cenário e as relações entre as personagens do filme com as reflexões e teses de Alice Miller.

Passemos, então, inicialmente, às informações sobre a concepção do filme na intenção de perceber as possibilidades de conexões e, portanto, a relevância dele para nossa pesquisa. Sabemos que o lugar e o olhar de onde observamos os fenômenos e pessoas nos diz muito sobre o que pensamos e somos e, mais que isso, nos diz muito sobre o que desejamos, ainda que saibamos que o desejo é da ordem do inconsciente. Contudo, nos ajuda saber que, dado o seu roteiro e dado os países de origem do filme serem a Alemanha e a Áustria, seu autor e diretor não fala de um lugar para ele desconhecido ou apenas pesquisado, ou visto de fora. O lugar e olhar com que fora concebido revelam o seu sentido e o seu não-sentido.

Seu nome original é “Das Weiße Band” ou “Eine Deutsche Kindergeschichte”. De acordo com as categorias de filmes ele foi alocado apropriadamente ao gênero “Drama”, pois apresenta fatos e acontecimentos compatíveis com os da vida real de determinada época. Apesar de ter sido lançado em seu país de origem em 2009, chega ao Brasil apenas no início de 2010. Durante seus 144 minutos, podemos

apreciar o trabalho de Michael Haneke que, ao mesmo tempo, escreve o roteiro e dirige o filme. Haneke é formado em psicologia, filosofia e teatro pela Universidade de Viena e através de suas obras propõe debates sobre a violência e sobre as perversões humanas.

As crianças que fazem parte do elenco foram criteriosamente selecionadas ao longo de seis meses e 7000 testes. Segundo consta nos anais do filme esta extensa seleção se deu devido ao fato de que, para o diretor, era importante encontrar crianças que correspondessem fisicamente às imagens que conhecemos do período retratado. Fato interessante, pois as marcas das expressões das crianças nos remetem quase que obrigatoriamente a uma época e, mais que isso, aos sentimentos de ódio que exalam delas. Ódio que envenena os vínculos com seus vizinhos e familiares. Ódio que corrompe as relações e que compromete seriamente a dinâmica dos afetos.

Tanto rigor, especialmente, na escolha do elenco infantil, aliado ao talento dos adultos e do próprio diretor, levou o filme a receber vários prêmios sendo o mais importante o Palma de Ouro, prêmio máximo do Festival de Cannes além de ter sido indicado para o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro e Melhor Fotografia.

O ano em que se passa a história do filme é 1913. Ano que marca as vésperas da Primeira Guerra Mundial. Vale lembrar que no fim do século XIX e início do século XX o mundo encontrava-se dividido em função das dominações imperialistas, pois as grandes potências europeias e os Estados Unidos brigavam para expandir seus territórios. A Alemanha, palco da narrativa, supera a Inglaterra nos aspectos industrial e econômico e vence a França na Guerra Franco-Prussiana. O lado oriental da Europa também estava revoltoso especialmente porque a Rússia pretendia criar um estado único para unir (e dominar) todos os povos eslavos. Ou seja, a Europa toda era um barril de pólvora.

Neste cenário, o filme apresenta estranhos fatos que assustam os moradores de um vilarejo no norte da Alemanha que vive sob as ordens de um médico, de um barão e de um pastor. Fatos esses que se iniciam com o estranho acidente com o médico e seu cavalo quando esse tropeça em um arame afiado jogando ambos ao chão e provocando a morte do cavalo e um sério problema de saúde ao médico. Logo, outros estranhos eventos ocorrem, levantando um clima de suspeição geral e provocando uma busca pelo responsável dos mesmos. Sem sinais suspeitos, os

incidentes parecem ser um ritual de punição e um jovem professor tenta desvendar os mistérios. A trama se desenrola com uma pergunta a responder: o que se esconde por trás desses acontecimentos?

2.1 - O filme: enredo, cenário e personagens

A fita de cor branca dá origem ao nome do filme. O pastor da aldeia, figura máxima de expressão da autoridade local e, também, uma das personagens que representa a opressão, a intolerância e a violência, explica a seus filhos e filhas que a fita branca é o símbolo da pureza e inocência e que, portanto, deveria ser usada por eles como forma de lembrá-los dos pecados que cometeram e do padrão comportamental impecável que deveriam seguir. Ao mesmo tempo, era um símbolo de segregação e de vergonha para os garotos e garotas. Ou seja, a fita branca é a marca das persistentes tentativas de colonização da intimidade das crianças e a quebra de vínculos afetivos entre pais e filhos, crianças e aldeia, irmãos e irmãs. Vínculos esses que são contaminados constantemente por atos de violência dos mais fortes (pais) contra os mais fracos (filhos e filhas) promovendo a manutenção de uma cadeia de ódio e violência. Alguns críticos e leitores dessa obra cinematográfica afirmam que o autor faz uma analogia do adereço (fita branca) como uma evidente referência ao bracelete com a estrela de David que judeus seriam obrigados a usar em diversas cidades alemãs durante o período que antecederia o holocausto.

Como dito anteriormente, o ano em que se dá a trama é 1913. Ano que antecede a Primeira Guerra Mundial e que está a apenas 20 anos de distância da ascensão dos nazistas na Alemanha (1933) e a pouco mais que isso do início da Segunda Guerra Mundial (1939). Como o foco do filme são as relações de opressão que se estabelecem entre os habitantes de uma aldeia alemã, especialmente aquelas entre adultos e crianças, a partir das quais se instalam a perpetuação e reprodução das relações de violência, fica subentendido que muitas crianças do filme poderão ser os adultos alemães que massacrarão os judeus nas diversas ações do holocausto alguns anos depois. Essa premissa de que as crianças oprimidas, dominadas e domesticadas tem uma relação direta com a perpetuação

da opressão fica clara num dos depoimentos de Rudolf Höss, o Comandante de Auschwitz. Depoimento este apresentado por Miller em sua obra de 2006. Diz ele,

Sempre me alertavam muito especialmente para que eu realizasse e satisfizesse imediatamente os desejos e as ordens de meus pais, professores, padres etc., enfim, de todos os adultos, incluídos os empregados, e para que eu não deixasse de cumpri-los de modo algum. Aquilo que diziam estava sempre correto. Assimilei esses princípios educacionais de corpo e alma. (HÖSS apud MILLER, 2006, p.81).

O cenário do filme é uma aldeia localizada no norte da Alemanha onde vivem várias famílias em torno de uma igreja e de uma escola. As famílias são formadas por mulheres submissas, crianças violentadas e pais opressores. A Igreja é representada por um pastor, que é pai, opressor e se diz representante de Deus. A escola é representada por um jovem professor que é curioso e que tenta ser imparcial na busca dos responsáveis pelos crimes ocorridos na aldeia, mas que tem sua curiosidade limitada, demarcada e impedida pela dinâmica dos poderes da Igreja - representada pelo Pastor, da Economia - representada pelo Barão e da Ciência - representada pelo Médico. Uma dinâmica de poder que faz sofrer o corpo, a alma, os sonhos e a vida. E que estabelece que o desejo do outro deva se sobrepor ao fluxo dos sentimentos, dos desejos pessoais e sociais e das ideias.

O filme é narrado pelo jovem professor, que não nasceu nem mora na aldeia onde leciona. Parece que o fato de „vir de outro lugar” possibilita a ele observar as pessoas e os fatos com maior imparcialidade. Na figura do professor, ciência e arte se encontram, pois, além de alfabetizar e ensinar as ciências, também rege um coral composto pelas crianças da aldeia. As palavras e a entonação da narração tem a marca da lembrança, pois o professor conta a história que já havia acontecido e da qual ele fez parte. Outro aspecto que nos leva a essa conclusão é que sua voz remete-nos a uma pessoa idosa que traz a melancolia e, também, a inquietação de uma história não resolvida, inacabada, sem solução, que permaneceu no mistério, no choque e no mal estar. Uma história que, paradoxalmente, parece, ao mesmo tempo, mentira e verdade. Que o personagem ousou entender, desvendar, mas que os poderosos da aldeia e a guerra, que é a máxima expressão da violência em função da busca do poder e da dominação, não o deixaram continuar.

As personagens são crianças, jovens e adultos. Homens e mulheres. Professor, pastor, médico, barão, baronesa, camponeses, parteira, esposas sem nomes, adolescentes sem voz, crianças amedrontadas. Crianças que mais parecem adultos em miniaturas, cujas roupas e expressões não condizem com a idade delas. Adultos tiranos e severos. Homens com poder, mulheres submissas. Mulheres que são mães e cuidam da casa e dos maridos. Mães que não se levantam contra seus maridos na defesa dos filhos. Mães que cumprem ordens. Mas, há também as mães pobres que, além de cuidarem da casa, trabalham na plantação e colheita, e que, devem obediência aos maridos e, também, aos patrões. Há ainda um professor atento e curioso. Há bebês sendo cuidados apenas por babás. Pais disciplinadores, pai que é pastor, pai que é médico, pai que é barão, pai que é camponês. Todos eles com poder e voz. Voz que se levanta na imposição da opressão. Opressão dirigida às crianças, às mulheres, aos pobres, aos marginalizados, aos servos, ou seja, aos considerados mais frágeis. Pessoas que, para os poderosos, valem menos e não sabem o que eles, escolhidos por Deus, sabem e podem. Remetendo-nos às relações de senhor e servos, de império e colônias, de dominador e dominados, de país desenvolvido e subdesenvolvidos, de primeiro e terceiro mundos.

Os sentimentos e as relações entre as personagens são de mal estar, ódio, de vingança e de indiferença. São marcadas também pela repressão, agressividade, preocupação, atenção e rigidez, ou seja, os afetos estão envenenados. E o efeito desse veneno se observa nas ações e reações das pessoas: nas festas ou anúncio de „boas notícias” não há euforia e confraternização; na música do coral das crianças não há alegria nem encantamento; nos casais não há demonstrações de amor; nas famílias não há marcas de união; entre os „supostos” amigos não há solidariedade; nas relações pais-filhos não há respeito; há incesto. Entre os irmãos não há cumplicidade; na Igreja não há piedade e nem Deus; na escola não há reciprocidade; entre as crianças não há inocência; entre os adultos há disputa. Ou seja, a violência e o ódio envenenaram os vínculos, os sentimentos e as relações. A violência e o ódio geraram uma cadeia de repetição dificultando e obstaculizando a cooperação e a harmonia.

Todos na aldeia vivem sob as ordens do médico, do pastor e do barão. Os três nos remetem a figuras de poder e dominação nas sociedades. O médico representando o “Poder Científico”, o barão, o “Poder Econômico” e o pastor, o

“Poder Religioso”. Representando instituições (Igreja, Estado e Ciência) que estabelecem, decidem e impõem a tudo e a todos o que é proibido, o que é permitido e quem será castigado. Proibições impostas via atitudes de repressão e opressão gerando recalque e proliferação do mal. Permissões e perversões concedidas apenas àqueles que tem poder de dominação sobre os demais, sobre os oprimidos que, via de regra, são as mulheres, crianças e os pobres. Ou seja, se na ponta de uma linha imaginária temos a repressão/opressão, na outra ponta, encontramos o recalque e a reprodução do mal. Repressão exercida pelos mais fortes. Recalque imposto aos mais frágeis.

Observemos que uma das essenciais diferenças entre as pontas dessa linha que, por ser invisível, é forte e quase invencível, é que a repressão/opressão tem linguagem, tem uma voz potente e poderosa, pois é legitimada pela Igreja, pela política, pela ciência, pelo judiciário. A linguagem da repressão é da ordem do *falo*. O recalque, por sua vez, traz o mutismo, a solidão, o desamparo e o medo. O recalque é da ordem do *não dito* e da *proibição do falar e do saber*. Portanto, no filme, são raras as falas das crianças e das mulheres. O silêncio destes é uma constante. Elas sentem-se sozinhas, desamparadas, amedrontadas. Não comerás do fruto da árvore do conhecimento.

O mutismo dos oprimidos é expresso também pela ausência de trilha sonora e de cores diversas. O filme fora produzido todo em preto e branco dando a sensação que estamos em 1913 e, mais que isso, que a ausência de cores indica a ausência de possibilidades de lutar contra o opressor. Sem música, permite que o silêncio recheie toda a trama e também que o silêncio das crianças traga a marca da estranheza, da contradição, da dúvida ao mesmo tempo em que traz a marca do ódio e da compulsão a repeti-lo. Sem cores, permite que o preto e branco marquem as expressões, especialmente dessas mesmas crianças. A atmosfera é sombria, beirando ao terror. Terror do outro e terror do mundo. O escuro encobre cenas e deixa o espectador confuso e atônito. As expressões inacabadas e ausência de diálogos contínuos deixam espaço para o espanto e para a dúvida. Contudo, paradoxalmente, conduzem o espectador a certezas e conclusões. Pois o silêncio grita, eclode, denuncia.

Na aldeia, que é apresentada como um microcosmo da Alemanha da época, a sociedade é patriarcal, sustentada por um rígido código moral e por rigorosos

princípios religiosos. As crianças são as principais vítimas de tais repressões, que se manifestam na forma de imposição de restrições, na prática da violência e até mesmo no abuso sexual cometido por alguns adultos. Sendo assim, as relações são marcadas por extrema disciplina, opressões, submissões, intolerâncias, castigos e repressões. Crianças, mas também as mulheres são subjugadas, emudecidas, castigadas e manipuladas.

Nesse cenário, acontecimentos misteriosos e estranhos, mas, de certa forma, compreensíveis dadas as relações e sentimentos que os permeiam, começam a acontecer sem, contudo, ficar claro quem os pratica. O médico é derrubado de seu cavalo por um arame fino, quase imperceptível, amarrado entre duas árvores. Dias depois a esposa de um agricultor morre após um grave acidente de trabalho. Na festa da colheita, o filho do Barão sai de perto dos pais e horas depois é encontrado com as calças abaixadas e surrado até sangrar. O celeiro da aldeia pega fogo, ninguém sabe como. Depois de várias horas desaparecido, o filho de quatro anos de um aldeão foi encontrado atordoado caminhando em direção à cidade. Um menino, com Síndrome de Down, foi brutalmente torturado. O pássaro de estimação do pastor é encontrado morto com uma tesoura cravada em seu corpo. O roteirista não explicita quem são os responsáveis por todos esses acontecimentos. Tampouco apresenta os motivos pelos quais acontecem.

A última cena se dá na igreja da aldeia e é marcante, pois, de forma artisticamente construída, o cenógrafo transforma-a num cenário típico das reuniões do Partido Nazista e, quando a guerra chega, em 1914, parece haver um alívio, pois todos os ressentimentos das personagens podem, agora, ser direcionados a um inimigo em comum: o mal estar da guerra.

2.2 - Os enlaces: Alice Miller e A Fita Branca

Os eventos que se passaram ali, naquele vilarejo, no início do século, são de extrema importância para se compreender os eventos dramáticos que aconteceriam na Alemanha, décadas depois...

O excerto acima, extraído de uma das falas do narrador no início do filme nos remete, quase que obrigatoriamente, a uma das principais teses de Alice Miller quando ela, embasada nos textos de Freud e nas pesquisas sobre a Pedagogia

“Negra”, nos apresenta o conceito da compulsão à repetição. Segundo ela trata-se de uma compulsão a repetir atos de violência e opressão, ou seja, todo aquele ou aquela que, quando acometido de maus tratos na infância estará fadado a repetir o que vivenciou. Nesse aspecto, escreve ela

Procurei explicar o exercício de poder a partir da compulsão à repetição, bem como apontar por que os antigos meios educacionais continuam sendo tão amplamente utilizados. Aquilo que uma pessoa vivenciou em termos de injustiça, humilhação, maus-tratos e violência, ao contrário da opinião usual, não fica sem consequências. O caráter trágico reside apenas no fato de que o efeito dos maus-tratos será passado a uma nova e inocente vítima, ainda que o conhecimento desses maus-tratos não seja mantido em sua consciência. (MILLER, 2006, p.277).

Para tanto, o filme dá ênfase nas crianças e em suas relações com seus pais opressores. Assim como apresenta também as relações entre as próprias crianças com claras suposições de que muitas delas são as principais suspeitas dos crimes cometidos no decorrer da trama. Ou seja, repetiam, quase que imediatamente, em seus pares e em outros adultos, a violência e opressão direcionadas a eles, por seus pais.

Como já apresentado anteriormente, a trama é recheada de cenas incestuosas e violentas, violências físicas e verbais, mas, de forma artística e inteligente, o roteirista e diretor, Haneke, nem sempre os apresenta explicitamente. Ao contrário, ele os expõe, de forma sorrateira e tênue. Parece que com a real intenção de despertar nos expectadores, inconscientemente, seus instintos e vivências mais íntimas e secretas. Sendo assim, nunca apresenta a cena do pai espancando seus filhos. O diretor “nos deixa do lado de fora da porta”, apenas ouvindo os gemidos da criança e imaginando o que está acontecendo lá dentro.

Quando a mulher camponesa, por exemplo, morre ao cair no celeiro por conta da falta de estrutura física para realizar seu trabalho na fazenda do Barão, tem-se a informação por meio do narrador, mas não se vê seu rosto ou a cena da morte. Da mesma forma, é revelado apenas o desfecho do espancamento de uma criança, em dado momento, quando a vemos praticamente desfigurada. De outro modo, contudo, a violência verbal chega a atingir requintes de crueldade, pois alguns diálogos parecem doer mais à personagem do que qualquer tapa ou soco. Um exemplo são as palavras ríspidas e insensíveis do médico à parteira, sua empregada e amante

quando, ao exigir que encerrassem o relacionamento entre eles, diz que preferiria ter relações sexuais com um animal do que com ela, pois a achava feia, suja, flácida e com mau hálito.

Ou seja, apesar de, na atualidade, vermos, ouvirmos e, por vezes, presenciarmos agressões físicas sobre crianças e mulheres, ainda assistimos abismados, em *A Fita Branca*, a forma abissal com que os homens tratam os *não-homens* daquele grupo. O pastor, segundo homem mais influente e respeitado na aldeia depois do Barão, provavelmente é o exemplo do personagem mais controverso e revoltante, dada a sua total intolerância com qualquer tipo do que ele chama de “desvio de comportamento”. Para ele, não é nada fora do comum, aliás, é necessário, amarrar seu filho à cama e aterrorizá-lo com diagnósticos amaldiçoados quando suspeita que o garoto esteja se masturbando à noite, escondido, apesar de compartilhar o quarto com os demais irmãos. Da mesma forma, não vê mal algum em açoitar seus filhos por terem se atrasado para o jantar ou amarrar fitas brancas nos braços deles para lembrá-los da suposta pureza e inocência que deveriam ter. Fita esta que utiliza, também, para demonstrar a todo o vilarejo o quanto eles, seus filhos, são, em sua ótica, impuros.

Mas, há também outros pais que são tão ou mais agressivos com seus filhos. Um deles é expresso na cena do garoto que recebe do seu pai forte tapa na cara por ter feito uma expressão de desgosto ao saber da notícia do nascimento do seu novo irmão. Ou seja, nesse cenário não há espaço e possibilidades de expressão das emoções ou sentimentos de qualquer ordem ou natureza. Não é permitido às crianças e mulheres discordarem ou expressarem sentimentos com os quais os patriarcas não comunguem.

Outro pai que está na listagem dos mais vis e invasivos, é o médico, viúvo e amante da parteira, que abusa sexualmente de sua filha adolescente. De forma sutil deixa a menina sem possibilidade de entender ou se esquivar das situações pelas quais ele a faz passar. Essa impossibilidade de expressar sentimentos seja de gosto ou desgosto, de amor ou ódio, de alegria ou tristeza é bastante marcante na ausência de expressões nos rostos e corpos das crianças do filme.

Porém, de acordo com a análise psicanalítica de Alice Miller (2011) o corpo, em algum momento, irá fazer a cobrança dessas impossibilidades por meio dos mais diversos tipos de enfermidades. Pois, segundo ela, o corpo é incorruptível. Assim

sendo, aparecerão os bloqueios de musculatura, as doenças respiratórias, as gastrites e todo tipo de doenças aparentemente surgidas „sem explicação“. Nas palavras de Miller,

Sempre me surpreendo com essa capacidade do corpo. Ele luta contra as mentiras com uma resistência e uma sagacidade assombrosas. As exigências morais e religiosas não o conseguem enganar e confundir. A criancinha é alimentada com moral, aceita obedientemente esse alimento porque ama seus pais, mas sofre, na idade escolar, de incontáveis enfermidades. (MILLER, 2011, p.101).

Contudo, certamente de forma proposital, o roteirista cuida para que haja, também, alguns poucos momentos de ternura e parcas expressões de amor e carinho. Por exemplo, o amor que algumas mães sentem pelos seus rebentos parece genuíno, como é o caso da parteira e seu único filho que tem Síndrome de Down e é dotado de certa pureza e inocência. Na paixão que cresce entre o professor e a babá dos filhos da baronesa também vemos lampejos de ternura, amor e demonstrações de afeto. Assim como a ternura e paciência com que a adolescente abusada sexualmente por seu pai, ou seja, a filha do médico, lida e conversa com seu irmão de aproximadamente cinco anos quando o mesmo a questiona sobre a morte da mãe e outras questões relacionadas ao tema da morte. Com isso, o roteirista e diretor Haneke mostra que nem todos são corrompidos na aldeia Eichwald.

Nesses casos, Alice Miller diria que há duas possibilidades: pode ser que esses personagens não foram, na infância, vítimas de violências de qualquer ordem ou então, em caso contrário, tiveram a grata oportunidade de ter tido, junto a si, uma testemunha auxiliadora na infância ou uma testemunha esclarecida na fase adulta de suas vidas. Para ela, a testemunha auxiliadora é aquela pessoa que ajuda a criança que foi vítima da violência pelos pais, ofertando-lhe amor, simpatia e atenção, mesmo que essa atenção e esses cuidados não sejam dados de maneira frequente e contínua. No prefácio de seu livro “A verdade liberta” Miller apresenta, de forma resumida, quem são as testemunhas auxiliadoras. Diz ela,

Para mim, uma “testemunha auxiliadora” é uma pessoa que ajuda uma criança maltratada, ainda que o faça apenas de forma esporádica, oferecendo-lhe um pouco de apoio para contrabalançar a crueldade que determina o seu dia-a-dia. Pode ser qualquer pessoa do entorno da criança: um professor, uma vizinha, a empregada da

casa ou a avó. Muito frequentemente são os próprios irmãos. (MILLER, 2004, p.VIII).

Já as testemunhas esclarecidas ou conhecedoras são pessoas que conhecem as consequências dos maus-tratos e auxiliam adultos, vítimas de violências de toda ordem quando crianças, transmitindo-lhes empatia e compreensão. As testemunhas esclarecidas podem ser profissionais, das mais diversas áreas do conhecimento, que atravessam a vida dos adultos maltratados na infância. Podem ser terapeutas, professores, advogados, escritores, entre outros. Vejam o que ela, na mesma obra, nos diz a respeito,

Na vida de um adulto, a “testemunha conhecedora” pode representar um papel semelhante ao da “testemunha auxiliadora” na infância. No meu entender, ela é uma pessoa que conhece as consequências da negligência e dos maus-tratos sofridos pelas crianças. Por isso ela pode ajudar essas pessoas prejudicadas transmitindo-lhes empatia, ajudando-as a entender melhor, a partir de suas histórias, seus sentimentos incompreensíveis de medo e impotência, para que agora adultas possam ter mais liberdade de fazer suas escolhas. (MILLER, 2004, p.VIII).

Seria como se essas testemunhas fizessem vir à tona a existência dessas crianças e adultos que um dia foram maltratados e reprimidos. Fizessem com que seus sentimentos de medo, ódio, desamparo, impotência fossem acolhidos como reais e, assim, lhes conferissem e testemunhassem a existência de pessoas que desejam ser pessoas reais, pessoas que desejam lutar pelo seu direito de existir. Conforme diz Lapoujade ao comentar o pensamento filosófico de Sourieu: “Tornar mais reais certas existências, dar a elas uma posição ou um destaque particular, não é um meio de legitimar sua maneira de ser, de lhes conferir o direito de existir sob determinada forma?” (LAPOUJADE, 2017, p.20). Certamente, é este o lugar que as testemunhas auxiliadoras e esclarecedoras ocupam na vida daqueles e daquelas que um dia foram vítimas da violência, da opressão, dos maus tratos e da indiferença. Lugar de alguém que testemunha a favor e que, por isso mesmo, não possuiu neutralidade nem imparcialidade em suas ações. Lugar de quem „toma partido”. Lugar de alguém que olha, observa, percebe, sente e, assim, faz ver, promove o esclarecimento e cria novas formas de existir. “A testemunha nunca é neutra ou imparcial. Ela tem a responsabilidade de fazer ver aquilo que teve o

privilégio de ver, sentir ou pensar. Ela se torna um criador. De sujeito que percebe (ver), torna-se sujeito criador (fazer ver).” (LAPOUJADE, 2017, p.19).

Assim como Etienne Souriau, segundo Lapoujade, “quer ser uma espécie de advogado desses modos de existência” (LAPOUJADE, 2017, p.18), parece-nos que Miller toma para si também esse lugar de advogada, pois, por meio de suas obras, atua como uma advogada que convoca as testemunhas que darão realidade às existências daqueles que são maltratados, subjugados e oprimidos. Diz ele,

Mas isso porque, atrás da testemunha, surge outro personagem, o advogado. É ele quem convoca a testemunha, quem faz com que toda criação se torne um discurso de defesa a favor das existências que ela faz aparecer, ou melhor, comparecer. É preciso dar uma força, uma amplitude para aquilo de que fomos a testemunha privilegiada. Por essa razão, os artistas, os filósofos, qualquer que seja o papel que se atribuam, são ao mesmo tempo advogados cujos diversos sistemas discorrem a favor das novas entidades que instauram e cuja legitimidade querem atestar. Eles fazem existir novas entidades, produzem novas realidades, onde antes ninguém tinha visto nada, imaginado nada [...] (LAPOUJADE, 2017, p.19-20).

A narrativa do filme está deliberadamente centrada nas crianças e em suas relações com os adultos e, também delas com seus pares, pois, como já foi dito anteriormente, o autor crê que as relações de ódio e violência vivenciadas por alguns, se reproduzem em suas relações com as pessoas de modo geral. Trata-se de um ciclo!

É sabido que o conceito de infância foi sendo construído e modificado ao longo do tempo. Há vários estudos que marcam as transformações na forma de se olhar para a infância e para a criança e, conseqüentemente, na forma de lidar com elas. Àries (1986), por exemplo, é um dos estudiosos que olha para a infância e afirma que o seu conceito foi sendo construído, desde a idade média, a partir dos aspectos sociais e históricos importantes, para se chegar ao panorama atual da infância e da criança.

No filme *A fita branca*, apesar de estar distante cerca de cinco séculos da idade média, observa-se que as crianças nele apresentadas são cobradas e, por vezes, massacradas como se tivessem as mesmas condições físicas e psíquicas de um adulto, fato comum naquela época. Muito embora, o fato de se ter um conceito diferenciado de infância na atualidade advindo de vários estudos nessa área, não as livra de serem vítimas de maus tratos e agressões, tanto físicas quanto verbais.

Agressões e maus tratos autorizados e legitimados por discursos moralistas, da família, da escola e da Igreja que validam mudanças significativas no estatuto da figura do pai em decorrência da autoridade a este atribuída.

Diante disso, é possível pensar que os alemães de um modo geral e os nazistas de um modo particular acreditavam e apostavam que uma educação baseada na severidade e na conseqüente produção da cadeia da violência produziria o tipo de homem e mulher que eles precisavam. O adulto severo, rígido e disciplinado, capaz de obedecer a qualquer tipo de ordem, mesmo que esta fosse matar inúmeras pessoas por não pertencerem à raça considerada pura, provinha da criança que recebeu uma educação calcada em maus tratos e forte indiferença em relação à dor. Nesse sentido Adorno, em seu texto *Educação após Auschwitz*, nos aponta,

Lembro que durante o processo sobre Auschwitz, em um dos seus acessos, o terrível Boger culminou num elogio à educação baseada na força e voltada à disciplina. Ela seria necessária para constituir o tipo de homem que lhe parecia adequado. [...] Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir. (ADORNO, 1995, p.128)

Ou seja, fica evidente que *A Fita Branca* tenta, através de sua trama, destacar alguns dos fatos sociais que serviram de base para a edificação de toda a ideologia nazista, incluindo a intolerância e a supressão dos direitos individuais, e para sua posterior aceitação pelas massas. Para tal, o filme retorna ao ano de 1913, um período em que boa parte daqueles que viriam a colaborar com a edificação do governo de Hitler ainda eram crianças.

Dessa forma, Haneke, alegoricamente se vale da figura de crianças para captar a mágoa que os alemães do período nazista guardam em relação aos pais e à sociedade repressores, mágoa que foi recalcada e que é transferida para um “outro” que, mesmo sendo esse “outro” seu “par” e aparentemente seu “igual” traz algo que o faz diferente e supostamente inferior. É o caso da criança com síndrome de Down e o filho do Barão, este último por ser filho do homem mais rico da aldeia.

Se o filme traz fatos dessa natureza presentes no início do século XX, é possível ver que, na sociedade brasileira atual, um século depois, este fato se repete de forma igualmente fria. Exemplos significativos são os inúmeros casos de policiais que, no início do século XXI, agridem fisicamente cidadãos e cidadãs que são

membros das mesmas minorias raciais e classes desfavorecidas economicamente tanto quanto eles. Ou ainda o crescente número de feminicídios em todo o país, nesse caso, independente de classes sociais, nível de escolaridade e posição econômica. Agressões e crueldades que chegam a beirar a barbárie.

Assim, nos perguntamos o que esperar de uma nação que trata suas crianças, jovens e mulheres de forma violenta, autoritária e severa? Afirmações do tipo “as crianças são o futuro de uma nação”, que muitos intitulam de clichê, ganham sentido e força diante das reflexões e dos estudos de Alice Miller. E assim novamente nos indagamos: de qual futuro querem que as crianças sejam as responsáveis? Um futuro onde imperem as desigualdades e a tirania? O que entendem por futuro de uma nação aqueles que, em nome do bem estar futuro das crianças, as calam, tiranizam, agridem e maltratam?

Embora o filme narre toda uma gama de situações acontecidas naquele que seria um microcosmo da Alemanha pré-nazista fica claro que o foco principal da narrativa da película é absolutamente direcionado, não somente para o local e para o mistério dos acontecimentos, mas para as suas consequências. São as relações entre as personagens que evidenciam os fatos sociais que o cineasta aponta como sendo os possíveis fundamentos do nazismo. Quando ele narra e apresenta as famílias alemãs sabe que está utilizando-as como alegoria para analisar as sociedades e as relações nelas existentes. Tudo se converte em violência, mas especialmente numa rigidez moral que, cruelmente, é embasada e alicerçada em princípios religiosos dando possibilidade e impulsionando a intolerância e a violência principalmente contra o diferente, o incapaz, o pobre, o desvalido. No filme essa intolerância ao diferente fica explícita quando, por exemplo, o garoto com Síndrome de Down é desprezado pelos demais garotos e garotas da aldeia que simulam e fingem certo cuidado com ele.

No entanto, fica evidente que o comportamento violento e arredo das crianças não é inato. Segundo o cineasta, que baseou o roteiro do filme na obra de Katharina Rutschky e, portanto, faz unísono à voz dela, as atitudes dessas crianças são uma resposta aos estímulos externos que elas recebem, uma resposta coletiva aos castigos físicos que os próprios pais lhes infringem, às fitas brancas presas ao corpo, às noites passadas amarrados às camas, aos abusos sexuais e à repressão; maus tratos estes que recebem dentro de suas próprias casas. E o pior, castigos

aplicados em nome do amor e do cuidado, legitimados por uma ordem nascida e sustentada por princípios religiosos.

Alice Miller, no entanto, diz que os pais também podem ter sido vítimas da compulsão à repetição e, assim, estarem repetindo uma violência vivida em suas próprias infâncias alegando que estes também podem não ser “naturalmente maus”.

Para além de ser uma obra da sétima arte o filme certamente tem por objetivo nos remeter à nossa própria sociedade e aos nossos próprios dogmas e padrões. Por mais que pareça distante de nós, as situações apresentadas nos faz lembrar (ou descobrir) que também somos capazes, como membros de uma sociedade e como seres humanos, de cometer atrocidades em nome, inclusive de uma moral estabelecida culturalmente (e muitas vezes, pouco questionada) ou por credos e dogmas de denominações religiosas que nos são impostas por familiares e líderes religiosos.

É de se supor que Haneke quer nos alertar, em suas devidas proporções, para o fato de que estamos também sujeitos ao mesmo ódio e preconceitos sociais mostrados no filme e, muitas vezes, o fazemos com a conhecida “consciência tranquila” crendo que o que estamos fazendo é o correto, o ideal e o fazemos para proporcionar bem estar aos nossos entes queridos. Mostra-nos que, ainda que em épocas e lugares distintos, o mal só é capaz de produzir grandes desastres e muita morte quando corrompe primeiro as subjetividades das pessoas comuns em suas relações mais íntimas e invisíveis.

É como se o filme tratasse de todos e de cada um em particular. Nesse sentido, o jornalista e crítico de cinema Rodrigo de Oliveira, membro da ACCIRS - Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Sul comenta que o filme *A fita branca...*

Não se trata de uma cinebiografia de algum político importante, de uma celebridade ou de um soldado. Somos apresentados a personagens comuns, pessoas que poderiam muito bem ter vivido aquela época e que representam toda a intolerância e falta de humanidade que alguns de nós, infelizmente, temos dentro de si. [...]. A situação daqueles indivíduos está igual ao arame que derruba o cavalo no início do filme, como uma corda totalmente esticada, sem flexibilidade alguma. Basta uma pequena pressão para que ela arrebente e a aparente harmonia se encerre. E é exatamente isso que acontece. A tolerância inexistente naquele povoado. (In: site Papo de Cinema).

Ou seja, ele está falando de nós.

Sendo as subjetividades colonizadas de forma altamente tóxica pelo ódio e pela culpa, fica imposto às crianças, além do trauma da infância, a compulsão à sua repetição. Contudo, para Maud Mannoni (1995), há em algumas crianças o desejo de superar e reparar esses traumas e, assim, quem sabe, livrar-se da compulsão à repetição do mal. Para ela essa reparação pode se dar, entre outros, por meio da arte. Assim, escreve

A capacidade de superar os traumas da infância (lutos, separações e agressões, entre outros), libertando-se graças a uma criação, não é um dom de todos. Superar o trauma numa produção que possa ter valor artístico supõe que se recrie a experiência inicial de desamparo. Há seres humanos que, apesar de seu talento, não conseguem produzir nem se libertar daquilo que, para eles, foi precocemente destrutivo. Outros, graças a um desejo de reparação, conseguem transpor o terror na criação. E outros, enfim, permanecem prisioneiros do trauma sofrido, repisando-o monotonamente. (MANNONI, 1995, p.11).

Se, como apontado anteriormente, o recalque é da ordem do não dito, da proibição do falar, da proibição do saber, com apoio de Mannoni (1995) pode-se afirmar que, ao mesmo tempo em que essa interdição brota do desamparo, da escuridão, da angústia, do silêncio, ela produz, por sua vez, mais angústia, estranheza e solidão. Para a criança fica difícil acreditar que não é amada e querida por seus pais. Então, só lhe resta confiar em seus pais e entender que ela é a única culpada por seus atos impuros, equivocados e que, portanto, merece ser castigada e subjugada por eles. Mas, à medida que esse sentimento de mal estar e de angústia ficam recalcados eles podem aparecer, mais tarde, na repetição da violência. É algo de natureza incontrolável, inconsciente.

E, assim, além do arame fino, invisível e inflexível que derrubou o médico e seu cavalo, utilizado como metáfora pelo crítico de cinema Rodrigo de Oliveira para designar a inflexibilidade das relações apresentadas no filme, inflexibilidade esta que gera dor e sofrimento aos oprimidos e prazer aos opressores, é possível perguntar, por exemplo, o que queriam queimar os autores do incêndio do celeiro? Pode-se pensar, metaforicamente, que alguém desejava ardentemente que essas dores, mal estar e sofrimentos pudessem “pegar fogo”, queimar, “virar fumaça”, desaparecer

como o que aconteceu com o celeiro que ardeu em chamas sem que ninguém entendesse como isso se deu, ou seja, quem foi o responsável pelo incêndio que destruiu tudo o que estava guardado, “reprimido”? Celeiro cheio das colheitas, fruto do trabalho dos adultos. O que importa é que tudo ruiu, acabou, encerrou, revelando o desejo de que, junto com o mal estar, as pessoas más e opressoras da aldeia também precisassem se extinguir, arder em chamas, queimar.

Da mesma forma que alguém (que ao expectador não é dado saber quem é) mata literalmente o pássaro de estimação do pastor, homem temido por seus filhos, esposa e fiéis. Pássaro que ele, apesar de engaiolar e prender, estima, cuida, ama, não maltrata nem oprime e lhe dedica horas de seu dia. O que queria aniquilar aquele ou aquela que matou o pássaro, animal indefeso, porém amado? Quais voos o pássaro poderia dar? Quais voos as crianças e esposas são impedidas de alçar? O que significa matar um ser que é destinado ao voo e que, apesar de estar engaiolado, recebe do seu carcereiro cuidados, amor e atenção? O que significa matar o animal de estimação do seu opressor? Como se dá a subjetividade de alguém que maltrata as pessoas às quais deveria amar e que ama um animal que pode sobreviver apenas com cuidados, sem amor?

As analogias podem ser muitas, mas no caminho para quem é oprimido e subjugado nem sempre há várias possibilidades e atalhos. Normalmente é um caminho reto, sem curvas, destinado à repetição e ao mal estar civilizatório.

2.3 – As Marcas: das “fitas” e da “educação”

*Que alegria para os governantes as pessoas não pensarem.
Adolf Hitler*

Essa é uma das epígrafes que Alice Miller traz na abertura do seu livro “No princípio era a Educação” editado no Brasil pela primeira vez pela Editora Martins Fontes em 2006. Usar os termos branco e negro para designar polaridades como bem e mal, bom e ruim, certo e errado, no mundo todo, mas especialmente no Brasil, não é aconselhável nem adequado, pois há tempos uma grande parcela da sociedade vem lutando contra todo tipo de preconceito contra raça, etnia e orientação sexual. Lutas essas que são absolutamente necessárias e urgentes.

Contudo, saliento que estou me referindo às cores (branca e negra) e também a termos que os autores do filme (Haneke) e do livro (Miller) utilizam em suas obras. Na obra de Miller citada acima a autora traz o termo “Pedagogia Negra” para nos apresentar o livro de Katharina Rutschky, que leva o mesmo nome e que foi editado na Alemanha em 1977. Nele Rutschky faz uma compilação de textos sobre Educação, escritos e divulgados nos séculos XVIII e XIX, que descrevem as técnicas de condicionamento utilizadas (ou recomendadas) nas escolas para “educar” (ou adestrar) as crianças em relação aos seus sentimentos de suposta “impetuosidade”, “desobediência” e “teimosia”. Aliás, ao ensinar como condicionar as crianças, os referidos textos, também, de certa forma, se propunham a “adestrar” os pais, professores e a sociedade em geral. Adestrar para a não-percepção e para o não-sentir por meio do condicionamento, muito parecido em certos aspectos com o condicionamento clássico utilizado por psicólogos que seguiam os passos e orientações de Skinner e do Behaviorismo.

Se nas sociedades atuais o branco e o preto têm sido utilizados para designar polaridades, contradições e extremos aqui encontramos neles um ponto de convergência entre Haneke e Miller quando utilizam o branco e o negro para designar, não opostos, mas sinônimos. Se não os utilizam como conceitos iguais, ao menos, como próximos ou semelhantes. O branco da fita de Haneke tinha o significado da *marca*. Aquela criança que tinha a fita branca presa em seu braço teria sido aquela que “errou”, que infringiu uma regra, que fez algo ilícito, inconveniente, designando atitudes que não eram boas e nem saudáveis aos olhos dos adultos da época. Para Rutschky e Miller o “negro” que adjetiva a pedagogia que ambas criticam e reprovam também traz a *marca*, o escancarado mal que o meio educacional pode conter. Contudo, convém salientar, que ambas as condutas, tanto aquelas apresentadas no filme como aquelas apresentadas nos livros, vem comumente vinculadas a um discurso de bondade, amor e cuidados para com as crianças e, mais grave que isso, com a certeza de que são autorizados e legitimados por Deus. Outro ponto de encontro entre Haneke, Miller e Rutschky é o fato de que esses procedimentos, familiares e educacionais de repressão, opressão e adestramento, certamente trarão sérios prejuízos na vida da criança e do adulto que ela irá se tornar. Prejuízos que fragilizam sua saúde física e psíquica assim como suas relações com a sociedade de modo geral.

O que podemos pensar é que, dadas as questões de tempo (final do século XIX e início do século XX) e de espaço geográfico (Alemanha), seguramente os escritos compilados por Katharina Rutschky (e apresentados por Alice Miller) influenciaram aqueles pais, mães e professores retratados no filme. E, mais grave que isso, ainda tem forte influência em pais e professores da atualidade nas Américas e Europa. Nos Estados Unidos, por exemplo, a aplicação de castigos físicos nas escolas de alguns Estados é autorizada por lei e validada pelas famílias. No Brasil presenciamos os esforços de inúmeros educadores e pesquisadores da educação, da sociologia, psicologia e da filosofia, nas décadas de 80 e 90, para a construção e solidificação de uma educação democrática nas escolas. Educação essa que, entre outros significativos aspectos, se propunha a vir na contramão a todo tipo de domesticação, massificação, formatação e padronização das crianças e adolescentes. Uma educação pautada na busca incessante da construção da autonomia e do livre pensar das crianças e jovens. Apesar de muitos ganhos nessa luta ainda se faz presente e crescente (especialmente no momento atual do nosso país) os defensores de uma educação baseada na força, na dureza, na disciplina, na violência e numa suposta ordem moral.

Alice Miller (2006) traz uma relação de preceitos ou “aprendizados” que são derivados dos textos da pedagogia “negra” do fim do século XIX e que, se olharmos bem, não nos parece muito distante do que propõem os governos que tornam lei os castigos físicos nas escolas e daqueles que, para isso, como vemos em número crescente no Brasil, incentivam o uso da disciplina rígida e controle rigoroso pelos pais e professores. Os preceitos são,

1. Que os adultos são senhores (e não servos!) da criança dependente;
 2. Que, assim como deuses, eles determinam o certo e o errado;
 3. Que sua ira se origina de seus próprios conflitos;
 4. Que eles imputam a responsabilidade disso às crianças;
 5. Que os pais sempre devem ser protegidos;
 6. Que os sentimentos vivazes da criança representam um perigo para o dominador;
 7. Que devemos tão cedo quanto possível “tirar a vontade” da criança;
 8. Que tudo deve acontecer muito precocemente, para que a criança “não perceba” e não possa trair o adulto.
- Os meios de repressão dessa vivacidade são: preparar armadilhas, mentir, utilizar a astúcia, dissimular, manipular, infundir medo, privar do amor, isolar, desconfiar, humilhar, desprezar, zombar, causar

vergonha, empregar a violência chegando até a tortura. (MILLER, 2006, p. 72).

No Brasil, qualquer semelhança, nesse caso, não será mera coincidência. O “negro” da pedagogia e o “branco” da fita se dão as mãos e contribuem para a construção de um futuro que não é nada promissor para as crianças, nem para as sociedades e tampouco para a democracia.

Ainda nas trilhas da arte recorreremos ao auxílio na história das artes para nos ajudar a entender o significado do branco e do negro quando apresentados nas obras acima. E, assim, vimos que há vários conceitos e definições sobre todas as cores, assim como as intenções em seus usos e aplicações. As conceituações e definições vêm recheadas de múltiplas visões, em geral, associadas aos sentidos e às culturas. Não há, obviamente, um consenso em função, principalmente, dos encaminhamentos culturais e sociais que artistas de hoje e de ontem dão às suas obras. Sobre o preto e o branco não é diferente. Para cada cultura, uma definição. Para cada sentido e interesse, um significado. Em nossas pesquisas parece que o único consenso de um grande número de artistas, nesse caso, no entanto, é que as cores brancas e pretas, na verdade, não são, paradoxalmente, definidas como cores. Sendo assim, encontramos a definição de que o branco é a soma de todas as cores do arco-íris, portanto ela não pode ser considerada cor. E o preto, a ausência de luz, a ausência de todas as cores, uma não-cor, uma cor sem cor. Outro consenso que é interessante apresentar, é que ambas tem, em sua essência, a questão da totalidade. O branco soma *todas as cores*. O preto extingue *todas as cores*. Trata-se de dois conceitos *totalitários*. Pareceu-nos interessante apresentar essa reflexão, pois, primeiramente, se analisarmos os sistemas sociais e de governos totalitários no decorrer da história, veremos que eles sempre trouxeram prejuízos a pessoas, grupos, sociedades e nações. Da mesma forma que serão prejudiciais os resultados de uma educação baseada em princípios totalitários, seja ela escolar ou familiar.

Na verdade, aqui me aproprio dos sistemas *totalitários* do “negro” (da Pedagogia) e do branco (da fita) de forma metafórica para simbolizar o quanto são nocivas para as crianças, adultos, democracia, grupos, sociedades e nações “as fitas brancas amarradas nos braços”, a opressão, a repressão e os maus tratos infantis, assim como a domesticação e a submissão de crianças nas escolas e nas

famílias. Portanto, acredito ser um dos papéis importantes da academia pesquisar, entender e divulgar o quanto essas relações de opressão e disciplinarização são fortes aliadas na construção e manutenção de cadeias de ódio e violência criadas a partir da constituição da ferida na dignidade das crianças além de serem grandes ameaças à prática da democracia. Nesse sentido, quando Miller apresenta em uma de suas obras alguns textos educacionais escritos e publicados nos séculos XVIII e XIX, por estudiosos da época, abre a possibilidade de pesquisa e compreensão sobre as diversas formas que a Educação, familiar ou escolar, vem contribuindo ao longo do tempo para o avanço de ideias e práticas dominadoras que subjagam crianças e adolescentes. Os excertos de textos que apresentarei no próximo capítulo tornam evidentes as marcas deixadas ao longo dos tempos nas práticas educacionais e nas relações entre pais e filhos e também entre alunos e professores.

3 – OS „MANUAIS EDUCACIONAIS“ E SEUS (DES)CAMINHOS

No livro *Pedagogia “Negra”*, Katharina Rutschky (1977) traz vários textos ditos educacionais que tinham por objetivo orientar, famílias e professores na Alemanha dos séculos XVIII e XIX no trato com as crianças em seus anos iniciais de vida e de vida escolar para que houvesse, segundo seus autores, aprendizagens e comportamentos satisfatórios a partir do ponto de vista dos pais e professores.

Em minhas leituras, estudos e pesquisas sobre a pedagogia “negra” me encontrei com vários excertos desses textos sobre a educação alemã dos séculos XVIII e XIX apresentados e concentrados em uma das obras de Alice Miller (2006). Encontramos todos eles, de forma ampliada, na obra citada de Rutschky (1977). São textos escritos por intelectuais das mais diversas áreas do conhecimento (matemática, filosofia, teologia, astronomia, medicina, artes) e que, como dito, ofereciam orientações e princípios, aos pais e educadores, para a condução do processo educativo nas famílias e escolas. Esses textos foram reeditados várias vezes e, portanto, amplamente divulgados. Assim, a sua circulação, estudo e também a aplicação das orientações neles propostas foram intensas. Em seu livro Miller esclarece que, ao apresenta-los, busca entender como se deu a formação educacional e escolar dos pais e avós das crianças que atualmente apresentam atitudes consideradas violentas e agressivas associadas a, muitas vezes, uma espécie de abandono de si mesma em favor do amor direcionado aos pais. Nas palavras dela “(...) minha tarefa consiste muito mais em pôr à mostra as raízes do ódio, que somente poucos parecem enxergar (...)” (MILLER, 2006, p. 17).

Nesse terceiro capítulo tenho por objetivo fazer uma análise de apenas alguns trechos desses “manuais educacionais” à luz das ideias de Alice Miller e da teoria freudiana. Portanto, esta análise qualitativa estará baseada nas leituras e reflexões que fiz sobre a teoria de Alice Miller sendo que esta, por sua vez, como sabemos, é alicerçada nas concepções freudianas de ser humano, sociedade e educação.

Na obra de Rutschky (1977) é possível constatar que as orientações dos textos educacionais se apoiam em algumas premissas básicas: 1) toda criança deve ser submissa aos adultos; 2) toda educação deve ser calcada na imposição da obediência e 3) o adulto é superior às crianças. A partir destas premissas ficam

explícitas quais concepções de infância e educação tinham seus autores. Assim como fica claro o tipo de sociedade que desejavam construir. A premissa de que o objetivo primeiro da educação (familiar e escolar) é transformar as crianças em pessoas submissas e obedientes aos adultos está alicerçada na concepção de que elas são teimosas, más, intempestivas e domesticáveis. Sobre a educação consideram-na necessária para obter-se o fim exclusivo de sujeitar a criança a não agir de acordo com sua vontade e para o estabelecimento da ordem em quaisquer espaços e lugares. Portanto, concebem que as sociedades, mantendo-se patriarcais, devem continuar impondo a subordinação, obediência e a submissão aos mais fracos (crianças, mulheres e pobres) pelos mais fortes (adultos, homens e ricos) e que, somente assim, se estabelecerá a ordem necessária para o bom andamento das relações e para o cumprimento das leis.

Transcrevo alguns trechos desses „manuais educacionais“, por autor, mas é possível observar que todos eles se unem em orientações nas quais a criança não é tida como sujeito nem tampouco como sujeito desejante.

3.1 Educação à serviço da submissão - J. Sulzer (1748)¹³

Nesta primeira transcrição de um trecho escrito por J. Sulzer (1748) vemos que, para ele (e para a sociedade da sua época), a educação tinha como única e exclusiva função submeter crianças às ordens impostas pelos adultos. Mesmo que para isso fosse preciso utilizar-se da força, opressão e violência. Uma de suas orientações é o combate à teimosia e a maldade que, de acordo com suas concepções, são “defeitos” presentes nas crianças desde tenra idade e que precisam ser combatidos e ajustados.

Nesse excerto são apresentadas, de modo geral, orientações que se opõem diametralmente ao que acredita Alice Miller. Primeiro porque ela defende a infância como uma fase da vida que deve ser livre de traumas e, por conseguinte, saudável psicologicamente. Considerar toda criança como má, teimosa e naturalmente desobediente e, com insistência, tentar transformá-la em dócil e submissa, mesmo

¹³ Johann Georg Sulzer (1720-1779) foi um professor suíço de matemática, que mais tarde passou para o campo da eletricidade. Ele foi um filósofo wolffiano e diretor da seção filosófica da Academia de Ciências de Berlim e tradutor de “Uma investigação sobre os princípios da moral” de David Hume para o alemão em 1755.

que para isso seja preciso a aplicação de surras, castigos e outros maus tratos físicos, certamente causará traumas. Traumas esses que, se não forem acessados em algum momento da vida dessa criança, seja na terapia ou por ação de uma testemunha auxiliadora, certamente trarão consequências psíquicas que desencadearão em ações de variadas naturezas e ordens, como atitudes autoritárias e violentas, por exemplo. Além disso, como é de se imaginar, no aspecto social, promoverá a constituição de sujeitos com extremas dificuldades de lidar com a prática da democracia. Pois, entre outras razões, o sujeito autoritário e violento não prevê a participação democrática e equitativa de todos na tomada de decisões.

Miller afirma que nas relações pais e filhos não será incomum a instalação de traumas nas crianças uma vez que, através de suas pesquisas sobre a pedagogia “negra” ela constata que nem sempre os pais o fazem com clareza e discernimento. A questão é que esses mesmos pais são, eles mesmos, frutos de uma educação castradora, como podemos observar nos textos que ora apresentamos. Os pais também são frutos de uma infância carregada de sentimentos não resolvidos e de um presente sobrecarregado de atribuições e cobranças. Portanto, ela afirma que, por todas essas questões de variadas ordens, nem sempre os pais conseguirão entender seus filhos continuamente. “Mesmo pais conscientes não poderão compreender seus filhos o tempo todo.” (MILLER, 1997, p.103). Para ela, para além do trauma instalado, um fator tão agravante quanto ele (e que leva ao adoecimento), é o fato de não ser concedido a essa criança, agora adulta, a livre expressão do que sofreu e dos sentimentos que vivenciou em relação a seus pais.

[...] não é o trauma em si que faz a pessoa adoecer, mas o desespero inconsciente, reprimido e sem esperanças de não poder expressar aquilo que se sofreu; e também o fato de não poder demonstrar nem vivenciar os sentimentos de raiva, ira, humilhação, desespero, impotência e tristeza. (MILLER, 2006, p.289).

Passemos ao texto de Sulzer.

“No que diz respeito à teimosia, essa se manifesta como um meio natural já na primeira infância, tão logo as crianças possam fazer entender suas exigências em relação a algo por meio de gestos. [...] Quando a teimosia e a maldade não são banidas, não se pode dar à criança uma boa educação. Portanto, assim que estes

defeitos se manifestam numa criança, está mais do que na hora de cortar o mal, para que com o hábito ele não se torne mais renitente e não **estrague** completamente a criança.

Assim, aconselho a todos aqueles que têm filhos a educar que logo tomem como sua tarefa principal **banir a teimosia e a maldade** e que trabalhem nessa questão até que tenham atingido o objetivo. [...] Se, porém, os pais tiverem sorte a ponto de, já no começo, conseguirem **combater a teimosia de seus filhos por meio da repreensão séria e por meio da vara**, terão filhos obedientes, dóceis e bons, aos quais depois poderão dar uma boa educação. Onde for necessário fincar uma boa base de educação, não devemos afrouxar os esforços, até que tenhamos visto que a teimosia se esvaiu, pois ela não pode existir de forma alguma. Ninguém pode imaginar que é capaz de fazer algo bom na educação antes de ter corrigido esses dois defeitos capitais (teimosia e maldade).

[...] A primeira coisa, e também mais universal, a que devemos atentar é **plantar nas crianças o amor à ordem**. Esse é o primeiro fator exigido pela virtude. Porém, como todas as outras coisas que queremos fazer com as crianças, ele só pode ser imposto nos três primeiros anos de vida e de maneira totalmente mecânica. De fato, tudo o que temos de fazer com as crianças deve obedecer às regras de uma boa ordem. Comer e beber, vestir-se, dormir e, sobretudo, toda a postura das crianças dentro de casa deve pautar-se pela ordem, sendo que os hábitos da casa jamais devem ser alterados, ainda que ligeiramente, em função de sua teimosia ou de seus caprichos, para que desde sua primeira infância elas aprendam a submeter-se perfeitamente às regras da ordem. [...] Quando já pudermos conversar com as crianças, temos de, em todas as oportunidades, apresentar-lhes **a ordem como algo sagrado e inviolável**. [...]

Na continuidade do texto de Sulzer destacamos a ênfase na orientação de que, além das crianças precisarem ser totalmente obedientes aos pais para que mais tarde possam obedecer às leis e aos seus „superiores“, todas as ações nesse sentido precisam ser incutidas nos dois ou três primeiros anos de vida das crianças. Pois, alega, elas não conseguem ter lembranças desse período de sua infância. Vejamos o que ele diz,

O segundo fator importante, em relação ao qual temos de nos esforçar na educação logo no começo, no segundo ou terceiro ano, é a **obediência absoluta aos pais e superiores** e um contentamento pueril com tudo o que eles fazem. Essas qualidades são necessárias não apenas para o simples sucesso da educação, mas tem uma influência muito forte na educação em geral. Para a educação, elas são necessárias porque conferem ao temperamento o sentimento de ordem e a submissão perante as leis. Uma criança que está acostumada a obedecer aos pais também irá submeter-se com prazer às leis e regras da razão, quando for livre e senhora de si, pois **já estará habituada a não agir de acordo com sua vontade**. A obediência é tão importante, que **toda a educação nada mais é do que ensinar a obedecer**. É reconhecido em toda parte que pessoas superiores, destinadas a dirigir estados inteiros, devem aprender a arte da gestão por meio da obediência. Qui nescit obedire, nescit imperare.¹⁴. [...] Após tenhamos, portanto, por meio de um primeiro trabalho como a criança, banido a teimosia de seu delicado temperamento, o foco do trabalho deve voltar-se agora para a obediência. Mas, incutir a obediência nas crianças não é muito fácil. **É totalmente natural que a psique queira ter suas vontades**, e se não tivermos feito a coisa certa nos dois primeiros anos de vida, muito dificilmente chegaremos mais tarde ao objetivo. Esses primeiros anos tem, entre outras, a vantagem de que neles podemos usar a força e a opressão. **Com o passar dos anos, as crianças esquecem tudo o que lhes aconteceu em sua primeira infância**. Se, nesse período, dissuadirmos as crianças de um desejo, ela nunca mais se lembrará de ter tido um desejo, e a severidade que precisarmos utilizar tampouco terá, precisamente por essa razão, consequências ruins.

Devemos, portanto, logo no início, assim que as crianças puderem perceber alguma coisa, mostrar-lhes imediatamente, por meio de palavras e de atos, que elas têm de se submeter à vontade dos pais. A obediência consiste nas seguintes premissas: 1) a criança deve fazer de bom grado aquilo que lhe foi ordenado; 2) deixar de fazer de bom grado aquilo que lhe foi proibido, e 3) ficar por sua vez satisfeita com as ordens que lhe são dadas.” (Extraído de J. Sulzer, Versuch von der Erziehung und Unterweisung der Kinder [Busca da educação e da instrução das

¹⁴ Quem não sabe obedecer, não sabe imperar (N. da T.)

crianças], 2.ed., 1748, citado por Katharina Rutschky [org], Schwarze Pädagogik, pp. 173 ss apud MILLER, 2006, p.19-22, grifos nossos).

Destaco dois aspectos importantes sobre esse trecho. Primeiro: a teoria freudiana (e também de Miller) sabe, assim como sabia Sulzer (embora por razões distintas), que os dois primeiros anos de vida de qualquer criança são fundamentais para se constituir um sujeito nela. Para a psicanálise esse período é fundamental, pois nele a criança deseja ser amada por seus pais e, para isso, ela entende que tudo o que eles falam e ordenam é para seu bem, assim, para ela, se cumprir todas as suas ordens terá como recompensa o amor tão desejado. Por isso abrem mão de seus sentimentos e atendem aos anseios de seus pais. Ou seja, a infância é um período livre para os adultos fazerem o que quiserem com as crianças. E nisso esses “manuais” tem razão: as crianças estão à mercê dos adultos na infância, pois dependem e desejam seu amor, atenção e amparo. O amor incondicional dos pais é uma necessidade da infância.

O outro destaque é que, diferentemente do que preconiza este autor, Miller e a teoria freudiana afirmam que não nos esqueçamos dos eventos acontecidos em nossa infância. Ao contrário, garantem que eles ficam guardados no inconsciente e, portanto, são determinantes para a nossa constituição enquanto sujeitos desejantes. É por isso que há de se ter uma redobrada atenção e responsabilidade dos adultos sobre as crianças nesse período, pois, a força dos anseios, desejos e frustrações dos adultos se instalam nas crianças via imposições e, assim, comprometem a saúde psíquica delas e, conseqüentemente, a sua vida adulta.

3.2 Imposição da autoridade - J.G. Krüger (1752)¹⁵

O segundo trecho, extraído de outro documento da coletânea de Katharina Rutschky, retoma a orientação de que o uso da violência e da força deve ser praticado quando se quer combater a suposta maldade e obstinação das crianças. Essa ação visa única e exclusivamente impor a autoridade dos pais e professores sobre as crianças, pois, segundo Krüger (1752), os adultos são „os senhores das

¹⁵ Johann Gottlob Krüger (1715-1759) era um médico alemão e cientista natural. Em 1734, aos dezenove anos, ele começou a dar palestras filosóficas. Em 1737, tornou-se mestre em filosofia e em 1742 tornou-se doutor em medicina.

crianças” sendo que a elas cabe somente o cumprimento das ordens estabelecidas. E, caso não as cumpram devem receber repreensões e castigos. Se, contudo, eles – os castigos – não estiverem produzindo os resultados esperados, os “manuais” orientam que se devem acrescentar privações de sono e alimentação.

*“Em minha opinião, nunca se deve bater nas crianças por causa de erros que elas cometem por fraqueza. **O único vício que merece surra é a obstinação.** É, portanto, injusto quando batemos nas crianças para que aprendam, é injusto quando batemos nelas porque caíram, é injusto quando batemos nela porque fizeram algo errado por descuido, é injusto quando batemos nelas porque estão chorando; todavia, é muito justo bater nelas por causa de todos esses delitos, e mesmo por causa de outras coisas menores, quando o fizerem por **maldade.** [...]*

*Pois tal desobediência é como uma declaração de guerra contra a vossa pessoa. **Se vosso filho vos quer roubar a autoridade, podeis eliminar a violência com violência, para consolidar essa autoridade, sem a qual não há educação para ele.** E a surra não deve ser uma simples brincadeira, mas convencê-lo de que sois seu senhor. Por essa razão, não deveis parar até que ele faça aquilo que, antes por maldade, negou-se a fazer. Se não considerardes isso, então tereis dado uma surra, sobre a qual o coração ruim dele irá triunfar, sendo que ele terá a firme intenção de também não ligar para as surras futuras, apenas para não ficar submetido ao domínio dos pais. Se, porém, reconhecer-se como vencido já na primeira vez e tiver de sujeitar-se diante de vós, isso lhe tirará a coragem de rebelar-se novamente. Contudo, também tendes de considerar que não vos podeis deixar dominar pela ira no momento do castigo. Pois a criança é perspicaz o suficiente para ver vossa fraqueza e para ver o castigo como o resultado da ira, que ela irá julgar como um exercício de justiça. Dessa forma, se não sois capaz de manter o comedimento, então, de preferência, delegai a execução do castigo a outra pessoa, recomendando-lhe, porém, expressamente, que não pare até que a criança tenha satisfeito a vontade do pai e venha até vós para pedir perdão. Embora não deveis negar-lhe completamente esse perdão, como Locke muito bem observou, deveis, porém, fazer com que vosso filho o fique amargando, sendo que **não deveis demonstrar novamente todo o vosso carinho para com ele,** até que ele tenha corrigido seu erro anterior por meio de total obediência e mostrado que está decidido*

*a permanecer fielmente submisso a seus pais. Quando educamos as crianças até a adolescência com o devido bom senso, por certo muito raramente será preciso fazer uso de tais meios violentos; isso só poderia alterar-se se as crianças recebessem esse tratamento em sua educação posterior, visto que antes disso tiveram suas teimosias. Contudo, especialmente quando são ambiciosas, às vezes também podemos **suprimir as surras, mesmo em casos de graves delitos, se, por exemplo, as deixarmos andar descalças, passar fome e esperar para serem servidas à mesa ou, além disso, as machucarmos em algum lugar que lhes dói.***” (Extraído de J. G. Krüger, Gedanken von der Erziehung der Kinder [Ideias sobre a educação das crianças], 1752, citado por Katharina Rutschky, op. cit., pp. 170 s apud MILLER, 2006, p.23-24, grifos nossos).

Para além de toda a crueldade presente no conteúdo desse texto, o que mais chama a atenção é a orientação direta e firme de que apenas com o uso da violência física se poderá banir a obstinação e a desobediência nas crianças. A novidade é que esta orientação vem alicerçada no temor dos pais em perder a autoridade sobre os filhos.

Nesse ponto novamente trazemos Miller quando nos diz que, na verdade, os pais se regozijam com a possibilidade de ter um ser humano (no caso, seu filho ou filha) com os olhos e ouvidos totalmente voltados a eles. Crianças atentas e dispostas a fazer tudo o que os adultos quiserem e desejarem. Assim ocorre também, posteriormente na escola em relação aos professores. Estão à disposição. Pois, segundo Freud, tem desejo de serem amadas e aceitas em sua condição de criança e, por isso, amam incondicionalmente. Dependem e desejam esse amor. Ou seja, a criança abre mão de seus desejos e de suas angústias para atender aos pedidos dos pais. Receiam o abandono dos pais e, assim, abandonam a si mesmas. Contudo, o fato da criança abandonar suas necessidades e sentimentos para atender as necessidades e imposições dos pais e educadores, ou seja, se ajustar às necessidades deles, leva (mas não sempre) ao desenvolvimento do falso self. Ou seja, torna-se uma pessoa que

[...] desenvolve uma postura na qual apenas mostra o que é esperado dela, fundindo-se a essa imagem. O verdadeiro self não consegue se desenvolver e se diferenciar porque não pode ser vivido. Compreensivelmente, essas pessoas reclamam contra sentimentos de vazio, falta de sentido, desenraizamento [...]

Aconteceu um esvaziamento, um empobrecimento, uma morte parcial das possibilidades. A integridade da criança foi abalada, arrancando-lhe a vivacidade, a espontaneidade. (MILLER, 1997, p.23-24).

Numa „vida sem vida“, a criança perde suas raízes e embarca num vazio que pode lhe acompanhar por toda sua existência. Sabemos que hoje nas famílias e escolas brasileiras a prática de maus tratos físicos está mais reduzida em relação a tempos anteriores nos quais o uso de palmatórias, puxões de orelha, castigos físicos como ajoelhar no milho ou ficar em pé atrás da porta eram praticados diariamente especialmente àquelas crianças consideradas indisciplinadas e agitadas. Ou então, simplesmente sobre aquelas crianças que expressavam seus sentimentos de forma ingênua e espontânea, se apresentando na sua forma original. Contudo, conforme afirma Alice Miller, a prática de violência não se reduz apenas a castigos físicos. A falta de atenção, amor, amparo, escuta e de reconhecimento são maus tratos tão graves quanto os castigos físicos. Sem contar aqueles “castigos” a que muitas crianças, especialmente das famílias menos favorecidas economicamente, tem sofrido que é a falta de alimentação, moradia, assistência médica e escolas que as atendam com a dignidade a que tem direito. Estes maus tratos, infelizmente, ainda estão presentes no cotidiano das famílias, das escolas e da sociedade brasileira.

3.3 Instalação do medo e da violência - P. Villaume (1787)¹⁶

O trecho abaixo é um exemplo de mau trato infantil sem, contudo, o professor ter tocado fisicamente na criança. Trata-se de sádicas medidas (que ganham atualizações com o passar do tempo) cujas práticas se ancoram no equivocado discurso do “bem da criança”. Quando os pais ou professores – que são as pessoas nas quais, segundo a psicanálise, a criança deposita toda a sua confiança, pois nelas supõe o saber sobre ela e sobre todas as coisas da vida – dirigem palavras de ameaça à criança, a violência se instala. E os efeitos serão devastadores em sua vida adulta.

¹⁶ Peter Villaume (1746-1825) foi teólogo e educador. Em Berlim conheceu Joachim Heinrich Campe ajudando-o com contribuições para sua enciclopédia “Revisão Geral de todo o sistema escolar e educacional”. Também foi pioneiro na educação e educação sexual. Um de seus livros é "Sobre os pecados da fornicção na juventude" no qual dá sugestões para o tratamento de questões sexuais na escola e em casa.

“Quando a criança é pega em flagrante, não é nada difícil arrancar-lhe a confissão. Seria muito fácil dizer-lhe: “Fulano e sicrano viram que você fez isto ou aquilo.” Mas prefiro ser menos direto; e há muitas formas de fazer isso.

Perguntamos à criança sobre o estado de sua enfermidade. Obtemos dela a confissão de estar sentindo esta ou aquela dor, que lhe descrevemos. Prossigo:

“Sabe, meu filho, conheço a dor que você está sentindo; já lhe disse isso. Você sabe, então, que conheço o seu estado. E tem mais: sei o quê você ainda vai sofrer no futuro e quero me dizer uma coisa; escute-me. Seu rosto vai ficar ainda mais murcho, sua pele vai escurecer, suas mãos vão ficar trêmulas, você vai ficar com um monte de feridinhas no rosto, seus olhos vão ficar embaçados, sua memória vai enfraquecer e você não vai entender bem as coisas. Você vai perder toda alegria, o sono e o apetite, e assim por diante.”

Muito dificilmente vamos encontrar uma criança que não se assuste com isso. Continuando:

“Bem, agora quero dizer-lhe algo mais; preste bem atenção! Você sabe de onde vêm todos os seus sofrimentos? Você pode não saber; mas eu sei. Você mereceu! Eu me refiro às coisas que você faz escondido. Veja...”, etc.

Uma criança precisaria ser obstinada ao extremo para não se delatar por meio das lágrimas.

O outro caminho para a verdade é o seguinte: tomo esse trecho emprestado das conferências de pedagogia.

Chamei Heinrich e lhe disse: “Ouça, Heinrich, seu ataque me fez pensar bastante.” (Heinrich tinha alguns ataques de epilepsia). “Fiquei procurando aqui e ali qual seria a causa, mas não consegui encontrar nada. Pense bem, você não sabe o que pode ser?”*

Heinrich: “Não, não sei.” (Ele poderia mesmo não saber, pois uma criança, nesse caso, não sabe o que faz. Isso também poderia ser uma passagem para a próxima pergunta.)

“É estranho! Será que você não estava um pouco acalorado e bebeu rápido demais?”

Heinrich: “Não, o senhor sabe, faz tempo que não saio (da sala de aula), a não ser quando o senhor me leva.”

“Não compreendo, mas conheço uma história de um menino de mais ou menos doze anos (essa era a idade de Heinrich), que é muito triste, pois, no fim, o menino morreu.”

(Aqui, o educador descreve o próprio Heinrich com outro nome e o assusta).

“Ele também tinha essas convulsões inesperadas como você, e dizia que se sentia como se alguém estivesse fazendo muitas cócegas nele.”

Heinrich: “Ah, meu Deus! Será que vou morrer? Eu também me sinto assim.”

“E às vezes as cócegas lhe tiravam o fôlego.”

Heinrich: “Comigo também. O senhor não viu?” (Aqui se vê que a pobre criança, de fato, não sabia qual a causa de seu mal).

“Então ele começava a rir muito.”

Heinrich: “Não, estou com um medo que não sei de onde vem.”

(Esse riso o educador só simula talvez para disfarçar sua intenção. A mim parece que teria sido melhor se ele tivesse mantido a verdade.)

“Tudo isso durou um tempo; finalmente ele sucumbiu a um riso tão forte, intenso e contínuo, que sufocou e morreu.”

(Contei tudo isso com a maior indiferença, sem sequer dar atenção a suas respostas; procurei em todas as expressões e em todos os gestos dar a impressão de que se tratava de uma conversa amigável.)

Heinrich: “Ele morreu de rir? Alguém pode morrer de rir?”

“Pode sim; é isso que você ouviu. Você nunca riu muito? O peito fica bem apertado, e as lágrimas vêm aos olhos.”

Heinrich: *“Sim, eu sei.”*

“Pois bem, imagine: se isso tivesse demorado muito, será que você teria conseguido suportar? Você consegue parar porque a causa ou a coisa que o levou a rir parou de agir sobre você, ou porque deixou de ser tão engraçada para você. Porém, com o Pobre menino, não havia uma coisa externa que o fizesse rir, mas a causa eram as cócegas de seus nervos, que ele não conseguia fazer parar por sua vontade própria; e, enquanto elas duraram, também durou a risada dele e, no fim, causou sua morte.”

Heinrich: *“Pobre menino! Como ele se chamava?”*

“Ele se chamava Heinrich.”

Heinrich: *“Heinrich!” (Ele me olhou fixamente).*

(Indiferente): “Sim! Ele era o filho de um comerciante de Leipzig.”

Heinrich: *“É mesmo? Mas o que causou tudo isso?”*

(Era essa a pergunta que eu queria ouvir. Até então, eu estava andando de um lado para o outro; nesse momento, parei e fixei-me intensamente em seu rosto, para captar com mais precisão as suas emoções.)

“O que é que você acha, Heinrich?”

Heinrich: *“Não sei.”*

“Vou lhe dizer qual foi a causa.” (As palavras seguintes, eu disse bem devagar e com ênfase.) “Esse menino viu alguém que tinha problemas nos nervos mais delicados e que, por isso, fazia gestos esquisitos. O menino, sem saber que iria fazer mal assim mesmo, começou a imitar essa pessoa. Ele gostou tanto disso, que, por meio desta ação, finalmente levou os nervos do seu corpo há um movimento inusual, que os enfraqueceu e causou sua morte.” (Heinrich foi ficando cada vez mais vermelho, num visível constrangimento.) “O que foi que aconteceu, Heinrich? “

Heinrich: *“Nada não.”*

“Será que você vai ter um ataque de novo?”

Heinrich: “Nãããã! O senhor permite que eu me retire?”

“Por que, Heinrich? Não está boa a minha companhia?”

Heinrich: “Está, mas...”

“Mas o quê?”

Heinrich: “Ah, nada!”

“Ouça, Heinrich, sou seu amigo, não sou? Seja sincero. Por que você ficou tão vermelho e tão agitado com a história do pobre menino que encurtou sua vida de uma maneira tão infeliz?”

Heinrich: “Vermelho? Ah, não sei. Fiquei com pena dele.”

“É só por isso? Não, Heinrich, deve haver outra causa; o seu rosto está delatando. Você ficou mais agitado? Seja franco, Heinrich; com a sinceridade você agrada a Deus, o nosso querido Pai, e a todas as pessoas.”

Heinrich: “Ai, Deus.” (Ele começou a chorar alto e ficou tão digno de piedade que também a mim vieram lágrimas aos olhos. Ele as viu, segurou minha mão e começou a beijá-la freneticamente.)

“E então, Heinrich, por que você está chorando?”

Heinrich: “Ah, Deus!”

“Será que devo poupá-lo da confissão? Será que você não fez exatamente o mesmo que aquele menino infeliz?”

Heinrich: “Ai, meu Deus! Eu fiz.”

Talvez esse último método possa preceder o primeiro, se estivermos lidando com crianças de caráter meigo e dócil. O primeiro já é algo mais duro, na medida em que ataca diretamente a criança. (P. Villaume, 1787, citado por Katharina Rutschky, op. cit., pp.19 ss apud MILLER, 2006, p.26-30, grifos nossos).

Nesse ponto quero relembrar, conforme já assinali em outros capítulos, que Miller aponta para as graves consequências dos mais variados tipos de maus tratos infantis para a vida adulta das crianças maltratadas e desamparadas afetivamente.

O efeito mais grave, para ela, é que essas crianças serão adultos que reproduzirão os mesmos maus tratos em seus filhos e alunos, caso venha a se tornar um professor. A esse movimento cíclico ela nomeia „cadeia da violência“. O exemplo do desprezo que o professor acima descrito dirige aos sentimentos de seu aluno é o clássico exemplo de um adulto que, segundo Miller, pode ter sentido, em sua infância, o mesmo tipo de sentimento: impotência. “O desprezo pelo menor e mais fraco é, pois, a melhor defesa contra o irrompimento dos próprios sentimentos de impotência, é a expressão dessa fraqueza alienada.” (MILLER, 1997, p.73).

Obviamente que aqui, Miller se ancora no conceito psicanalítico de repetição. Para Freud a „compulsão à repetição“ é um processo de reviver e repetir interminavelmente comportamentos que apresentaram resultados ruins denotando a incapacidade psíquica de aprender com eles. Assim, quando uma pessoa repete ações em um relacionamento, especialmente com aquele que julga mais frágil, seria uma tentativa de descarregar a energia acumulada ou represada. “O sujeito vive [o que repete] como algo real e atual, sem saber que o passado é uma força atuante.” (FREUD 1969, p.197).

3.4 A palavra e o desamparo - C.G. Salzmann (1796)¹⁷

Em complemento ao trecho anterior o que vem a seguir é a clara demonstração de que a palavra unida ao desprezo pode ser tão (ou mais) violenta que uma surra. Além disso, observa-se que algumas ações indicadas pelos autores desses textos ainda são praticadas por professores da atualidade: não permitir que o aluno considerado indisciplinado (ou seja, que não seguiu as ordens do professor e da escola) possa participar das aulas com seus comentários ou contribuições é um exemplo atual e corriqueiro.

¹⁷ Christian Gotthilf Salzmann (1744-1811) foi um reformador educacional alemão e fundador da instituição Schnepfenthal. Escreveu a Bibliothek für Jünglinge und Mädchen, dando instruções sobre como ensinar religião às crianças, mas foi amplamente rejeitado por seus superiores. Por causa dessa rejeição, ele aceitou uma posição no Philanthropinum de Basedow. A partir daí, continuou a escrever artigos sobre a reforma da educação, incluindo seu Moralische Elementarbuch em 1783.

Em 1785, abriu sua própria escola, a instituição Schnepfenthal, que ensinava sua nova marca de educação prática. Enquanto lecionava na escola, ele continuou a publicar trabalhos.

Nesse texto temos a explicitação do que Miller considera como a utilização do poder sobre os outros como uma das formas de escamotear o desamparo assim como é também uma defesa contra os sentimentos indesejáveis vividos na infância. O desprezo sobre os sentimentos da criança remontam a antecedentes da história de vida dos adultos. À utilização desse poder ela denomina „sentimentos de grandiosidade“.

A grandiosidade e a depressão são conseqüências, segundo Miller, de uma infância desprezada e desamparada. Por isso são formas de negar os sentimentos de desprezo e desamparo vividos nessa fase da vida de muitos adultos. A pessoa grandiosa necessita da admiração do todos, não pode viver sem ela. Na verdade, ela vive na falsa concepção de que admiração é sinônimo de amor. Amor que lhe faltou em sua infância. Ela também busca fazer tudo com maestria e perfeição, exatamente buscando a admiração que lhe é vital. Assim, a grandiosidade é tida, como diz Miller, como uma forma de autoengano.

*“Antigamente, quando eu perguntava a um professor como é que ele conseguia fazer com que as crianças obedecessem sem bater nelas, ele me respondia: “Por meio de todo o meu comportamento, **tento convencer meus alunos de que lhes faço o bem e lhes mostro, por exemplos e comparações, que se não me obedecem, o prejuízo é só deles. Além disso, como recompensa, faço com que o mais amável, o mais obediente, o mais esforçado tenha prioridade sobre os outros nas aulas; é para ele que dirijo a maioria das perguntas, permito que leia em voz alta suas redações, deixo que escreva na lousa o que precisa ser copiado. Com isso, incito as crianças a quererem se destacar, a quererem ter prioridade. Se, às vezes, um deles precisa de castigo, então o ponho de lado na aula, nada lhe pergunto, não deixo que leia nada em voz alta, ajo como se ele não estivesse presente. Isso geralmente magoa tanto as crianças, que os castigados derramam lágrimas amargas; e se, outras vezes, ocorre de algum deles não querer se deixar dobrar por tais meios brandos, então certamente tenho de bater nele; porém, antes da execução, faço uma longa preparação, que o deixará mais sensibilizado do que a própria surra. Não bato nele no momento em que mereceu a surra, mas a postergo para o dia seguinte ou para o outro. Com isso, obtenho duas vantagens: em primeiro lugar, nesse meio**”*

tempo, esse frio a cabeça e tenho sossego para pensar como vou fazer a coisa de maneira inteligente; depois, o pequeno delinquente sente a surra dez vezes não apenas nas costas, mas também por meio do constante pensamento nela.

Quando chega o dia da punição, então, logo após a oração da manhã, faço um consternado discurso a todos os alunos e lhes digo que aquele dia será muito triste para mim, pois, por causa da desobediência de um de meus queridos alunos, serei levado à necessidade de bater nele. Só isso já arranca muitas lágrimas não apenas daquele que será castigado, mas também de seus colegas. Após a conclusão deste discurso, deixo as crianças se sentarem e inicio a minha aula. Apenas quando a aula acaba, aponto o pequeno pecador, informo-lhe sua sentença e pergunto-lhe se ele sabe por que a mereceu. Após ele ter devidamente dado sua resposta, aplico-lhe sua surra, na presença de todos os colegas de classe. Depois, viro-me para os espectadores e digo como gostaria profundamente que essa fosse a última vez que me tenha sinto preciso bater numa criança.” (C.G. Salzmann, 1796, citado por Katharina Rutschky, op. cit., pp.392s. apud MILLER, 2006, p.32-33, grifos nossos).

3.5 A repressão das emoções - J. Sulzer (1748) e D.G.M. Schreber (1858)¹⁸

A repressão das emoções, a prática do silêncio, a privação da saciedade das necessidades básicas (deixar a criança passar fome, sede, frio ou calor) auxiliarão as crianças a estabelecerem o hábito da subordinação e regramento da vontade: são essas as orientações dos dois trechos abaixo confirmando, assim, a concepção desses „textos educacionais” de que toda educação deve estar a serviço do estabelecimento da obediência incondicional das crianças aos adultos.

Como pensar que uma criança cujas principais características são a vivacidade, sensibilidade e abertura ao novo poderá ser privada de sentir? Ou então

¹⁸ Daniel Gottlob Moritz Schreber (1808-1861) foi médico e professor na Universidade de Leipzig. Em 1844, tornou-se diretor do Leipzig Heilanstalt (sanatório). Suas publicações tratavam predominantemente do tema da saúde infantil e das consequências sociais da urbanização no início da Revolução Industrial. Suas principais obras foram: "Peculiaridades do organismo da criança na saúde e na doença" (1839) e "O amigo da família como educador e líder da felicidade familiar e do refinamento humano" (1861). Schreber defendeu seus "exercícios corretivos sistemáticos" e exercícios de campo para a juventude. Naquela época, compreendia a ideia de um "alívio saudável do excesso de energia", pois Schreber se opunha rigidamente à masturbação e até experimentava dispositivos mecânicos para evitá-la em adolescentes.

de expressar seus sentimentos? Para Miller é preciso, ao contrário do que propõem os textos abaixo, dar à criança a liberdade de vivenciar seus sentimentos. Todos eles. Sejam de alegria, tristeza, raiva, dor, ciúme, indignação, medo, inveja e prazer. Para além de não proibir as crianças de expressarem seus sentimentos, os adultos que com ela convivem precisam, necessariamente, reconhecer a autenticidade deles. Ou seja, não minimiza-los nem despreza-los. A receptividade e resposta positiva dos pais diante das manifestações de sentimentos e das necessidades dos filhos contribuem, de forma significativa, para o desenvolvimento (e conseqüente equilíbrio) emocional deles. O desprezo dos pais pelos sentimentos genuínos do filho causa uma grande ferida nessa criança: ela não se sente amada pelo que realmente é. Ademais se sente culpada por não ter correspondido às expectativas dos pais. E essa ferida “[...] pode ser encoberta ou reprimida [...] ou irromper constantemente na compulsão por repetir. Essa ultima possibilidade aparece na neurose obsessiva e na perversão.” (MILLER, 1997, p.85-86).

Assim, a criança desprezada em seus sentimentos, quando se torna adulto, despreza aqueles que considera mais frágeis e menores. Obviamente que esse desprezo tem relação com a sua história de vida. Ou, dito de outra forma, ele é o próprio desprezado. Para Miller, o fascismo, a xenofobia e o nacionalismo são o ponto máximo desse desprezo. Nesses casos, extremamente perigosos e destrutivos, pois são direcionados a grandes grupos de seres humanos.

Desta forma, percebemos que a doenças psíquicas nem sempre são oriundas de espancamentos, surras ou abusos de toda ordem inclusive o sexual, apesar da gravidade destas em qualquer época da vida da criança. A tendência depressiva, por exemplo, pode iniciar na infância, nos primeiros meses de vida, quando ao bebe é impedida a vivência de seus sentimentos como raiva, dor, prazer, descontentamento em relação ao próprio corpo (fome, por exemplo), pois tem o temor da perda de amor e atenção dos pais.

Se olharmos para as escolas de ontem e de hoje vemos que a imposição do silêncio se agrava, pois vem associada à repressão das emoções. Sabemos que felizmente as crianças, quando são autorizadas, expressam suas emoções de forma livre e expansiva. É preciso reconhecer que, ao impor silêncio, se está impondo uma contenção de emoções que não é saudável, especialmente às crianças. E essa

prática é comum em espaços coletivos que entendem a ordem e obediência como únicos canais de organização, como é o caso das escolas.

*“Vamos ver agora como os exercícios levam a **repressão total das emoções.** [...]”*

*Há vários desses exercícios, e podemos empregá-los de tal forma que as crianças se submetem a eles de bom grado, desde que saibamos apenas o modo correto de falar com ela e observemos a hora em que estão bem dispostas. Tal exercício é, por exemplo, o silêncio. Pergunte à criança: “Será que você conseguiria alguma vez ficar sem falar nada por algumas horas?” Faça com que seja divertido para ela fazer tal experiência, até que ela tenha suportado o teste pela primeira vez. [...] **Esses exercícios devem ser prolongados até que veja que a criança adquiriu com ele uma habilidade.** [...] Uma dela é **abster-se de certas coisas que se adora. As crianças adoram particularmente os prazeres dos sentidos.** Devemos testar, às vezes, se elas também conseguem dominar-se em relação a eles. Dê-lhes belas frutas e, se elas quiserem por mãos à obra, coloque-as à prova. Será que você conseguiria se dominar e guardar essa fruta até amanhã? Será que você conseguiria dá-la? Proceda da mesma maneira como ensinei acima em relação à guarda de segredo. **As crianças adoram a agitação. Não gostam de parar quietas. Exercite-as também nesse sentido, para que aprendam a se dominar. Coloque à prova também seus corpos, até onde sua saúde o permitir; deixe-as passar um pouco de fome, de sede, suportar o calor e o frio, executar difíceis tarefas [...]** Garanto-lhe que com esses exercícios as crianças se tornarão corajosas, constantes e pacientes e, com isso, mais cedo estarão competentes para **reprimir suas inclinações negativas.** [...] Ao lado desses exercícios gerais, **também devemos proceder a prática de outros, que levem diretamente ao domínio das emoções,** mas que não devem ser aplicados antes de serem utilizados as ideias acima mencionadas. [...]” (J.Sulzer, 2.ed., 1748, citado por Katharina Rutschky, op. cit., pp.362 ss.apud MILLER, 2006, p.34-38, grifos nossos).*

[...]

“Outra regra que tem consequências muito importantes é a seguinte: que também o desejo permitido da criança só seja satisfeito se ela o formular de

maneira amável e inofensiva ou, no mínimo, tranquila; nunca, porém, em meio a gritos ou modos intratáveis. Primeiro, o comportamento sereno deve ser recobrado, mesmo que a causa seja, por exemplo, uma necessidade bem fundamentada e oportuna, como a alimentação regular; só então, após uma pequena pausa, procederemos à satisfação. A pausa intermediária também é necessária, pois devemos manter bem longe da criança a mais vaga aparência de que ela é capaz de obter forçadamente alguma coisa de seu entorno por meio de gritos ou modos intratáveis. Ao contrário, a criança logo reconhece que é apenas por meio do comportamento oposto, por meio do autocontrole (ainda que inconsciente), que ela alcança seu propósito. Esse hábito bom e firme consolida-se de maneira incrivelmente rápida, assim como ocorre com o hábito contrário, quando não agimos desse modo. Com isso, tem-se muito a ganhar, pois as consequências desses bons fundamentos chegam infinitamente longe e, em diversos aspectos, atingem o futuro. [...]

Por meio do último hábito mencionado, **a criança já obteve um notável avanço na arte de esperar** e está preparada para outro, cujas consequências são ainda mais importantes, **a arte de se privar.** Após esse avanço, pode-se praticamente considerar como natural o fato de que a todo desejo não permitido - seja ele prejudicial ou não à própria criança - precisa ser imposta uma negação incondicional, sem nenhuma exceção. Somente a negação, porém, não é tudo, mas **devemos, ao mesmo tempo, prestar atenção no fato de a criança aceitar a recusa calmamente, e, caso necessário, fazer com que essa aceitação tranquila se torne um hábito sólido por meio de uma palavra séria, uma ameaça e coisas do gênero.** Só não se devem abrir exceções! E isso também será mais fácil e mais rápido do que geralmente se acredita. Por certo, toda exceção destrói a regra e dificulta a imposição do hábito a longo prazo. Em contrapartida, obtemos da criança prontidão carinhosa quando o consentimos algum desejo.

Somente assim, e não por meio da privação angustiante de todas as percepções que incitam desejos não permitidos, facilitamos à criança o saudável e indispensável hábito da subordinação e regramento de sua vontade, da autodistinção entre permitido e não permitido. [...] (D.G.M. Schreber, 1858, citado por Katharina Rutschky, op.cit., pp.354 apud MILLER, 2006, p.34-38, grifos nossos).

„O caso Schreber“, descrito e estudado por Freud e Lacan, é a constatação das sérias consequências de orientações educacionais como as do Dr. Daniel Gottlob Moritz Schreber, pai de Daniel Paul Schreber. A educação de Daniel, como não poderia deixar de ser, deu-se com base nos preceitos rígidos de privação de toda ordem (física e psíquica), repressão das emoções, submissão e desprezo em relação a seus sentimentos. Curiosamente torna-se um jurista renomado, mas em 1900 foi interditado, após ser internado várias vezes por apresentar sinais de distúrbios mentais (delírios e alucinações). Em 1903 lança o livro “Memórias de um doente dos nervos”. Freud não conhece Daniel pessoalmente, porém estuda seu „caso“ por meio do livro publicado.

Em seu livro, Schreber apresenta uma pessoa (um homem) cujo principal delírio era ser perseguida por Deus. Em seu discurso apontava que essa pessoa não teria estômago, laringe e seria perseguida por pássaros. Ele se transformaria em uma mulher que engravidaria de Deus. Freud analisou a sua „revolta“ contra Deus e associou-a a figura de seu pai e a homossexualidade recalcada. Chegando a conclusão de que o amor transformado em ódio foi o mecanismo essencial da paranoia.

Para Freud, Daniel Schreber buscou a cura por meio do delírio. Seu objetivo era encontrar um consolo para a morte do pai, já que não havia tido nenhum filho ou filha. Deus, em seu sistema delirante, seria o seu pai.

Lacan, por sua vez, revisita o caso Schreber e conclui que a paranóia não seria uma defesa contra a homossexualidade, mas sim, uma dependência estrutural da função paterna. Para isso, faz uma ligação entre o sistema educacional do pai de Schreber e o delírio de Daniel.

Apenas para constar: o irmão de Daniel Paul Schreber se suicidou.

Com esses exemplos temos uma fracionária noção do que orientações, como estas do Dr. Schreber e dos demais intelectuais aqui elencados, causam nas vidas futuras dessas crianças.

3.6 A dor e a religião - K.A. Schmid (1887)¹⁹

Associado às atrocidades dos trechos acima há também orientações de que ações que gerem dor podem e devem ser realizadas pelos pais cujo amor aos filhos é sacralizado. A ênfase na utilização de conceitos religiosos utilizados para reforçar a submissão das crianças aos desmandos dos pais e professores é mais uma das aberrações que encontramos nesses textos „orientadores“. Como que respingos dessas orientações (reconhecendo seus distanciamento físico e temporal) observa-se que, na atualidade, e em nome de um suposto amor – no caso das escolas, em nome do amor à educação – pais e professores se autorizam a não ouvirem, olharem e compreenderem os sentimentos das crianças. E, assim, não reconhecerem nem se importarem com seus sofrimentos.

*“O verdadeiro amor vem do coração de Deus, fonte e imagem primordial de toda paternidade (Ef. 3,15), ele é copiado e formulado a partir do amor do Redentor e, por meio do espírito de Cristo, é gerado, alimentado e mantido nas pessoas. **Por meio desse amor que vem de cima, o amor paterno natural é purificado, sacralizado, clarificado e fortalecido. [...] Por isso, já desde cedo esse amor contempla o fato de que a criança aprenda a negar a si própria, a dominar-se e controlar-se, para que não se deixe levar cegamente pelos impulsos da carne e da sensualidade, mas siga a vontade e os impulsos mais elevados do espírito.** Assim, esse amor sacralizado também pode ser tão duro quanto suave, pode tanto negar como conceder, tudo a seu tempo; ele também **aprende a fazer o bem por meio da dor**, pode impor igualmente duras recusas, como um médico que também prescreve remédios amargos, como um cirurgião que bem sabe que o corte de seu bisturi dói; mas, ainda assim, ele corta, porque isso significa a salvação da vida.”* (Extraído de K.A. Schmid (org), Enzyklopädie des gesamten Erziehungs-und Unterrichtswesens [Enciclopédia completa da educação e do ensino], 2.ed., 1887, citado por Katharina Rutschky, op. cit., pp.25s. apud MILLER, 2006, p.39, grifos nossos).

¹⁹ Konrad Arnold Schmid (1716-1789) foi escritor e filólogo alemão. Estudou teologia e filologia clássica. Durante seus estudos, ele se juntou ao círculo literário das contribuições de Bremen. Schmid ocupava a reitoria do Lüneburger Johanneum desde 1746, antes de se mudar para o Collegium Carolinum, em Braunschweig, em 1761, como professor de estudos religiosos e latim.

Em seus livros “Não perceberás” e “A verdade liberta” Miller faz alusão à questão das religiões, especialmente a fé judaico-cristã, lembrando o quanto elas exigem amor incondicional aos pais e cumprimento total às suas ordens. A autora destaca que o „não perceberás” é imposto às crianças como mais um mandamento (além dos 10 mandamentos bíblicos já existentes). A imposição de não entrar em contato com seus reais sentimentos e desejos reforça na criança a necessidade de obedecer indiscriminadamente o quarto mandamento: „honrar pai e mãe”. Obediência essa que pode leva-la a entrar no ciclo da compulsão da violência.

Novamente aqui fica impossível discordar das ideias de Miller principalmente quando nos deparamos com uma „orientação educacional” que coloca sacralidade nas ações dos pais tornando-as, portanto, infalíveis e inquestionáveis. A tradição judaico-cristã coloca os pais como imagem e semelhança de Deus, mas esquece de que eles são seres humanos passíveis de erros e atrocidades. O fato de serem pais e mães não os livra de cometer atrocidades (que podem, inclusive, terem sido vividas igualmente em suas infâncias). O fato de querer o bem a seus filhos não os autoriza aos usos de maus tratos para estabelecer, a qualquer custo, a obediência e submissão das crianças e a fincar o amor aos pais. O uso da máxima „é para seu bem” não pode (nem deve) justificar ações de desamparo, violência, desprezo e falta de cuidados dos pais sobre os seus filhos e filhas.

Como pensar que uma pessoa possa fazer e disseminar o amor e o bem tendo sido ela mesma vilipendiada e roubada em seus direitos e necessidades de amor e amparo? Mesmo para o leitor leigo, certamente, essa equação é inadmissível e improvável. Não se decreta o amor de forma incondicional entre as pessoas se uma delas é agredida e violentada. As consequências da falta de amor trazem prejuízos para a pessoa e para as sociedades. Nesse sentido, é interessante atentar para a análise que Miller faz da biografia de alguns grandes líderes de sistemas fascistas e totalitários. *“Entre todas as figuras do Terceiro Reich que ocupavam função de liderança, não encontrei uma única que não tivesse sido educada de forma rigorosa e dura. Será que isso não deveria nos fazer pensar um pouco?”* (MILLER, 2006, p.78).

3.7 Gratidão e desejo - J.B. Basedow (1773)²⁰

Segundo Basedow é em nome do amor aos pais e professores que as crianças devem demonstrar gratidão a tudo o que receberam, mesmo que tenha sido parte – ou até mesmo, diferente – do que pediram ou desejaram. Aos pais e educadores compete a tarefa de dissipar a ansiedade e os desejos das crianças e deles mesmos.

*“Raramente é útil e quase sempre é prejudicial indicar a elas as causas que justificam porque os pais não atendem a esse ou aquele desejo. **Mesmo quando também for desejo dos pais atender ao que o filho pede, habitue-o, às vezes, a satisfazer-se apenas com uma parte da coisa desejada e aceitar com gratidão outro benefício, diferente do que foi pedido.** Dissipe a ansiedade, que deve ser combatida, seja ocupando a criança, seja satisfazendo-lhe outro desejo. Durante a refeição, ou quando ela estiver bebendo ou brincando, diga-lhe, de vez em quando e com terna seriedade, que ela deve interromper sua direção por alguns minutos para fazer algo diferente. **Não satisfaça nenhum pedido dela que já tenha negado antes. Tente contentar as crianças sempre com um talvez.** No entanto, esse talvez deve ser satisfeito apenas eventualmente, e não sempre, e, se ocorrer uma repetição proibida em relação a um pedido, este nunca deverá ser atendido. Se elas repugnam certos alimentos, atente para o fato de serem esses alimentos do tipo comum ou raro. No segundo caso, não lhe custará muito contestar-lhes a repugnância; no primeiro, porém, procure saber se elas preferem passar fome e sede por um período a ingerir aquilo que lhes causa enjoo. Se preferirem os primeiros, então misture de forma imperceptível tais alimentos a outros; se gostarem e aceitarem bem, então convença-as justamente dessa forma dos enganos de sua imaginação. Porém, se ocorrerem vômitos ou outro mal estar físico, nada diga, e procure acostumar gradativamente a natureza das crianças dessa maneira disfarçada. Se isso não for possível, tentará forçá-las em vão; porém, se souber que o motivo do enjoo é mera imaginação, então tente o tratamento que consiste em deixá-las passar fome ou forçá-la de alguma forma. **Esse método, contudo,***

²⁰ Johann Bernhard Basedow (1724-1790) foi um reformador educacional, professor e escritor alemão. Em 1744, Basedow foi para a Universidade de Leipzig como estudante de teologia, mas voltou-se para o estudo da filosofia, sendo particularmente influenciado pela "Filosofia da Razão" de Wolff. Em 1768, fortemente influenciado pelas ideias de Rousseau sobre educação em Emile, publicou um livro "Ideias para filantropos para escolas, juntamente com o plano de um livro elementar do conhecimento humano".

difícilmente funcionará, se as crianças perceberem que os pais ou as pessoas que cuidam delas demonstram ter enjoo ora com este, hora com aquele alimento [...]

Se também nos pais ou as pessoas que cuidam das crianças não conseguem tomar remédios sem fazer caretas ou queixas lamuriosas, nunca deverão deixar que seus filhos os vejam; ao contrário, devem sempre comportar-se como se usassem normalmente esses remédios de gosto ruim, que um dia poderão ser necessários às crianças. Essa e outras dificuldades também serão suprimidas de maneira geral por meio do hábito da obediência total. [...] Se as crianças tem medo do escuro, isso se deve sempre a um descuido de nossa parte. Em suas primeiras semanas de vida, principalmente na época em que mamam no meio da noite, devemos às vezes apagar a luz. Se elas já estiverem mal-acostumadas, então teremos de curá-las gradativamente. A luz se apaga; demoramos a reacende-la; mais tarde, demoramos um pouco mais; finalmente, não o fazemos nem em uma hora; nesse ínterim, conversamos com elas com toda vivacidade e lhes damos para comer algo de que elas gostem bastante. Então, já não deixamos a luz acesa à noite e as conduzimos pela mão ao quarto totalmente escuro; e lhes pedimos que peguem no quarto escuro algo de que gostem. **No entanto, se os próprios pais ou as pessoas que cuidam das crianças tiverem medo do escuro, não tenho outro conselho a dar, senão que o disfarcem.**” (J.B. Basedow, 3.ed., 1773, citado por Katharina Rutschky, op.cit., pp.258 s. apud MILLER, 2006, p.45-47, grifos nossos).

Além das questões já elencadas que dizem respeito a desconsiderar as emoções e desejos das crianças, outra que chama a atenção neste trecho trata da suposta onipotência e infalibilidade dos pais e professores. O autor esclarece a sua concepção de que é fundamental, para o „sucesso” na educação das crianças, que os adultos jamais deixem que elas percebam as suas fragilidades. Para isso orientamos a disfarçar seus medos, ocultar suas dificuldades e a não revelar suas preferências. Ou seja, os adultos não devem apresentar-se às crianças como frágeis, indefesos ou irritados. Devem manter a suposta perfeição e sabedoria que, aliás, a criança, quando ainda pequena, supõe de fato. Contudo, mostrar-se frágil, assim como mostrar-lhes seus sentimentos, não destitui esse adulto do lugar em

que a criança o coloca. Ao contrário, o aproxima. A criança, nesse caso, poderá ter a segurança de que ela também poderá, muitas vezes, sentir-se frágil, com medo e insegura. Poderá, inclusive, se autorizar a sentir raiva, ódio, amor, carinho e afetividade por quem quer que seja, até mesmo, por seus pais.

Para Miller, se desde a infância nos for permitido sentir e expor nossos sentimentos, sejam eles quais forem, de forma livre e sem receios, certamente seremos adultos capazes de lidar com os sentimentos das demais pessoas quando nos sentirmos ameaçados, desautorizados ou frustrados.

As pessoas que, desde o início, tiveram possibilidade e permissão, em suas infâncias, de reagir adequadamente, ou seja, com raiva, às dores, ofensas e frustrações que lhes foram infligidas de forma consciente ou inconsciente irão manter essa capacidade de reagir adequadamente também na idade madura. Quando adultas serão capazes de sentir e de verbalizar quando alguém lhes fizer mal. Porém, não terão necessidade de voar no pescoço do outro por esse motivo. Essa necessidade só ocorre às pessoas que sempre tiveram que tomar cuidado, que não quebraram suas barreiras. (MILLER, 2006, p.78).

3.8 Silêncio e obediência - L. Kellner (1852)²¹

Associada às orientações anteriores temos agora Kellner reforçando que, para que haja sucesso na ação de dissipar desejos e ansiedades das crianças, cabe aos adultos, no contato com elas, não permitir que as mesmas questionem ou contra argumentem as ordens dadas. Para que não haja contra argumentações basta, então, que os adultos apenas ditem o que deve ser cumprido. Ou seja, não deve haver explicações de nenhuma natureza. No trecho abaixo o autor avigora essa orientação alegando que, caso haja muitas explicações por parte dos adultos, as crianças pedirão mais e mais explicações por meio de argumentações e poderão vir a ficar „em pé de igualdade“ com o pai ou professor. E, assim, segundo ele, o respeito desaparecerá.

²¹ Lorenz Kellner (1811-1892). Professor do ensino da língua alemã. Publicou o livro "Cursos práticos para o ensino da língua alemã" (Erfurt, 3 vols., 1837-40; 17ª edição de 1888) e "Sobre a pedagogia da escola e da casa. Aforismos" (Essen, 1850). Este último foi reeditado por 13 vezes. Academia Münster lhe concedeu em 1863, o grau de doutor em filosofia enfatizando seus serviços à língua e pedagogia alemã.

Não é incomum (aliás, é bastante comum) que na relação professor-aluno da atualidade as ordens, travestidas de orientações, sejam impostas aos alunos sem dar aos mesmos a menor possibilidade de questionamento ou argumentação. Não raro a resposta, diante dos questionamentos, é: “Faça! É para seu bem! Você não entenderá agora, mas mais tarde entenderá”. Resposta que, aliás, ganha muita força quando o aluno ainda é uma criança. Criança que, como já dissemos anteriormente, acredita que o adulto (no caso, os pais até os cinco anos de idade e, depois dessa idade, os professores) detém todo o saber sobre si, sobre as coisas e sobre o mundo. Assim, resta-lhe apenas acreditar que são verdades!

*“Também faz parte dos frutos de uma filantropia mal compreendida a ideia de que, para que a obediência seja cumprida de bom grado, seria necessário saber as razões da ordem, e de que toda obediência cega estaria em conflito com a dignidade humana. Quem se ocupa de transplantar tais posições para dentro de casa ou da escola se esquece de que nós, adultos, temos de nos submeter à fé em relação a uma sabedoria maior da ordem divina do mundo e de que a razão humana jamais poderá se privar dessa fé. Tal pessoa se esquece de que todos nós vivemos aqui apenas na fé, e não na aparência. Assim como devemos agir na fé abnegada em relação à sabedoria maior e no amor insondável de Deus, também **a criança deve submeter a sua atenção à sabedoria dos pais e mestres** e, assim, encontrar uma escola preliminar para a obediência ao pai celestial. Quem altera essa relação comete o sacrilégio de substituir a fé pela dúvida mordaz e, ao mesmo tempo, desconhece a natureza da criança, para quem a fé é uma necessidade. **Se tivermos de explicar as razões, então já não sei como ainda poderemos falar em obediência. Queremos convencer a criança por meio destas razões; quando ela finalmente as recebe, obedecerá não a nós, mas apenas a essas razões; em vez do respeito por uma inteligência superior, haverá uma subordinação decorrente de uma visão própria. O educador que profere ordens acompanhadas de razões também arranja uma justificativa para os contra-argumentos e, com isso, a relação com o aluno é protelada. Esse adentra o campo das negociações e coloca-se em pé de igualdade com o educador; porém, com tal igualdade, o respeito já não se sustenta, e, sem ele, nenhuma educação pode prosperar. Quem ainda acredita ser capaz de obter o amor apenas com a***

obediência fundada em razões vive em terrível ilusão, pois desconhece a natureza da criança e a necessidade dela de se submeter ao forte. [...].

No círculo familiar, as mães fracas representam, na maioria das vezes, o princípio filantrópico, ao passo que o pai, sem paciência, exige obediência incondicional. Por isso, a mãe, também na maioria das vezes, é tiranizada por seus pequenos, sendo que ao pai cabe o maior respeito, e por essa razão é ele o centro da família, e dele o espírito da família recebe sua direção.” (L. Kellner, 3.ed., 1852, citado por Katharina Rutschky, op.cit., pp.172 s. apud MILLER, 2006, p.51-52, grifos nossos).

Qual é, genuinamente, a necessidade do adulto que não consegue lidar com a verdade de que uma criança é livre em seus sentimentos e modos de ver o mundo e as relações nele estabelecidas? O que o prende a uma concepção de superioridade e infalibilidade? Por que entende que as relações devem ser estabelecidas de forma a haver relações de força e não de complementariedade, seja entre pais e filhos ou entre homens e mulheres? Veja que aqui não afirmo que todos somos iguais, pois alicerçada nas concepções psicanalíticas, compreendo que as singularidades existem e que são exatamente elas que auxiliam em nossa constituição enquanto sujeitos. Refiro-me a relações de complementariedade, e não de força ou disputa, entre os diferentes.

De acordo com Miller essa necessidade de pais e educadores de se sobreporem à criança de forma a torna-la menor, obediente e submissa advém de sentimentos de medo, fragilidade, desamparo, submissão e incompetência que o adulto vivenciou em sua infância. *“Será que uma criança pequena pode fazer ideia de que a necessidade de vociferar é oriunda das profundezas inconscientes da psique do educador e nada tem a ver com sua própria psique infantil?”* (MILLER, 2006, p.50).

3.9 As questões sexuais - J. Oest (1787)²²

A transcrição abaixo diz respeito à questão sexual. Se lembrarmos de que em nossas escolas até bem pouco tempo, ou até mesmo atualmente, há uma orientação e prática de explicar as questões relacionadas à sexualidade ou às diferenças entre os sexos por meio, unicamente, dos conceitos biológicos, poderemos pensar em como nos alcançam os respingos desses textos. Neles é orientado aos professores que expliquem as diferenças entre os sexos com o uso de cadáveres. A intenção é que, no contato com aquele ser inerte e sem vida, os jovens fiquem ilesos e distantes dos desejos sexuais e que se mantenham ingênuos. Na atualidade, explicações e orientações apenas sob o aspecto biológico reduzem as discussões sobre as questões sexuais em aulas expositivas (e não raro, em laboratórios) apresentando as diferenças biológicas entre os sexos, reprodução humana, métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis. Assim, desconsideram toda e qualquer discussão sobre sexualidade, desejo, amor, prazer e igualdade de gênero.

“Além disso, sabemos bem o quanto os jovens, sobretudo os mais adultos, são curiosos nesse ponto e que tipo de caminhos e meios estranhos frequentemente escolhem para conhecer a diferença natural do sexo oposto. Podemos certamente acreditar que cada descoberta que fazem por si alimenta cada vez mais sua imaginação já excitada e, portanto, torna-se perigosa para sua inocência. Exatamente por esse motivo seria aconselhado antecipar-se a eles, sendo que, para isso, a citada lição torna-se de toda forma necessária. Entretanto, por certo atentaríamos contra o pudor se permitíssemos o livre despimento de um sexo diante do outro. Contudo, um jovem deve saber como é formado o corpo de uma moça, e uma moça deve saber como é a configuração do corpo de um rapaz; do contrário, não recebem conceitos completos, e, assim, não se consegue impor limites à sua curiosidade insistente. Ambos devem ter acesso ao conhecimento de uma maneira séria. Ilustrações em placas de cobre poderiam ser suficientes para isso; mas será que estas apresentam a questão com clareza? Não estimulam a imaginação? Não deixam para trás o desejo de uma comparação com a natureza? Todas essas

²² Johann Friedrich Oest (1755-1815) era filósofo e educador particular alemão. Por volta de 1785 entrou em contato com os pedagogos da reforma e filantropos Johann Bernhard Basedow e Joachim Heinrich Campe. Assim se tornou funcionário da revisão geral de Campe de todo o sistema escolar e educacional, Em 1787 lançou seu premiado trabalho sobre educação sexual “Como manter crianças e jovens a salvo da fornicção” que teve várias reedições.

preocupações desaparecem quando para esse propósito nos servimos de um corpo humano sem vida. Ver um cadáver infunde seriedade e reflexão, e esses são os melhores estados de espírito que uma criança pode ter sob tais circunstâncias. Suas recordações posteriores da cena também terão uma feição séria por causa de uma natural associação de ideias. A imagem que ficará em sua alma não terá o estímulo sedutor das imagens criadas livremente pela imaginação ou despertadas por meio de outros objetos não são sérios. Se todos jovem pudesse ter a lição sobre reprodução humana a partir de uma aula expositiva de anatomia, seriam necessários muito menos preparos. Visto, porém, que a oportunidade para isso é muito rara, pode se dar a ele a lição necessária da maneira acima. Sempre há oportunidade de ver um cadáver.” (J. Oest, 1787, citado por Katharina Rutschky, op.cit., pp.328 s. apud MILLER, 2006, p.58, grifos nossos).

[...]

“Há muito tempo, inculcar o pudor é uma função que não vem sendo realizada de forma tão eficaz quanto mostrar todo despimento e tudo o mais relacionado a ele como um mau hábito e como uma ofensa ao outro, assim como seria ofensivo exigir que alguém, que não fosse pago para este fim, levasse o penico para fora. Por essa razão, sugiro que a cada catorze dias ou de quatro em quatro semanas as crianças sejam lavadas da cabeça aos pés por uma velha suja e feia, sem a presença de outras pessoas, sendo que os pais e os superiores devem prestar a devida atenção para que essa velha não se demore desnecessariamente em nenhuma parte. Esse procedimento deve ser apresentado ao jovem como algo repugnante, e deve ser dito a ele que a velha senhora está sendo paga para realizá-lo, já que o mesmo é necessário à saúde e à higiene. Porém, tal procedimento é tão asqueroso, que ninguém assumiria tal tarefa. Isso seria para prevenir a impressão que um pudor repentino poderia causar.” (citado por Katharina Rutschky, op.cit., pp.329 s. apud MILLER, 2006, p.59, grifos nossos).

Escamotear os desejos, tentar impedir o contato do jovem com seus anseios e inverter a natureza dos sentimentos: assim se desenvolvem as perversões. Todas elas, inclusive as sexuais. *“A repugnância cultivada sistematicamente pelo próprio corpo também cumpre essa função.”* (MILLER, 2006, p.59).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho que fui construindo, enquanto psicóloga e pedagoga, e as pesquisas e estudos que fui elegendo (ou eles elegendo a mim...) buscaram continuamente pensar as relações entre essas duas ciências às quais me dedico. Desta forma, assim que me propus a iniciar este estudo meu objetivo foi o de pensar, de maneira aprofundada, em que bases se davam o encontro da Psicanálise com a Educação e vice-versa. O meu encontro com as teses de Alice Miller fez com que eu definisse mais especificamente esses objetivos e me conduziu a repensar a Educação e as práticas educacionais a partir de um olhar atento para a criança e para seu sofrimento. Encaminhou-me na busca de respostas ao objetivo central que é verificar se a escola tem possibilidades de atuação no processo de reparação na ferida da dignidade da criança. E se ela, sabendo articular a educação e o ensino, poderia constituir-se como um ambiente reparador. Em caso afirmativo, quais seriam os seus alcances, seus limites, suas contribuições e suas contradições. Obviamente que, para isso, o mergulho nas teses de Miller sobre as relações entre os maus-tratos infantis, a produção do ódio e a cadeia de violência como fatores geradores da ferida na dignidade da criança foi fundamental. Foi preciso também retomar as ideias de Freud por meio dos textos em que ele pensa a cultura e também aqueles em que ele, de forma direta ou indireta, pensa e investiga a educação para, a partir daí, pensarmos se a Psicanálise, em seus princípios fundantes, já apontava para essa perspectiva.

Quando se pensa em construir um percurso de estudo e pesquisa e, para isso, se traça objetivos gerais e específicos, o desejo é de que eles se deem conforme o planejado. Felizmente não é assim que acontece. Felizmente, pois embora reconheçamos a importância do planejamento do caminho a ser percorrido, os *desvios* na pesquisa e nos objetivos nos alertam que ao ser humano (portanto, ao pesquisador) é dada a possibilidade de re-construir, re-pensar, re-ver e, mais que isso, de se envolver com essas re-tomadas. Logo, o caminho que percorri não se deu de forma linear. Muitos fatores nele interferiram e o fizeram único despertando os mais diversos sentimentos: alegria, dor, prazer, angústia, ansiedade, júbilo, desgosto, contentamento. Às vezes, eu tinha a nítida impressão de que o fim estava próximo. Alegrava-me ao mesmo tempo em que me desafiava a lutar contra um fim,

por vezes, inconscientemente, indesejável. Outras vezes, porém, sobrevinha-me a sensação do interminável. Nesse caso, me remetendo quase que automaticamente às ideias de Freud quando em seu texto “Análise terminável e interminável” de 1937 traça considerações sobre o final dos processos de análise pessoal. Não poderia a pesquisa acadêmica também ter aspectos em comum com o processo de análise pessoal onde se deseja e, ao mesmo tempo, não se deseja concluí-la? O que nos impõe nosso inconsciente para que esses paradoxais sentimentos se instalem em nós? Bem, penso que esse é um tema suficientemente profundo para outro estudo! O fato é que neste caminho houve curvas, cansaço, desvios, árvores, flores, chuva, pedras, cantoria de pássaros, sol, prazer, medo, cansaço, disposição, arrefecimento, covardia e coragem diante do conhecido e do desconhecido.

E assim o caminho foi se re-construindo a cada leitura e a cada nova descoberta. A primeira estrada que trilhei foi aquela em que apresento Alice Miller aos leitores. Uma estrada nova, cheia de detalhes, alguns já conhecidos, outros, porém, nem tanto. De qualquer forma, uma estrada nunca antes percorrida por mim. Por isso, transcorrida com encantamento sem, contudo perder a seriedade e rigor do estudo e da pesquisa. Essa primeira estrada foi apresentada naquele que intitulo „capítulo 1“. Nele faço a apresentação detalhada da autora e suas ideias por meio da exposição de suas obras publicadas no Brasil. Nessas obras, que são em número de cinco, quando Miller apresenta o estudo psicanalítico (baseado também em sua experiência clínica) sobre a infância, nos alerta que as experiências vivenciadas nesse período de nossas vidas exercem forte influência em nossas vidas futuras, ou seja, na idade adulta. Ela também nos re-lembra que a infância nos impõe certa obrigatoriedade de amor incondicional a nossos pais ou cuidadores (na ausência dos primeiros), pois, para nós, naquela fase de nossas vidas, são eles que, de acordo com as teses psicanalíticas, „sabem tudo sobre todas as coisas e sobre nós“. Além disso, quando crianças, temos certeza de que é deles que virão todas as nossas possibilidades de receber amor, amparo e compreensão. Apenas deles! E que é exatamente por causa desse amor incondicional a eles dedicado que somos gratos, obedientes, apaixonados e criamos expectativas de que esse amor seja generosamente correspondido. Ocorre que esse amor nem sempre vem da forma como a criança necessita e espera. Muitas vezes, esse suposto e desejado amor vem em forma de agressões e privações. À criança resta apenas acreditar que

aquelas atitudes são, sim, demonstrações de amor dirigidas a ela pelos pais. Somente mais tarde poderá entender que não era amor, nem cuidados ou proteção. Ainda que Miller nos alerte que, algumas vezes, os pais reproduzem com os filhos as situações vivenciadas em suas próprias infâncias – ou seja, de certa forma, ela os „isenta” de culpa – não há como negar que essas ações violentas produzem emoções contraditórias nas crianças que ora amam e ora odeiam seus pais. Deste modo, a criança, ao sentir a rejeição via agressões e violência de toda ordem, se depara com a possibilidade de ser rejeitada, de „perder a mãe”, ou seja, se depara com o perigo de morte.

A história das infâncias precisa ser conhecida e retomada por meio, única e exclusivamente, da verdade. Verdade que se faz essencial para que a infância não se torne uma prisão cruel, invisível e nefasta e que, assim, gere uma desenfreante cadeia de repetição do ódio e da violência vivenciados. Ao adulto que é impedido de retomar verdadeiramente a história de sua infância cria-se a possibilidade da edificação do falso self e impedindo a instalação do processo de individuação, processo esse muito importante para a constituição do sujeito. Além disso, as reações emocionais reprimidas sobre a violência e desamparo vivido na infância criam um latente potencial destrutivo. Esse poder destrutivo, além de voltar-se contra a própria pessoa pela via do adoecimento do corpo, pode ganhar também dimensões maiores e se voltar a grupos, povos e sociedades. Segundo Miller, é o caso, por exemplo, de Hitler, líder do regime nazista. Para ela, os líderes de todos os regimes totalitários, de modo geral, também trazem essa marca.

O caminho da pesquisa foi se constituindo, ganhando paisagens reais e imaginárias, corpo, imagens e sons. Vejo-me, no capítulo 2, às voltas com o sentido estético e político da arte. Passeio pelas veredas do filme “A fita branca” e me entrego a uma enxurrada de sensações. Penso nas crianças que anseiam por amor, nos pais amorosos e nos pais tiranos, nas infâncias carregadas de mentiras e castigos, nos falsos moralismos apregoados pela cultura cristã ocidental, relembro o papel de opressão que muitos educadores exercem sobre alunos sedentos de atenção e acolhimento. Assim, neste capítulo, analiso o quanto o filme e a autora se encontram e se enlaçam. A sétima arte retratando a ciência. A ciência buscando explicar e entender a vida e suas relações. Buscando conhecer a verdade, que muitas vezes é insuportável, mas, ao mesmo tempo, é extremamente necessária

para o rompimento da repetição da violência e do mal. O filme “A fita branca” retrata as mentiras e o ódio sobre os quais fala Alice Miller. Mentiras e ódio que estão na origem das emoções contraditórias que as crianças sentem em relação a seus pais-malfeitores. Mentiras e ódio que, quando recalçadas, geram sintomas e adoecimento. Pois, para Miller, o corpo é incorruptível. E assim, o filme, mesmo apresentando crianças e adultos de uma determinada época e de um determinado país, fala sobre cada um de nós e de todos ao mesmo tempo, pois envolve e pega a nós todos mostrando o quanto as teses de Miller são reais e atuais. O quanto a psicanálise, quando livre de dogmatismo, contribui para a liberdade e para o processo de separação da criança com seus pais, processo necessário para a sua constituição enquanto sujeito.

Garimpando nas obras de Miller encontro, numa delas, uma forte alusão à Educação. Nela a autora apresenta e analisa alguns documentos educacionais alemães produzidos e divulgados no fim do século XIX e início do século XX. Esses documentos ofereciam uma série de orientações sobre qual deveria ser o papel dos adultos (pais e educadores) na relação com as crianças. Chama-me a atenção que, embora distantes temporal e fisicamente desses textos, parece que, em muitos aspectos, muitos pais e professores ainda estão fortemente imbuídos daquelas recomendações, em muitos casos, seguindo-as fielmente e, assim, tornando-as atuais como se ainda ouvissem os ecos daquelas vozes em sua atuação profissional (no caso dos professores). Percebo que me encontro agora numa estrada que, diferente da primeira, me é um pouco mais familiar dado o tempo que tenho me dedicado às relações existentes no meio educacional. Desta forma, no capítulo/estrada 3 apresento vários excertos desses textos alemães e, com o auxílio da psicanálise e das teses de Miller, traço considerações sobre eles na tentativa de aprofundar a reflexão do papel dos educadores na constituição do aluno-sujeito.

Esse caminho foi, aos poucos, me aproximando das respostas às minhas perguntas de pesquisa, mas, ao mesmo tempo, suscitando novas perguntas. Assim, além das perguntas nucleares outras foram se impondo e me encaminham a pensar sobre nossa sociedade atual que, estando calçada numa visão neoliberal das pessoas e das relações, estabelece formas isoladas e narcísicas de ser e de conviver. Portanto, tornaram-se inevitáveis as reflexões: de que maneira os educadores deveriam cuidar para não se deixar capturar pela autoridade como

sinônimo de ordem? A psicanálise pode ajudar o educador a perceber que a constituição do sujeito passa por um ambiente educacional que, para além de sua função social, pode ser também reparador e, portanto, deve olhar para as crianças e suas feridas? De que forma ele – educador – pode constituir-se enquanto uma testemunha auxiliadora que reinventa sua autoridade e assume essa nova perspectiva? É possível colocar o sofrimento do sujeito no núcleo dos processos de subjetivação e nos processos educacionais? Deste modo, o que foi ficando cada vez mais claro e evidente para mim é que as teses da psicanálise e de Miller precisam ser ouvidas quando pensamos em Educação e, principalmente, quando optamos por atuar nessa área. A crítica que ela faz às formas agressivas e violentas que pais e professores adotam ao lidarem com as crianças foram ganhando consistência e nos colocando em uma obrigatoriedade de escuta-la e de considerar verdadeiramente o que ela tem a nos propor.

Para responder a pergunta nuclear da minha pesquisa que indaga sobre a possibilidade da escola – educadores e equipe gestora – atuar na reparação das feridas da dignidade das crianças, feridas nascidas das atitudes de desamparo, agressão e violência dos pais, retomarei três concepções da psicanálise com os quais me reencontrei no decorrer da minha pesquisa. O primeiro trata dos conceitos psicanalíticos sobre as teorias sexuais infantis, Édipo e transferência. Por meio deles, sabemos que a criança reedita, na relação com os professores, sentimentos já vividos nas relações parentais da infância. Assim, ao ingressar na escola a criança tem a possibilidade de reviver ou ressignificar relações que manteve com seus pais nos primeiros anos de vida. É como se à criança fosse dada uma nova oportunidade de encontrar alguém que, finalmente, pudesse lhe dar respostas para aquilo tudo que ela ainda não consegue saber, para que consiga preencher o vazio e a incompletude que a acompanha e causa angústia. Nas palavras de Monteiro (2002)

A criança vê no professor a possibilidade de realizar o desejo dos pais e supõe que estes estejam dizendo que é o professor que tem o saber sobre como se torna adulto (em relação ao desejo). Para o aluno, o professor é o sujeito do suposto saber. (MONTEIRO, 2002, p.14).

Diante disso fica evidente para mim que os educadores têm, na essência do seu ofício, a possibilidade (ou quem sabe, a obrigação) de atuar, também, na função

reparadora da dignidade das crianças. Para isso, a maneira como irão encaminhar essa relação de transferência, que é uma das características inerentes da relação aluno-professor, será decisiva. Pois, se a criança supõe nos seus professores um suposto saber sobre ela e sobre as coisas da vida, estes, por sua vez, poderão ter nelas um terreno fértil para a manutenção da submissão e obediência ou, então, uma porta aberta para o desenvolvimento da autonomia.

Por meio dos estudos de Miller vimos que as orientações da pedagogia “negra” orientam os adultos a manter as crianças numa submissão incondicional. Submissas e diante da impossibilidade de se sentirem livres para amar as pessoas que lhes fazem bem ou para odiar aqueles que as oprimem, às crianças resta apenas reproduzir o mal e a violência que a elas foi imposto. Diante disso, fica evidente que o professor, frente a essa situação, pode auxiliar o rompimento dessa cadeia de violência se (e somente se) ele olhar, verdadeiramente, para a criança e para seu sofrimento e não apenas para um ser aprendente. Para isso, este professor precisa ele mesmo, se sentir autônomo e livre. Com Miller acrescentamos que ao professor é dada a possibilidade de atuar como testemunha auxiliadora, atuar como alguém que ajuda a criança oferecendo amor, simpatia e atenção. Um adulto que auxilie a criança o olhar para si e para seus sentimentos. Um adulto que ajude a criança a „saber sobre si“: o que sabe, o que pode saber, o que quer saber, o que sente, o que não deseja sentir.

Outro conceito psicanalítico potente que responde à minha pergunta de pesquisa é aquele no qual Mannoni (1995) fala da superação do trauma via desejo de reparação.

Superar o trauma numa produção que possa ter valor artístico supõe que se recrie a experiência inicial de desamparo. Há seres humanos que, apesar de seu talento, não conseguem produzir nem se libertar daquilo que, para eles, foi precocemente destrutivo. Outros, graças a um desejo de reparação, conseguem transpor o terror da criação. E outros, enfim, permanecem prisioneiros do trauma sofrido, repisando-o monotonamente. Na falta de um lugar reservado ao fantasiar, irrompe o fantástico: falta uma Outra cena para que o brincar possa desdobrar-se. [...] Como podem o horror e o desamparo vividos na infância constituir o próprio material da obra artística? Formularei esta pergunta mostrando o impasse em que ficam alguns, condenados à repetição, fora do campo invenção artística, enquanto outros se libertam através da criação estética. (MANNONI, 1995, p.11).

É sabido que, dada a formação do professor, a ele não cabe inferir ou ter certezas – eles não podem nem devem diagnosticar as crianças no espaço escolar – sobre quais crianças possuem ou não o desejo de reparação. Contudo, saber que a criação, via arte, pode funcionar como um alicerce e, assim, libertar a criança do trauma, pois lhe proporciona reviver/sentir o ódio ou raiva pelos seus pais ou cuidadores, representa um conhecimento da maior grandeza. Abordar a arte não apenas pelo seu sentido estético, mas também, aceita-la como uma das possibilidades de encontrar o caminho da cura é uma noção que todos os professores deveriam conhecer e estudar. Aqui alguns poderiam perguntar: ao professor cabe a função terapêutica de curar traumas e feridas? Não teria ele a única e exclusiva função de ensinar? Não se estará se impondo funções que não fazem parte do saber pedagógico-educacional? Minha resposta vem em forma de pergunta: como uma criança ferida e destruída em sua dignidade poderá aprender alguma coisa? E nesse embate, pode vir outra pergunta dos incautos: por que não encaminhar essas crianças para o psicólogo se ao professor é dada apenas a função de ensinar? Primeiro porque a função de educar está para além da mera transmissão de conteúdos ou de regras. A educação deve ser vista como parte de um processo que auxiliará a criança a constituir-se como sujeito. Pois ela possui, em sua essência, relações das mais variadas ordens, entre elas, a relação de transferência que, conforme dito anteriormente, é quando ao aluno é dada a oportunidade de transferir ao seu professor ou professora todo amor e ódio²³ vivido em relação aos pais nos seus primeiros anos de vida. Assim, aqui empresto as palavras de Rubem Alves para me ajudar a pensar mais a respeito desse questionamento tão comum no meio educacional.

A criança de olhar amedrontado e vazio, de olhar distraído e perdido. Ela não aprende. Os psicólogos se apressam em diagnosticar alguma perturbação cognitiva. Chamam os pais. Aconselham-nos a enviá-la para terapia. Pode até ser. Mas outra hipótese tem de ser levantada: que a inteligência dessa criança que parece incapaz de aprender tenha sido enfeitiçada pelo olhar do professor. Por isso lhe digo, professor: cuide de seus olhos. (ALVES, 2004).

Nesse texto, Alves se refere especificamente à produção do fracasso escolar. Porém, como psicanalista, ele entende que uma criança ferida não aprende. E que o

²³ Segundo Lajonquière, "...para a psicanálise o amor não é mais do que ódio e vice versa. (p. 176)

professor que não olha para essas feridas contribui para a manutenção da cadeia da violência, da destruição da criança e que, assim, contribui também para a produção do fracasso escolar. O fracasso escolar é, antes de tudo, a impossibilidade do aluno constituir-se enquanto sujeito que tem voz, vez e é senhor da sua palavra. O fracasso escolar, em tese, diz respeito a impossibilidade dessa criança olhar para o seu desejo e autorizar-se a sentir amor ou ódio, medo ou coragem, de saber que pode ter dentro de si uma infinidade de sentimentos e que estes podem ser expressos livremente. O fracasso escolar representa para a criança a perda de si mesma.

Vemos, então, que ao espaço escolar é dada a possibilidade de se tornar um espaço de encontro. Do encontro do aluno com seu professor, do professor com seus alunos, dos alunos e dos professores consigo mesmos. Encontros que construam um ambiente de qualidade produzindo efeitos no ato de ensinar, de aprender e de educar. Decidindo agir como testemunha auxiliadora com aquela criança que sofre, o professor transforma a escola e suas relações num lugar privilegiado de encontro. Um lugar no qual as ações dos professores não são meras intervenções pedagógicas. Mas são, essencialmente, encontros efetivos e afetivos e que podem acontecer por meio do esporte, da música, da poesia, do teatro, da religião, da brincadeira e do estar-junto. Espaço onde a fala e a escuta são essenciais e colocam a criança no lugar de fala reconhecendo-a, verdadeiramente, como senhora da palavra.

Deste modo, minhas considerações sobre a terceira concepção psicanalítica que desejo destacar diz respeito aos encontros. Penso que, assim como a psicanálise, a educação pode e deve contribuir para entender e libertar as crianças do sofrimento que as aprisiona. Os encontros entre alunos e professores podem livrar as crianças e os adultos das prisões da indiferença, do abandono e do desamparo. Para que esse encontro aconteça é preciso, antes de mais nada, que o adulto olhe para além dessa criança e reconheça nela um sujeito. Mas, é fundamental também que o educador, ele próprio, olhe pra si mesmo e se reconcilie com sua própria infância. Nas palavras de Miller,

A experiência nos ensina que temos apenas uma única arma duradoura na luta contra as doenças mentais: a descoberta e aceitação da história, única e específica, de nossa infância. [...] Não podemos mudar em nada nosso passado, não podemos desfazer os

males que nos foram imputados na infância. Mas, podemos nos mudar, “consertar”, reconquistar nossa integridade perdida. Isso é possível à medida que decidimos observar mais de perto o conhecimento sobre o passado arquivado em nosso corpo, e colocá-lo mais perto de nossa consciência. (MILLER, 1997, p.15).

Não é incomum que o adulto-professor traga marcas de uma infância sofrida e que repita sobre seus alunos, (crianças, jovens ou adultos) as crueldades que recebeu naquela fase de sua vida. É a compulsão à repetição apontada por Miller. Essas marcas dizem respeito à impossibilidade de vivenciar sentimentos de raiva, ódio ou desapontamento com seus pais, diante do medo da perda do amor deles, diante do temor do abandono. Assim, ao terem seus sentimentos mutilados, os professores mutilam os sentimentos de raiva e ódio que seus alunos possam vir a sentir em relação a eles ou a suas atitudes. E, assim, se instalam novas marcas nessas crianças.

Muitas são as interpretações e comentários sobre a afirmação de Freud em duas de suas obras - uma delas a já citada “Análise terminável e interminável” (1937) – sobre os três ofícios impossíveis: governar, educar e psicanalisar tentando entendê-la especialmente no meio educacional. Já se tratou desses impossíveis com enfoque na impossibilidade da cura ideal, da sociedade ideal e da educação ideal (Cabral, 1998). Kupfer (1991) tratou esse tema sob o aspecto da impossibilidade do professor de controlar o desejo do aluno denotando, assim, em uma impossibilidade de uma aprendizagem efetiva. Aqui quero trazer o aspecto apontado por Lajonquière (1999) quando fala dessa impossibilidade estar localizada no controle dos efeitos da nossa fala sobre nós mesmos e também sobre os outros. Aspecto importante quando reconhecemos a teoria do inconsciente. A educação (assim como a política e a psicanálise) tem, em sua essência, a palavra como sua ferramenta principal, pois, segundo a psicanálise, se o educador não fala, a experiência do aprender não se ordena. Daí a tese freudiana de que esses três ofícios estão na esfera do impossível. Mas, eles existem. Portanto, àquele ou àquela que assume o ofício de educar compete, essencialmente, compreender que há impactos do direcionamento da sua fala à criança. Assim, é fundamental que se observe de que forma a palavra é endereçada à criança e, mais que isso, como são os retornos que virão a partir dela. Para que isso aconteça pensamos ser importante que o educador(a) possa estar psicanaliticamente orientado. Orientação esta que o

auxiliará no seu encontro consigo mesmo por meio da reconciliação com sua infância, com a criança que foi um dia. E, assim, possibilitando o encontro com aquela criança que está à sua frente.

Mannoni, em seu texto “Amor, ódio e separação” no qual nos conta sobre a vida na escola Bonneuil, oferece indicações a todos educadores sobre o lugar que devem ocupar na relação com as crianças.

Não basta que o adulto fale. É preciso, ainda, que ele providencie em sua fala o lugar de uma mediação possível entre o sujeito e o outro, para não mergulhar, ele mesmo, numa violência que elimine o outro como sujeito.

Reencontrar a linguagem das crianças – nunca é demais dizê-lo – é começar por escuta-las, reencontrando a criança e a “loucura” em si mesma. (MANNONI, 1995, p.104).

Diante disso, é necessário ratificar que ao educador cabe, definitivamente, atuar na contramão dos ditames da pedagogia “negra” que impõe regras educacionais baseadas na submissão, no autoritarismo, no adestramento e na visão da criança como um “não-outro” produzindo estragos nas pessoas e nas civilizações. Assim, além do que já buscamos na teoria psicanalítica para orientar e balizar a atuação do educador tendo em vista o lugar que ele ocupa no imaginário das crianças, desejamos também apresentar, a título concluir nossas considerações finais, o quanto a psicanálise, nas palavras de seu fundador, nos abre possibilidades de pensar a educação não como uma medida psicoprofilática que visa prevenir neuroses e perversões, mas antes, oferece suportes para pensar o alcance e atuação dela nos indivíduos e nas sociedades.

Não foram raras as vezes que Freud tratou sobre a vida escolar em suas obras. Apesar de colocar a educação como uma das ações impossíveis não desconsiderou que ela poderia atuar de forma menos repressora e mais sublimadora e, assim, se colocar na condição de contribuir na formação de um ser humano “...civilizado e útil para a sociedade.” (FREUD, 1909, p.144) mirando o equilíbrio das crianças no processo civilizatório. Para isso ele propõe que os agentes educacionais, pais e professores, deveriam passar por análise pessoal. Convém ressaltar que a função sublimadora da educação diz respeito, conforme apresentado alguns parágrafos acima, quando apontamos a arte, por exemplo, como uma das

ações reparadoras dos traumas infantis, especialmente aqueles causados por violências, agressões, desamparo ou indiferença. Para Freud as produções artísticas e intelectuais podem atuar como atividades de sublimação. Atividades estas absolutamente distintas daquelas repressoras que a pedagogia “negra” aponta como solução para o sucesso na educação das crianças. Para ele a sublimação atua como uma via de escape às repressões.

Fato é que Freud e Miller apontam para uma educação diferente daquela proposta pela pedagogia da época deles e que ainda tem ressonâncias nos dias atuais. Se os educadores de hoje puderem, ao menos, entender o quanto as propostas de uma educação “psicanaliticamente orientada” onde as crianças são tidas como sujeito via reconhecimento de seus sentimentos, a educação pode se tornar um dos caminhos para o desenvolvimento de adultos saudáveis barrando a compulsão à repetição de ações violentas e agressivas seja no nível individual ou social.

Um bom início é a compreensão, por parte dos educadores, sobre as relações transferenciais envolvidas no ato de educar, que estão para além de ensinar conteúdos, fórmulas e regras. Relações transferenciais percorridas em „verso e prosa” pelos psicanalistas de ontem e de hoje. Relações que não se concentram apenas no domínio das ciências que eles ensinam nas escolas. Para tanto é importante também que haja estudo sobre os principais conceitos psicanalíticos propostos por Miller que tratam da tragédia que significa o „não „ouvir” o que as crianças têm a nos dizer sobre seus sentimentos. Sobre não acolher esses sentimentos sejam eles de amor ou ódio. Sobre não olhar para as feridas na dignidade das crianças que são maltratadas e violentadas em seu direito de „ser”. E quando ao educador não é dada a possibilidade do acesso a esses conhecimentos? E quando ao educador, especialmente, o brasileiro é imputada tantas outras atribuições administrativas e burocráticas seguidas de falta de reconhecimento e consideração? Para responder ousamos parafrasear Alves (2004): “professor, cuide de seus olhos, boca e coração” e siga a orientação do pai da psicanálise,

Se considerarmos agora os difíceis problemas com que se defronta o educador – como ele tem de reconhecer a individualidade constitucional da criança, de interferir, a partir de pequenos indícios, o que é que está se passando na mente imatura desta, de dar-lhe a quantidade exata de amor e, ao mesmo tempo, manter um grau eficaz de autoridade -, haveremos de dizer a nós mesmos que a

única preparação adequada para a profissão de educador é uma sólida formação psicanalítica. Seria melhor que o educador tivesse sido, ele próprio, analisado, de vez que o certo é ser impossível assimilar a análise sem experimentá-la pessoalmente. A análise de professores e educadores parece ser uma medida profilática mais eficiente do que a análise das próprias crianças, e são menores as dificuldades para pô-la em prática. (FREUD, 1933, 1996, p.147).

Miller afirma que quando o adulto, por meio da análise, puder enfrentar a verdade de sua infância e finalmente puder se sentir ouvido e acolhido em seus direitos e necessidades, somente assim desenvolverá uma genuína capacidade de, verdadeiramente, ouvir o outro e com ele estabelecer uma relação de acolhimento e de cuidados. Para o bem de todos!

BIBLIOGRAFIA

ACASO, María. **Pedagogías invisibles**. Madri: Los libros de la Catarata, 2018.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.

ALVES, R. **Gaiolas ou Asas: A arte do voo ou a busca da alegria de aprender**. Porto: Edições Asa, 2004. Disponível em <<https://pt.slideshare.net/patriciasantosjp/o-olhar-do-professor-rubem-alves>>. Acesso em 02 maio 2020.

ANTIPOF, Daniel I. **Helena Antipof: sua vida, sua obra**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1996.

ANTIPOF, Helena. Como a escola pode contribuir para a formação de atitudes democráticas? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, vol. 1, nº 1, 1944.

AULAGNIER, Piera. **Intérprete em busca de sentido**. São Paulo: Editora Escuta, 1990.

BERTOLINI, Piero. **Educazione e politica**. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2003.

BICUDO, Virgínia Leone. **Nosso mundo mental**. São Paulo: Difusão Cultural, 1956.

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem. Educação democrática para um futuro humano**. Tradução de Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Editora Autêncica, 2013.

BLOOM, Harold. **A anatomia da influência. Literatura como modo de vida**. Tradução de Ivo Korytowski e Renata Telles. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

BOLTANSKI, Luc e CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. Tradução de Álvaro Cabral, São Paulo: Martins Fontes, 2015.

BUDE, Heinz. **La sociedade del miedo**. Tradução de Alberto Ciria. Barcelona: Herder, 2017.

BUENO, André. **Memórias do futuro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

CABRAL, T. C. B. **Contribuições da psicanálise à educação matemática: a lógica da intervenção nos processos de aprendizagem.** Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1998.

CANETTI, Elias. **Massa e poder.** Brasília: Editora da UNB, 1983.

CASTILHO, Ricardo Moreno. **La conjura de los ignorantes: de cómo los pedagogos han destruído la enseñanza.** Madri: Editorial Pasos Perdidos, 2016.

CERTEAU, Michel. **A cultura no plural.** Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas, Papirus, 1995.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal.** Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. **La pesadilla que no acaba nunca.** Tradução de Alfonso Diez. Barcelona: Editorial Gedisa, 2017.

FAURE, Sébastien. **La Ruche: una experiência pedagógica.** Madri: LaMalatesta Editorial, 2013.

FREUD, Sigmund. **Por que a guerra? (Carta a Einstein, 1932).** Obras Completas – Volume XVIII. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Recordar, repetir e elaborar.** (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II [1914]). Obras Completas – Volume XII. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. **Compêndio de psicanálise.** Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão.** Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2010.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura.** Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 67-150). Rio Janeiro: Imago. 1996 (1929).

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise.** Obras Completas - Vol. XI. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia.** Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FREUD, Sigmund. **Novas conferências introdutórias a psicanálise (1933)**. Obras completas vol. XVIII. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **O infamiliar**. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

FREUD, Sigmund. (1975). **Análise terminável e interminável** (M. A. M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 23, pp. 239-288). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1937).

GAY, Peter. **Freud – uma vida para o nosso tempo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUTIÉRREZ, Enrique Javier Díez. **Neoliberalismo educativo. Educando al nuevo sujeto neoliberal**. Barcelona: Octaedro Edición, 2018.

HADOT, Pierre. **A filosofia como maneira de viver**. Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2016.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

KUPFER, M. C. **O desejo de saber**. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1991.

LAJONQUIÈRE, L. de. **Infância e ilusão (psico)pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 1999.

L'ECUYER, Catherine. **Educar en el asombro. Como educar en un mundo frenético e hiperexigente?** Barcelona: Plataforma Editorial, 2012.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. Tradução de Hortência Santos Lencastre. São Paulo: N-1 edições, 2017.

LECHNER, Norbert. **Los patios interiores de la democracia. Subjetividad y política**. Chile: Fondo de Cultura Económica, 1990.

LEWKOWICZ, Ignacio. **Del fragmento a la situación. Notas sobre la subjetividad contemporânea**. Buenos Aires: Altamira, 2003.

LIRIA, Carlos Fernández, FERNÁNDEZ, Olga Gracia, FERRÁNDEZ, Enrique Galindo. **Escuela o barbárie. Entre el neoliberalismo salvaje y el delirio de la izquierda**. Madrid: Ediciones Akal, 2017.

LOPARIC, Zejko (Org.). **Winnicott e a ética do cuidado**. São Paulo: DWW Editorail, 2013.

LUQUE, Eduardo. CARRERA, Pilar. **Nos quieren más tontos. La escuela según la economía neoliberal.** Barcelona: El Viejo Topo Edición, 2016.

MANNONI, Maud. **Amor, ódio, separação. O reencontro com a linguagem esquecida da infância.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

MANNONI, Maud. **La educación imposible.** Tradução de Pilar Soto. México: Siglo XXI, 1997.

MASSCHELEIN, Jan e SIMONS, Maarten. **A pedagogia, a democracia, a escola.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

MASSCHELEIN, Jan e SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola. Uma questão pública.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

MEIER, Christian. **Política e graça.** Tradução de Estevão Rezende Martins. Brasília: Editora da UNB, 1997.

MESZÁROS, István. **A educação para além do capital.** Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2008.

MILLER, Alice. **A revolta do corpo.** Tradução de Gercélia Batista de Oliveira Mendes. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MILLER, Alice. **No princípio era educação.** Tradução de Eurides Avance de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MILLER, Alice. **O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos.** Tradução de Cláudia Abeling. São Paulo: Summus, 1997.

MILLER, Alice. **A verdade liberta.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MILLER, Alice. **Não perceberás: variações sobre o tema do paraíso.** Tradução de Inês AntoniaLohbauer. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MILLER, Alice. **Resolvendo o legado do abuso infantil.** 2006. Disponível em <<https://www.alice-miller.com/resoudre-les-sequelles-causees-par-la-maltraitance-infantile>>. Acesso em 17 maio 2019.

MILLER, Alice. **Nosso corpo nunca mente – Um desafio.** 2005. Disponível em <<https://www.alice-miller.com/notre-corps-ne-ment-jamais-un-defi/>>. Acesso em 17 maio 2019.

MILLER, Martin. **El auténtico “drama del niño dotado”. La tragédia de Alice Miller.** Traducción del alemã de Lorena Silos. Barcelona: Tusquets Editores, S.A., 2015.

MOUFFE, Chantal. **Agonística. Pensar el mundo politicamente.** Tradução de Soledad Laclau. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.

NÁSIO, Juan-David. **Introdução às Obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995.

ORLANDI, Luiz B. L. Um gosto pelos encontros. Territórios da Filosofia, 2014. Disponível em <<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/29/um-gosto-pelos-encontros-luiz-orlandi>>. Acesso em 30 jun. 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante.** Tradução de Lílian do Valle. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento.** Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético / estético / política no trabalho acadêmico. In: **Cadernos de subjetividade.** São Paulo. V. 1 e 2. Set. fev. 1993. Páginas 241 -251.

ROLNIK, Suely. **A hora da Micropolítica.** 1ª ed., São Paulo: nº 1, v. 1, 2016, 13p.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempos de globalização. In: **Cultura e subjetividade: saberes nômades**, Daniel Lins (org.). Campinas/SP: Papyrus, 1997, pags. 19 à 24.

ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: **Cultura e subjetividade: saberes nômades** / Daniel Lins (org.). Campinas/SP: Papyrus, 1997, pags. 25 à 34.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição. Notas para uma vida não cafetinada.** São Paulo: N-1 Edições, 2018.

ROYO, Alberto. **Contra la nueva educación.** Barcelona: Plataforma Editorial, 2016.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem.** Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Sigmund Freud: na sua época e em nosso tempo.** Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma pedagogia do conflito. In.: SILVA, Luiz Heron, AZEVEDO, José Clóvis de e SANTOS, Edmilson Santos dos. **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais.** Porto Alegre: Editora Sulina, 1996. Págs.: 15 – 33.

SARTRE, Jean Paul. **O que é a subjetividade?** Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

TODOROV, Tzvetan. **A beleza salvará o mundo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

VILELA, Eugênia. **Silêncios Tangíveis. Corpo, resistência e testemunho nos espaços contemporâneos de abandono**. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

WINNICOTT, Donald. W. **A família e o desenvolvimento individual**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WINNICOTT, Donald. W. **Natureza humana**. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1990.

WINNICOTT, Donald. W. **O ambiente e os processos de maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed Editora, 1983.

WINNICOTT, Donald. W. **O brincar e a realidade**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Revisão de Francisco de Assis Pereira. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald. W. **Os bebês e suas mães**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo e Revisão técnica de Maria Helena Souza Patto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WINNICOTT, Donald. W. **Privação e delinqüência**. Tradução de Álvaro Cabral e revisão de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

WINNICOTT, Donald. W. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 2011.